

W.J. CRAWFORD

MECÂNICA PSÍQUICA



**Uma explicação científica dos
fenômenos psíquicos**

WILLIAM JACKSON CRAWFORD
MECÂNICA PSÍQUICA

Lançamento original:

William Jackson Crawford - La Mécanique Psychique

*Traduit et adapté des études expérimentales de l'auteur: The Reality of
Psychic Phenomena, Experiments in Psychic Science, Structures at the
Goligher Circle par René Sudre.*

Éditeur Payot

106, Boulevard Saint-Germain, 106

Paris - 1923

Tradução de Haydée de Magalhães

Supervisão de Carlos Chaves



**William Jackson Crawford
(1881-1920)**

William Jackson Crawford nasceu na Irlanda, em 1881, e faleceu também na Irlanda, em 30/7/1920. Foi professor de Engenharia Mecânica da Universidade Queen's de Belfast, na Irlanda.

Ensinava ele não a Mecânica Racional, que, por suas afinidades com a Matemática Pura, permite grandes evasões para fora do mundo sensível, mas a Mecânica Aplicada, isto é, um conjunto de leis práticas, de fórmulas semelhantes e numéricas, necessárias aos engenheiros para medir em suas construções a resistência dos materiais.

Dentre as suas contribuições à Mecânica Aplicada, consta um Tratado Elementar de Estática Gráfica e Cálculos Termodinâmicos sobre a Entropia e a Temperatura. Crawford é o homem dos cálculos e dos diagramas, que exprimem realidades materiais.

PESQUISAS SOBRE MEDIUNIDADE

A contribuição que o sábio inglês trouxe à meta-psíquica objetiva abrangia três fenômenos principais: A primeira, foi o desenvolvimento de uma hipótese sobre a levitação das mesas; a segunda, abordava o fenômeno dos “raps”, a terceira, foi o estabelecimento de uma hipótese sobre o ectoplasma. Ligava-se ele, assim, diretamente a Crookes, e negava as tradições estabelecidas pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas, iniciando sua famosa enquete sobre a telepatia.

Ele demonstrou que, durante a materialização, o peso do médium baixava alguns quilos, em concordância com o que a literatura da especialidade havia demonstrado.

Afirmou, ainda, que todas as manifestações físicas dos seus médiuns tais como levitação de mesas, movimentação de objetos etc., eram conseguidas através de construções ectoplásmicas.

No seu livro *Psychic Structures*, ele apresenta fotografias do ectoplasma a ser utilizado para levantar mesas. Segundo Crawford, o ectoplasma é a mais proteica das substâncias e pode manifestar-se de muitas maneiras e com propriedades variadas. Isso foi demonstrado numa importante série de experiências de 1914 a 1920, com a médium Kathleen Goligher.

Crawford, ao investigar o fenômeno das batidas “raps”, concluiu que as mesmas são causadas pela projeção, pelo médium, de um longo fio de uma substância diferente de qualquer matéria até então conhecida. Tal substância foi cuidadosamente examinada, em 1903, pelo eminente fisiologista francês Dr. Charles Richet (1850-1935, Nobel de Medicina em 1913), que a chamou de ectoplasma.

Estes fios são invisíveis aos nossos olhos e parcialmente visíveis na placa fotográfica, e conduzem energia de tal maneira, que há perigo quando o médium de efeitos físicos não trabalha pela sua moralização, perigos que são: enfraquecimento da vontade, tentativa de recuperar as energias por meio do álcool, tentativa de fraudar quando as forças aumentam e influência prejudicial de espíritos zombeteiros que cercam os grupos que se reúnem mais por curiosidade do que por interesse sério.

Muitas fotos de materializações foram tiradas. Nas mais diversas experiências com ectoplasma ficou comprovado que, quando tocado, ou iluminado por luz inadequada, o ectoplasma se recolhe rapidamente, com raríssimas exceções. Se agarrado e apertado, o

médium gritará. Com o consentimento da médium Kathleen Goligher, foi cortada uma pequena porção.

Dissolveu-se na caixa em que foi colocado, como se fosse neve, deixando umidade e algumas células que foram examinadas e classificadas como epiteliais da membrana mucosa. Antes de Crawford, a meta-psíquica objetiva não tinha hipóteses aceitáveis sobre o fenômeno.

No começo da segunda metade do século XIX, não existia senão uma hipótese científica para explicar o movimento das mesas giratórias. O Conde Gasparin foi quem primeiro demonstrou, em 1854, utilizando uma leve camada de farinha, que uma mesa podia mover-se sem o contato das mãos. Apesar do apoio do professor Thury, de Genebra, a maioria dos cientistas negou o movimento sem contato, o qual entrava nas alegações extravagantes e charlatanescas.

Foram os ingleses quem reabilitaram as experiências e as ideias de Gasparin através das experiências de Crookes. A força psíquica de Crookes, suscetível de ser transmitida aos corpos materiais através da água e do ar, era bastante semelhante ao fluido de Gasparin, e à força ectênica de Thury. Constitui uma das modalidades do ectoplasma, com a qual Richet e Morselli estabeleceram a teoria do ectoplasma em decorrência das experiências com Eusápia Paladino.

PESQUISAS FINAIS

Depois de Crookes tentou-se medir essa força, capaz de agir mecanicamente à distância, de deslocar objetos, de erguer mesas e mantê-las no ar sem apoio visível, e Crawford foi um dos principais pesquisadores a se dedicarem aos fenômenos. Foram então empregados balanças e dinamômetros. Juntaram-se alguns registradores, impelidos por movimentos semelhantes aos dos relógios, de forma a tornar o fenômeno tão objetivo quanto possível.

Diversos pesquisadores haviam já constatado que Eusápia Palladino podia, sem tocá-la, tornar mais pesada ou mais leve uma mesa, da qual um dos ângulos estivesse suspenso a uma balança. Nas experiências realizadas no Instituto Psicológico, em Paris, em 1906, Eusápia, completamente atada, conseguiu provocar a levitação de uma mesa, cujos pés, presos em prismas de madeira, pousavam em contatos elétricos e observaram que o peso da médium variava de acordo com o peso do objeto levitado em concordância com as hipóteses de

Crawford.

ALGUNS TRABALHOS PUBLICADOS

Crawford fez o seu relato em três livros, que são:

The Reality of Psychic Phenomena (1917), Experiments in Psychical Science (1919), The Psychic Structures at The Goligher Circle (1921).

CONTRIBUIÇÃO ESPÍRITA

O fenômeno das materializações, bem como dos fenômenos de “raps” e da levitação, sempre estiveram muito bem explicados em O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, através da atuação dos espíritos. Mas os trabalhos desenvolvidos por Crawford permanecem como um marco na história das pesquisas científicas voltadas para os fenômenos mediúnicos.

William Jackson Crawford, professor, pesquisador e cientista, é mais um exemplo de que Ciência e Espiritualidade podem caminhar juntas.

Correio Espírita

SUMÁRIO

- Introdução — pág. 11
- I - Composição do círculo e organização das sessões — pág. 23
- II - Registro dos sons pelo fonógrafo — pág. 33
- III - Reação da mesa durante a levitação — pág. 36
- IV - Resistência da mesa e os fenômenos diversos — pág. 46
- V - Sob a mesa em levitação — pág. 53
- VI - Levitação direta sobre a balança — pág. 58
- VII - Medida dos componentes da reação — pág. 63
- VIII - Experiências Complementares — pág. 72
- IX - Teoria da "alavanca encaixada" — pág. 78
- X - Raps — pág. 87
- XI - Teoria projetiva dos Raps — pág. 91
- XII - Experiências Diversas — pág. 98
- XIII - Conclusões Gerais — pág. 102
- XIV - Os novos problemas — pág. 110
- XV - Estudo das reações mecânicas — pág. 114
- XVI - Propriedades físicas das estruturas — pág. 128
- XVII - Análise dos resultados — pág. 134
- XVIII - Levitação ao contacto — pág. 144
- XIX - Fenômeno de "voz direta" — pág. 149
- XX - As impressões psíquicas — pág. 157
- XXI - O problema das meias do médium — pág. 162
- XXII - O método dos corantes e origem das estruturas — pág. 167
- XXIII - Visibilidade e fotografia das estruturas — pág. 173



Fig. 01 - A médium Kathleen Goligher



Fig. 2 Extraído da obra - W. J. Crawford - The Psychic Structures at the Goligher Circle - Fotografia da alavanca psíquica - (Um acidente quebrou o clichê)



Fig. 3 Extraído da obra - W. J. Crawford - The Psychic Structures at the Goligher Circle - Alavanca psíquica levantando a mesa.

INTRODUÇÃO

Não é necessário esperar que a ciência psíquica tenha saído do período empírico onde ainda se encontra, para se atribuir a W. J. Crawford um lugar proeminente entre os seus codificadores. É surpreendente notar que num país, onde há quarenta anos não existe interesse senão pelas manifestações intelectuais da mediunidade, sejam as manifestações físicas aquelas que o sábio estudou com predileção exclusiva. Ligava-se ele, assim, diretamente a Crookes, e negava as tradições estabelecidas pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas, iniciando sua famosa enquête sobre a telepatia. Dentre as razões que isto determinaram, está em primeiro lugar a independência de espírito desse pesquisador, que não segue escola alguma, que conhece apenas os trabalhos de seus predecessores, (ele cita somente os de Schrenck-Notzing) e que parece avesso a toda investigação teórica. Primeiramente, Crawford foi professor de mecânica do Instituto Técnico e da Universidade de Belfast; ensinava ele, não a mecânica racional, que, por suas afinidades com a matemática pura, permite grandes evasões para fora do mundo sensível, mas a mecânica aplicada, isto é, um conjunto de leis práticas, de fórmulas semelhantes e numéricas, necessárias aos engenheiros para medir em suas construções a resistência dos materiais. Não fiquemos surpresos ao encontrar na lista de suas obras, um Tratado Elementar de Estática Gráfica e Cálculos Termodinâmicos sobre a Entropia e a Temperatura. Crawford é o homem dos cálculos e dos diagramas, que exprimem realidades materiais.

Finalmente, terceira razão, seu médium, Mlle. Goligher era um médium de fenômenos físicos. Bem sei que os médiuns são um pouco o que deles se faz e que nesta misteriosa comunhão do subconsciente, que é a essência da metapsíquica, O médium esposa a personalidade

intelectual e afetiva de seu operador. Não há dúvida de que devemos aceitar, até segunda ordem, a diferença entre a mediunidade intelectual e a física; é cômoda e corresponde aos fatos. A descoberta acidental de um médium notável explica, em conclusão, porque Crawford constitui uma singularidade num país onde todo movimento à distância é suspeito e onde tão injustamente são tratadas as pessoas que os produzem.

Onde estava a metapsíquica objetiva, antes de Crawford? No começo da segunda metade do século XIX, não existia senão uma teoria científica para explicar o movimento das mesas giratórias. Grande foi a emoção, quando o Conde Gasparin demonstrou, em 1854, por meio de uma leve camada de farinha, que uma mesa podia mover-se sem o contacto das mãos. Apesar do apoio do professor Thury, de Genebra, negou-se o movimento sem contacto, o qual entrava nas alegações extravagantes e charlatanescas do magnetismo animal (*). Foram os ingleses que reabilitaram as experiências e as idéias de Gasparin. A força psíquica de Crookes, suscetível de ser transmitida aos corpos materiais através da água e do ar, outra coisa não é senão o fluído de Gasparin e a força ectênica, de Thury. Constitui uma das modalidades do ectoplasma, com a qual Richet e, Morselli estabeleceram a teoria após as experiências com Eusápia Paladino.

() Para detalhes mais amplos sobre a história desse período tão interessante, deve-se ler o livro: Introdução à Ciência Psíquica, de nossa autoria.*

Depois de Crookes, tentou-se medir essa força, capaz de agir mecanicamente a distância, de deslocar objetos, de erguer mesas e mantê-las no ar sem apoio visível. Foram então empregados balanças e dinamômetros. Juntaram-se alguns registradores, impelidos por movimentos semelhantes aos dos relógios, de forma a tornar o fenômeno tão objetivo quanto possível. Os sábios italianos haviam já constatado que Eusápia podia sem tocá-la, tornar mais pesada ou mais leve uma mesa, da qual um dos ângulos estivesse suspenso a uma balança. Nas experiências realizadas no Instituto Psicológico em Paris, em 1906, Eusápia, e completamente atada, conseguiu provocar a levitação de uma mesa, cujos pés, presos em prismas de madeira,

pousavam em contactos elétricos. Viu-se pela primeira vez que, colocando-se o médium, sobre a balança, durante a levitação seu peso aumentaria mais ou menos tanto quanto o peso da mesa: resultado importante que Crawford verificou centenas de vezes e que é o ponto de partida de seus estudos.

O liame "fluídico" entre o médium e os objetos deslocados era quase sempre invisível; mas, com Eusápia, viam-se mãos mais ou menos nebulosas pegar esses objetos e transportá-los no espaço. A teoria da telecinesia, isto é, ação a distância, foi pouco a pouco elaborada. Colocada frente a uma meta a alcançar, o médium cria os instrumentos necessários. Com o ectoplasma que ele tem o poder de emitir e que recebe de sua própria substância, modela os membros avulsos, os quais são como um prolongamento dos seus. As impressões de seus membros poderiam ser obtidas com argila. Se sua imaginação não é muito primitiva, muito antropomórfica, ou simplesmente por economia, limita-se a fabricar barras, pinças, fios, em poucas palavras instrumentos reduzidos a sua forma mecânica essencial. As belas experiências de Ochorowicz e de Schrenck-Notzing com Stanislaw Tomczyk confirmaram em todos os pontos estas conclusões. Comparando essas experiências aquelas em que o ectoplasma modela figuras, o problema nas materializações apresentava-se sob um duplo aspecto complementar: as criações artísticas e as criações utilitárias, as quais são devidas, segundo os espíritas à intervenções de espíritas desencarnados, ou segundo os animistas, à colaboração mais ou menos inconsciente do médium, ou de seu operador. Tal era a situação da ciência no momento que Crawford começou suas pesquisas. No entanto, não é certo que tenha obtido todos estes resultados.

A contribuição que o sábio inglês trouxe a metapsíquica, objetiva, pode levar a três direções principais: uma teoria sobre a levitação das mesas, uma teoria sobre os raps, e uma teoria sobre o ectoplasma. Como já foi dito, começou por estabelecer que, numa levitação total, o

peso da mesa passa integralmente para o médium (*). Somente uma pequena parte da reação (3%) é sofrida pelos presentes. Omitindo esses 3% que são, aliás, erros de experiência, veem-se que o médium forma um todo com a mesa, como se a sustentasse com as mãos. Por conseguinte, não é necessário ser muito entendido em mecânica para imaginar que, neste caso, o médium está preso à mesa por um liame rígido, não obstante invisível: é o cantilever, o "levier encastré" de Crawford. Não seria de admirar que, depois disto, dedicasse tantas sessões a averiguar se havia um ponto de apoio no solo. Neste caso, com efeito, a reação não seria transportada integralmente para a balança; poderíamos mesmo constatar uma diminuição no peso do médium. Foi realmente o que aconteceu, mas Crawford ficou muito tempo confuso pelas reações parasíticas que se processavam na balança. Não o censuremos por seca falta de intuição. Desconfiava das idéias preconcebidas e ficava apegado a experiência. Ora, as condições difíceis em que trabalhava, com luz vermelha, sem ajuda de um assistente, como também fenômenos de caráter tão complexo, não eram propícios a, um esclarecimento rápido do problema. A estas dificuldades, acrescentava-se a natureza da própria alavanca, que não é uma substância inerte, mas uma substância viva, capaz de exercer esforços autônomos, fora de qualquer previsão lógica. Devemos, portanto admirar a sua paciência, que lhe permitiu encontrar a solução. Quando os corpos eram leves, erguia-os o médium com seca alavanca ao comprido; quando eram muito pesados e que a esforço o fazia soçobrar, dava-lhe a curvatura necessária para que tivesse um ponto de apoio no solo. A alavanca encaixada transformava-se uma simples alavanca de Galileu, aquela que em mecânica se chama atualmente alavanca de primeiro gênero, estando o ponto de apoio entre a força e a resistência. A teoria dos raps é uma consequência da teoria sobre a alavanca. Desde que os "operadores" invisíveis, dos quais falaremos mais tarde, criam hastes para erguer a mesa, criam igualmente outro modelo para produzir ruídos vários, desde o choque do martelo até a fricção da lixa na madeira. A extremidade destas

hastes ou estruturas materializa-se mais ou menos para esse fim. Chegamos assim, naturalmente, à teoria do ectoplasma, rigorosamente calcada em fatos. Essa teoria é mais ou menos semelhante à teoria das “duas diástases”. A hipótese sobre as substâncias psíquicas X e Y, não tem outra finalidade senão explica-a a saída e entrada do ectoplasma num corpo: é uma hipótese de trabalho. Mais contestável é a afirmação de que seja o médium aquele que fornece a matéria e os assistentes a energia. Na ciência moderna não existe diferença de natureza entre matéria e energia e em parte alguma esta, verdade aparece tão claramente quanto na metapsíquica. As outras experiências relativas ao peso do ectoplasma, às impressões deixadas na argila e o método sobre colorantes, são perfeitamente convincentes. Seria de admirar se um resultado que à priori constituiria uma conjetura, de fraude - a trama das meias do médium marcados na argila - venha a ser, ao contrário, a mais brilhante, prova da existência do ectoplasma e de sua origem. Os últimos trabalhos de Crawford coroam sua obra.

() Este fato foi rigorosamente verificado nas recentes experiências de Schrenck-Notzing e Grunewald, com os aparelhos registradores deste último.*

Não somente essa obra não contradiz em nada os resultados já obtidos, como as confirma. Todas as experiências realizadas com Eusábia Paladino, Stanislaw Tomczyk, Willg S., Eva C., sobre as reações mecânicas, como sobre a procedência e os aspectos do ectoplasma, são confirmadas e aperfeiçoadas, e hoje, podemos dizer que a telecinesia é uma, das divisões mais sólidas da ciência psíquica. Deixemos de lado a questão da "voz direta" que o autor estudou a título de curiosidade, com outro médium, sem no entanto garantir a autenticidade dos fenômenos que se passavam em completa obscuridade. Ele não responde senão pelas experiências feitas com os Goligher, por estar seguro de sua honestidade e, acima de tudo, do rigor de seus métodos. Seria necessário ler, em sua forma original, esses três livros, para apreciar a probidade e a minúcia desse pesquisador. Ah! não é místico, o bravo Crawford! É isto sim, o homem mais positivo, mais matter-of-fact que podemos encontrar nesse país

pragmático. Não vai além do testemunho de seus sentidos e, se crê em outro mundo, nada se percebe que ele o possa imaginar edificado em plano diverso do nosso. Assim, quando equilibra uma balança, quando faz a leitura de um termômetro, ou estuda com uma lente as meias do médium, podemos estar seguros daquilo que anotou em seu carnet. Não se satisfaz unicamente com uma experiência, faz duas, três, e só se detém quando se sente seguro de seu resultado. Segue lentamente, pesadamente mesmo, com um desprezo bem inglês pelo progresso lógico do pensamento, mas com uma tenacidade que, através de vários atalhos, o leva as outras fronteiras. No entanto, longe está de considerar seu médium um mecanismo, e compreender perfeitamente a necessidade da pesquisa psíquica. “Em um laboratório de mecânica, diz ele, empregamos, por exemplo, a força de determinada quantidade de libras a uma determinada parte de determinada máquina e podemos sempre esperar o mesmo resultado”. No domínio psíquico, não acontece necessariamente que uma causa fundamental produza sempre o mesmo resultado. Nossos instrumentos, no trabalho científico, obedecem freqüentemente a tudo, menos a nós, e os fatores desconhecidos são predominantes. Para estarmos certos de que não esquecemos esses fatores estranhos, não nos podemos julgar com o direito de descuidar o mínimo detalhe na descrição dos fenômenos, sob pretexto de que esse detalhe seja insignificante. Igualmente Crawford nada, nos deixou faltar. Seus livros são a cópias, apenas redigida, de seus carnets de laboratório. Relata todas as operações realizadas. Assim, coloca o fonógrafo em cima da mesa (acrescentando que essa mesa foi mais tarde, transferida de lugar). Coloca papel por baixo da mesa para amortecer as vibrações. Introduce o rolo no aparelho. Vira a chave a gás da lanterna, etc. Além dos gestos, grande número de medidas úteis ou inúteis são consignadas. É necessário saber que determinada caixa de pilhas tem 9 cm de comprimento, e 20 cm de largura, que determina vareta de vidro, com a qual tentará a condutibilidade da força psíquica, tem 35 cm de comprimento e 8 mm de diâmetro. Quem sabe se esses números nos podem ser úteis?

Crawford não teme repetir. Despreza elegâncias da forma, desde que essa forma não prejudique a compreensão da matéria. Enfim, nunca assume um tom categórico e as palavras voltam a cada instante, sob sua pena. Para que os franceses não tenham seus ouvidos molestados, devíamos atenuar o que considerarmos imperfeições, mesmo na linguagem científica. Sem dúvida nada omitimos de essencial; respeitamos, acima de tudo, esse estilo escrupuloso e esse acento de bonomia realista que é, algumas vezes, bem, saboroso.

Já no primeiro capítulo de sua obra, Crawford aborda claramente a questão da fraude. Enumera as razões de ordem moral e técnica, os quais, após seis anos de trabalho (de 1914 a 1920), o levam a repelir tal hipótese, É necessário meditar, mormente agora, que vem de aparecer um pequeno livro atribuído a Fournier d'Albe, o qual insinua que os membros do círculo Goligher, com exceção do experimentador, eram uma família de trapaceiros (*). Encarregado pelo executor testamentário de Crawford de prosseguir com as experiências deste último, organizou em Belfast 20 sessões, de 16 de maio a 29 de agosto de 1921. Ao cabo de três meses, interrompeu-as e escreveu a Mlle Goligher que as experiências "não forneceram nenhuma prova definida em favor da origem psíquica dos inúmeros fenômenos" aos quais havia testemunhado e que "por conseguinte, esses fenômenos não tinham nenhum valor científico". Em sua exposição, declara ter dado crédito à sua, sinceridade durante as seis primeiras sessões. Constatou levitações, raps, transporte de abjetos, pressão em botões elétricos, etc. Uma bola de tênis e uma rolha foram roubadas de um cesto; um botão de porcelana foi retirado de uma garrafa contendo mercúrio, o que afasta a hipótese de que a garrafa tivesse caído. Durante a sexta sessão, uma fotografia do ectoplasma foi tirada por simples contacto e sombra sobre papel-bromo. Essa fotografia provocou suspeitas atas em Fournier d'Albe por revelar a estrutura de uma musseline. Suas dúvidas se agravaram, quando não conseguia dos "operadores" novos clichês, para compará-los àqueles do tecido. Posteriormente, fez outras constatações, as quais lhe pareceram

suspeitas; mas o que determinou sua convicção, foi distinguir, ou crer distinguir, à fraca claridade da lanterna vermelha, o pé do médium erguendo um pequeno tamborete. Teve a impressão de que nesse momento, o Sr. Morrison tentava disfarçar o embuste.

() The Goligher Cercle. (John M. Londres, 1922)*

Seria necessário não conhecer a psicologia da suspeita, para não adivinhar que, a partir desse momento, todos os fenômenos lhe pareceram falsos... Seria também necessário ignorar a psicologia da mediunidade para não saber que uma tal suspeita, cada vez mais hostil, agravando-se mais e mais, paralisaria o médium. Foi justamente o que aconteceu, e as sessões foram suspensas. Mlle Goligher declarou não tomar parte mais em sessões antes de um ano por necessitar de repouso. Fournier d'Albe, embora tarde, percebe todos os sinais da fraude: luz escassa junto ao solo, hábito de cantar hinos para dissimular os preparativos culposos, junção das mãos para transmitir mensagens, ordem invariável dos assistentes para melhor simular a invariabilidade dos fenômenos, auxílio dos "aparadores" para se oporem a qualquer pergunta importuna, enfim o fato de que "todos os membros do círculo são operários com mãos hábeis". Pesando bem todos esses detalhes, concluímos que seu valor é mínimo e que não podem, de maneira alguma, ser elevados à altura de prova. Fournier d'Albe tenta, sem reflexão, destruir em vinte sessões, tão pouco metódicas quanto possível, um trabalho que custou ao honesto Crawford anos de experiências hábeis e contraprovas severas. O ectoplasma em forma de tecido, sabemos que foi constatado em diversos médiuns, particularmente em Eva, a quem, coisa estranha, Fournier d'Albe não contesta a autenticidade das materializações. Quanto ao movimento dos pés ou mãos, já não sabemos que os médiuns os fazem sempre involuntariamente, quando realizam ações a distância? Crawford havia justamente observado isso. "No círculo Goligher, diz ele, acontecem coisas que podem parecer fraudulentas a um observador superficial; por exemplo, acontece que o corpo do médium, ou partes de seu corpo, executam movimentos espasmódicos quando violentos raps se produzem. São simplesmente reações, mas

aquele que procura a fraude, imediatamente as atribui ao embuste. A semelhança accidental entre os fenômenos verídicos e os fenômenos simulados é bastante desconcertante para aquele que a experimenta pela primeira vez. Devido a essa semelhança, obras cheias de promessa no domínio psíquico foram interrompidas".

Além da autoridade de Crawford, os testemunhos dos visitantes do círculo Goligher são unânimes em afastar a idéia de fraude. Os ruídos produzidos, dizem eles, excediam aqueles que poderiam ser feitos por todos os assistentes reunidos. Quanto às levitações, algumas atingiam, com uma mesa sobrecarregada, a altura dos ombros de um homem e prolongavam-se por vários minutos, malgrado os esforços feitos para empurrar a mesa para, o solo. Teria alguém pernas suficientemente sólidas para realizar, sob o olhar vigilante dos censores, tais esforços? Posteriormente, inventou Crawford uma mesa de dois pés, tendo ao centro um fundo bem fino, que necessitaria ser tocada por longo tempo, para ser mantida em equilíbrio na ponta do dedo do pé. O eminente físico e psíquico, Sir William Barret, atesta a autenticidade dos fenômenos. Achando-se a mesa colada ao chão, tentou inutilmente levantá-la, certificando-se também de que nenhuma pressão normal interviria; pouco depois, a mesa levantou-se, por si, retomando seu lugar, sem que pés e mãos dos assistentes se houvessem movido. Enfim, Fournier d'Albe nada esclareceu sobre as distâncias em que tiveram lugar as experiências, apesar dos insistentes convites de Schrenck-Notzing. Não fez a menor tentativa para verificar as experiências realizadas na balança, onde a fraude é impossível de ser concebida. Portanto, podemos admitir o que diz o grande sábio bávaro: "Se alguma coisa pudesse fortalecer minha convicção em relação às pesquisas do Dr. Crawford, seria o livro do Dr. Fournier d'Albe".

As reflexões emitidas no decorrer de suas pesquisas, provam que Crawford nunca deu credito às opiniões dos médiuns e que, no íntimo, era bastante cético. Não dando crédito senão ao testemunho de suas percepções, tinha certo desprezo pelos fenômenos intelectuais. "Não

me sai do pensamento, dizia ele, que fenômenos tais como a palavra no estado de transe, a clarividência, a audição, a escrita automática com prancheta e ouijá, não deva seus resultados, em grande parte, ao médium. Dificilmente compreendemos como o espírito do médium possa erguer uma mesa que está colocada a uma, distância de alguns pés e que pesa 50 libras, mas é fácil compreender como seu espírito, em estado de subconsciência, possa ser responsável pelas inépcias declamadas durante o transe, ou nove sobre dez do que se diz em lucidez". O autor não confiava nas visões das pessoas sensíveis. Ainda que cite um caso curioso, declara ironicamente que "esperar de nossa clarividência uma informação qualquer sobre os processos psíquicos do círculo Goligher, seria o mesmo que se apoiar num bastão quebrado". Quanto as afirmativas daqueles que diziam ter visto os "operadores" erguerem a mesa com as mãos durante suas experiências, ria-se: "Isso simplificaria muito, disse ele, o problema da levitação!"

No entanto, ele crê na existência desses operadores invisíveis. Em uma palavra, é espírita. No prefácio de primeiro volume, (*) declara formalmente estar "pessoalmente convencido de que os operadores invisíveis são os espíritos dos seres humanos que passaram para o Além". Dois anos mais tarde, repete no segundo volume: "Intimamente estou plenamente convencido de que os operadores são homens desencarnados. Não me ocupo senão com métodos pelos quais os fenômenos são produzidos e, pouco me interessa que os operadores sejam o que dizem ser ou elementos disfarçados do subconsciente do médium. "É-me suficiente saber que são inteligências produzindo fenômenos. No entanto, vi e ouvi bastante no círculo Goligher e em outros círculos, para me convencer de que o homem não morre verdadeiramente na morte física mas que passa a um outro estado de existência..... "Portanto, a convicção de Crawford não é uma crença religiosa, mas uma hipótese científica que considera justificada pela experiência e que em nada afeta o rigor de sua observação. Sente-se que adotaria a hipótese materialista, sem esforço. Rejubilando-se com

o interesse crescente do público pelas manifestações psíquicas, Crawford não se irritava em demasia com a atitude dos jornais que acreditavam lutar contra a superstição, combatendo a nova ciência. "A julgar pelos artigos hostis que, vez ou outra, aparecem na imprensa, uma pessoa mal informada poderia concluir que os fenômenos psíquicos, são simples embustes e aqueles que dela se ocupam, farsantes ou iludidos. A atitude superior de grande parte da imprensa é muito divertida..." Aos pesquisadores, dizia: "Limitai vossa atenção a um pequeno assunto, pois é tão vasto que o homem algum pode abraçá-lo integralmente. Não percais tempo em verificar a realidade dos fenômenos, quando estiverdes convictos de que os fenômenos são autênticos, não tenteis convencer todo o mundo: é impossível."

() Malgrado essa declaração, o prefácio é insignificante, assim como a do segundo volume e não julgamos útil reproduzi-lo.*

Sendo um pesquisador integro, repetimos que suas ambições eram científicas. Escrevia: "Desejo trabalhar na descoberta das leis psíquicas, a fim de que não mais haja mistério no futuro. Quando deixar de haver mistério, não mais haverá mercadores do mistério". Talvez o bom Crawford estivesse um pouco enganado e a humanidade não faça questão de se ver livre da preocupação do sobrenatural. Todavia, esse entusiasmo ingênuo não poderá desagradar aos homens de ciência que ainda não crêem na metafísica; deve inspirar-lhes confiança na obra do professor de mecânica de Belfast. Entretanto, a calúnia o seguiu além-túmulo. Na verdade, Crawford suicidou-se no dia 30 de julho de 1920, durante um acesso de febre cerebral, devido ao esgotamento profissional e as condições criadas pela guerra. Ensinou-se então, que foi um ato de desespero causado pela descoberta de fraude nas experiências feitas com o círculo Goligher e conseqüente desmoronamento de sua obra. Ora, numa carta dirigida a David Gow, diretor da revista Light, quatro dias antes de sua morte, dizia: Estou muito deprimido mentalmente. E há algumas semanas atrás sentia-me tão bem!... Não são os trabalhos psíquicos: faço-os com grande prazer... Sou-lhe reconhecido por dizer que esta obra não

morrerá. “Eu a fiz conscienciosamente demais, para que nela se encontrem lacunas e erros materiais”.

Essa obra não morrerá. A essa conclusão chegará o leitor de boa fé, quando a tiver lido.

René Sudre
Julho de 1922

I COMPOSIÇÃO DO CÍRCULO E ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES

O círculo que, pela sua cooperação voluntária, me permitiu realizar as experiências aqui consignadas, é composto de sete membros: o Sr. Morrison, Sra. Morrison, Srta. Kathleen Goligher, Srta. Lily Goligher, Srta. Ana Goligher, o Sr. Goligher e o jovem Samuel Goligher, enfim, uma família composta de pai, quatro filhas, um filho e um genro. São todos os médiuns em diferentes graus e produzem fenômenos tais como o transe verbal, a escrita automática, movimentos de mesas, etc. A Srta. Kathleen Goligher, a mais moça, é o mais notável entre todos. Esta jovem, nascida no dia 27 de junho de 1898, a mediunidade é provavelmente hereditária, pois as tradições de família registram faculdades psíquicas do lado materno. Essa mediunidade foi descoberta acidentalmente, coisa, aliás, muito freqüente. Há mais ou menos três anos, os Goligher tentaram obter fenômenos psíquicos e formaram o círculo, da forma habitual. Os raps se fizeram ouvir quase que imediatamente e por eliminação, os dons de Kathleen se revelaram. A religião da família é o espiritualismo (1) e não praticam outro culto. A vida doméstica de seus membros é simples, sua união perfeita; são, sob todos os aspectos, dignos de serem os instrumentos

dos extraordinários fenômenos obtidos. A maior parte das sessões dedicadas as minhas experiências, tiveram lugar na água-furtada da casa onde moram os pais da médium. Realizaram-se também, ocasionalmente, em minha casa e em casa de amigos. Não importava onde, os fenômenos se produziam alguns minutos após a formação do círculo.

(1) Nos países anglo-saxões é assim chamado o Espiritismo.

A pesquisa psíquica não se assemelha a nenhuma outra. Só podemos esperar resultados interessantes, se reunirmos, da maneira mais perfeita possível, as seguintes condições:

a) Um médium poderoso.

b) Um círculo que o apóie.

c) O médium e o círculo devem estar imbuídos do caráter sério e excepcional dos fenômenos, comungando no desejo de conseguir o máximo, para o bem geral.

d) Operadores com pontos de vista idênticos. Pessoas de má fé, que não queiram ou não possam cooperar com o executante, devem ser afastadas.

e) Fenômenos não produzidos espontaneamente mas a pedido.

Se o médium tem como essencial ou única ambição, o ganho, toda pesquisa experimental torna-se praticamente impossível. É absolutamente necessário, ao menos para mim, que o médium e os membros do círculo não se deixem levar pela ambição, pois, nesse caso, os fenômenos serão incertos, sem base sólida. No entanto, isto não quer dizer que um médium não deva aceitar uma remuneração honesta.

As cinco condições acima enumeradas são, a meu ver, essenciais. Se alguma delas for omitida, os resultados serão afetados, sob o ponto de vista científico. Esta é, sem dúvida, a razão pela qual este trabalho é tão raramente realizado.

Uma cooperação leal dos "operadores invisíveis" (2) é também necessária, pois os fenômenos espontâneos não oferecem interesse algum. Creio que o que mais me causou impressão durante minhas investigações, foi essa maravilhosa colaboração entre mim e os

operadores. Dificilmente nos habituamos, mesmo após estudar por longo tempo os fenômenos psíquicos, a ser obedecidos por seres que escapam totalmente a vista. Tudo o que lhes pedi durante minhas experiências, foi realizado, Evidentemente, estavam desejosos de se submeter a todos os exames científicos exigidos. Algumas vezes, muito raramente, se alguma coisa era obstáculo ao meu pedido, eles o diziam, batendo uma palavra ou uma frase. Em outras ocasiões, chamavam minha atenção para partes de uma experiência, que me haviam escapado.

(2) A respeito desses operadores invisíveis, entidades independentes ou criações subconscientes do médium, ver a Introdução e o capítulo XIII.

O assoalho do salão, onde habitualmente se realizam as sessões, é nu. Cada membro do círculo possui sua própria cadeira de madeira e salvo alteração, só nela se senta. Além das cadeiras, há um único móvel: a mesa, e sobre a chaminé, bibelôs, exceto, naturalmente, os dias em que trago algum aparelho.

No entanto, na última sessão, foi instalado um pequeno gabinete a um canto do quarto para obter materializações. Uma lanterna com vidros vermelhos, frente e ao lado móveis, alimentada a gás, ilumina as sessões. Sua intensidade pode ser sensivelmente regulada por meio de uma chave comum. Uma vez habituado à luz vermelha, distingue-se nitidamente a maior parte dos objetos da peça. É lamentável que os fenômenos físicos, em geral, não possam se produzir em plena claridade, mas devemos aceitar as coisas como são, submetendo-nos às condições impostas pela natureza. (3) Para ler os pequenos algarismos e a graduação da balança, muitas vezes usei uma lâmpada elétrica de bolso, com o vidro recoberto por papel vermelho transparente.

(3) Em seu segundo volume, Crawford explica que certa vez substituiu os vidros vermelhos da lanterna, por vidros lilás, mas os fenômenos se fizeram esperar longo tempo e foram fracos.

A sessão é começada com um cântico e uma oração. Pouco depois, pancadas leves se fazem ouvir ao lado do médium; aumentam rapidamente de intensidade. Em um quarto de hora, algumas vezes, a

maior parte dos fenômenos estão em plena atividade. De vez em quando se entoia um cântico durante a sessão e termina-se com uma oração.

O método é dos mais simples. Os assistentes sentam-se mais ou menos em círculo, de mãos dadas, formando uma corrente ao redor da mesa. Os resultados são melhores e mais rápidos se a corrente continuar formada mais ou menos meia hora no começo da sessão; em seguida, não importa que os assistentes se dêem as mãos ou as coloquem sobre os joelhos. Isso parece indicar uma ação de princípio de movimento, que cessa, uma vez estabelecido o equilíbrio psíquico.

Os fenômenos são puramente físicos, de maneira que os resultados obtidos dependem da ação da força psíquica sobre os corpos materiais. Não houve até hoje nenhuma materialização completa ou parcial. Sendo os fenômenos devidos à força psíquica podem, portanto, ser estudados com maior precisão do que se oferecessem tipos mais complexos. Estou firmemente convencido de que, se chegarmos a descobrir os processos de aplicação da força psíquica, todo o resto se classificará por si mesmo e se tornará compreensível.

O círculo Goligher manifesta essa força sob seus aspectos mais interessantes. É, não somente muito poderosa, mas precisa, disciplinada e variável ao extremo. Além disso, todos os movimentos materiais são telecinésicos, isto é, produzidos à distância. Em nenhuma das experiências descritas nestas páginas houve o mínimo de contato entre qualquer parte do corpo ou vestuário do médium ou assistentes, com o objeto sujeito a ação psíquica.

Os fenômenos se dividem em duas categorias: impactos e movimentos de corpos materiais sujeitos à fricção e à gravidade. Os impactos consistem em pancadas (raps) aplicadas com suas variações e não são causadas pela ação da matéria sobre a matéria. Assim, um pé de mesa que se ergue e bate o solo, fenômeno muitas vezes por mim observado, não é um impacto. O impacto é um ruído que resulta da aplicação súbita da força psíquica a um corpo material.

O círculo Goligher dá vários exemplos desse gênero. Eis alguns casos mais frequentes: 1.º) raps em todos os graus de energia, dos mais leves aos de um martelo de forja; 2.º) combinações das pancadas: pancadas soltas, pancadas duplas, pancadas triplas (duas rápidas e uma lenta), pancadas em série, imitações de árias de música ou árias de dança (compreendendo as últimas, a dança da areia, baseada na espécie de fricção percebida); 3.º) especialidades: ruído de uma mesa que salta muitas vezes (imitação de rara perfeição), fricção de fósforos, homem caminhando, cavalo trotando, pé de mesa ao ser serrado, lixa no assoalho, etc.

A segunda categoria pertencem os deslocamentos de corpos materiais, causados pela ação da força psíquica. A levitação da mesa é o que há de mais visível e mais freqüente, sendo executados pela mesa toda série de movimentos no assoalho, movimentos laterais ou de rotação, ou ambos combinados. Uma corneta de metal é agitada no ar, uma campainha começa a tocar e os assistentes sentem contatos e apalpadelas.

Presentemente, grandes números de pessoas assistiram a esses fenômenos e não há ninguém que não haja ficado bastante impressionado. Os operadores invisíveis parecem ter prazer em convencer crentes e cétricos da realidade da força psíquica. O visitante usual é habitualmente convidado a entrar no círculo, a segurar a mesa, imóvel, e a tentar mantê-la quieta. Começa então a luta. Se o executante é dotado de músculos sólidos e firmar todo o seu peso exatamente no centro da mesa, poderá consegui-lo por um instante. Mas, logo, (mais cedo que tarde) a mesa lhe escapa, salta, inclina-se, vira-se e, se a pressão muscular se relaxa, ergue-se acima do solo. Então, poucas pessoas conseguirão fazê-la descer, não obstante os esforços empregados. Após esta luta, volta tranqüilamente ao chão e o visitante é convidado a sentar-se sobre ela. Não se demora muito tempo. Ao cabo de um momento, ergue-se vagarosamente sobre dois pés e o faz escorregar para o chão. Enfim é ele "reconduzido" para fora do círculo por um empurrão violento que o obriga a retirar-se.

A questão da fraude

Todas as experiências aqui relatadas só têm valor, por serem os movimentos de mesa, levitações, pancadas etc., verdadeiros, isto é, independentes da ação fraudulenta do médium ou membros do círculo. E entendo por ação fraudulenta, não somente a trapaça consciente, como também a inconsciente; realmente, existem casos em que o médium emprega, mais ou menos conscientemente, meios assimiláveis à fraude, para obter os fenômenos.

Exporei aqui alguns fatos, demonstrando que os fenômenos do círculo Goligher são autênticos e não são devidos, de forma alguma, a trapaças conscientes ou inconscientes do médium e dos assistentes.

1.º) O médium e os seus, são pessoas íntegras, religiosas, de ideais elevados. São incapazes de praticar uma ação má nas coisas mínimas da vida. Vêem os fenômenos como determinados a provar que a vida continua depois da morte, o que hoje é uma realidade absoluta para eles.

2.º) As sessões são consideradas como atos religiosos. Começam e terminam com uma prece. Não é tolerada a falta de decoro.

3.º) Todos os membros do círculo são meus amigos pessoais e os freqüento intimamente há três anos. Conheço a fundo sua concepção da vida, suas particularidades de caráter, integridade perfeita e sua opinião sobre os fenômenos.

4.º) O médium é o membro menos entusiasta do círculo. A Srta. Kathleen é a única a não dar importância aos fenômenos em si, não obstante interessar-se por minhas experiências. Creio que se presta a ser médium, mais por obrigação para com os outros do que para sua própria satisfação.

5.º) Sendo o médium pessoa particular, nada pede. Nunca paguei um vintém pelas sessões que me concedeu. A Srta. Kathleen é muito pouco inclinada a considerar sua mediunidade um valor comercial. (4)

4) De 1914 a 1919, Mlle Goligher realmente não recebeu nenhuma remuneração. A partir dessa data, o autor obrigou a família, que era pobre, a aceitar uma generosa indenização.

6.º) Não existem sessões sem luz. Esta, em geral, é suficientemente forte (quando os olhos já se tiverem habituado à luz vermelha) para que sejam vistos, nitidamente, os assistentes. De preferência, é suave, abastecida por uma chama bastante grande de gás comum. O único inconveniente que há, é quando um corpo igual a uma mesa ou outro objeto qualquer, projeta sua sombra por sobre uma parte do solo. Quase sempre podemos distinguir claramente as mãos dos assistentes. Aliás, enquanto a mesa é erguida, é simples pedir-lhes que a elevem à altura da cabeça sem romper a corrente, de forma a estarmos seguros de que não exercem nenhuma influência. O observador pode encontrar-se no interior do círculo nesse momento, e mover-se por toda a parte, exceto entre a mesa e o médium, que é a única região na sombra. Mas, mesmo com uma das mesas maiores, é possível, às vezes, ver perfeitamente em baixo e constatar a imobilidade dos pés, dos corpos e da corrente das mãos durante a levitação.

7.º) Durante minhas pesquisas, o médium esteve sempre consciente; qualquer espécie de fraude seria então um ato deliberado. Mlle Kathleen interessava-se em geral pelas experiências e preferia esse gênero de sessões as sessões comuns de desenvolvimento. Divertia-me muitas vezes, observando o ardor com que seguia os fenômenos, visivelmente esquecida, nesse momento, de ser ela própria a causa.

8.º) Não importa que os assistentes calcem botas, sapatos, chinelos ou somente meias: o estrondo dos golpes sobre o assoalho, não será de modo algum atenuado. Após tão grande rumor, foi observado a um ilustre visitante que ali se achava de passagem, que todos traziam esarpins de feltro e suas mãos continuavam unidas. Mlle Kathleen descalçou seus chinelos para demonstrar que não havia nenhuma substância sólida aí dissimulada.

9.º) Grande número de pessoas foi convidada a tomar parte nas sessões. Creio poder afirmar que ninguém dentre elas, céticos ou indiferentes, partiu sem estar seguro de ser a força psíquica uma realidade. Sem dúvida, nem sempre o visitante está certo de que os fenômenos são as obra de espíritos desencarnados, mas pelo menos

está convicto de serem eles verdadeiros e de modo algum devidos à ação normal do médium ou dos membros do círculo.

10.º) Seria necessário ver para crer na força dos movimentos da mesa. Atinge às vezes, 50 quilos. Para reproduzi-las, seria necessário que o médium se servisse de seus pés, já que as mãos e o corpo dos assistentes são nitidamente visíveis. Ora, podemos provar que, mesmo que o médium estivesse atirado em sua cadeira, as pernas estendidas e os pés a 50 cm abaixo da mesa e tentasse movê-la, essa fraude seria imediatamente descoberta. Uma pressão insignificante da mesa bastaria para impedi-lo; e já vimos que, mesmo um homem muito vigoroso, não o conseguiria.

11.º) Se o médium se virasse sobre o espaldar de sua cadeira e tentasse erguer a mesa com os pés, não o poderia fazer a não ser por poucos instantes e sacudindo-a. Ora, as características da verdadeira levitação são completamente outras e distinguem-se nitidamente da falsa, a qual não pode sobreviver por longo tempo.

12.º) Despendi muitas horas no interior do círculo e ao seu redor. Coloquei instrumentos complicados sob a mesa, passei muitas vezes meu braço entre esta e o médium, cujos pés e mãos encontrei perfeitamente imóveis durante todas as levitações. Finalmente, se Mlle Kathleen quisesse fazer trapaça, por mais que tentasse, não poderia manter a mesa no ar enquanto meus instrumentos funcionassem e eu trabalhasse entre ela e a mesa

13.º) Admitamos o embuste e vejamos os fatos. Na exp. 50, uma grande balança de molas colocada sob a mesa, marca 13 quilos 600, no momento em que a mesa se encontra a 30 cm acima do solo. Para conseguir este resultado, um dos pés do médium deveria erguer a mesa, enquanto o outro faria pressão sobre a balança, coisa verdadeiramente impossível, mesmo quando ajudamos o médium, segurando seus braços para impedi-lo de cair. Suponhamos, no entanto, que o médium o consiga; como explicar que com a mesma mesa e a mesma balança, o peso seja sempre o mesmo, cerca de meia libra, todas as inúmeras vezes em que tentei a experiência? Como

poderia Mlle Kathleen calcular exatamente a mesma pressão? Como poderia exercê-la gradualmente, de maneira a que a mesa se atirasse no ar, exatamente no momento em que a balança marca 13 quilos e 600?

Na exp. 46 (6.º) coloquei minha mão e parte do braço no estrado da balança, durante a levitação. Nada havia e tanto a levitação quanto o registro, não sofreram alteração.

Vejamos as exp. 48 e 49. Os pés do médium achavam-se próximos ao prego onde estava enganchado o dinamômetro, sobre o assoalho. Eu mesmo lá os coloquei e não se moveram. Houve três fenômenos simultâneos durante essas experiências: levitação da mesa, funcionamento da balança e do dinamômetro. Achava-me perto deste último e minhas mãos moviam-se continuamente diante dos pés do médium e entre estes e a mesa. Além disso, fizemos meia dúzia de leituras, e estas poucas diferiam.

As exp. 51 e 52 demonstram de forma concludente que, quando a mesa em levitação está sobre o estrado, este só reage quando se encontra a 7 ou 8 cm do solo. Portanto, se o médium faz trapaça, ele ergue a mesa com um dos pés até esta altura, colocando então seu outro pé sobre o estrado, aumentando a pressão à medida que este se eleva: processo absurdo se fosse possível. Não o é, pois o médium deveria calcar naturalmente sobre o estrado, no momento em que este se encontra mais abaixo; não esperaria que o mesmo se encontrasse a 7 cm acima do solo para exercer uma pressão que deveria ser exatamente de 340 grs.

A experiência 22 demonstra que o peso da mesa pode ser aumentado a tal ponto, que um homem vigoroso não pode erguê-la. Como poderia haver, trapaça, com uma mesa de prateleira simples e quatro pés? Uma prova usual imposta aos visitantes, é fazê-los segurar a mesa, enquanto se encontra suspensa a uma altura aproximada de 50 cm a fim de impedi-la de voltar ao solo. Não o conseguirão. Ora, é impossível obter este resultado com fraude, dadas as condições de nossas sessões.

Vê-se nas exp. 34, 35, 36 e 37, que eu movia livremente os braços, mãos e minhas varetas sob a mesa em levitação, isto sem encontrar nenhum corpo sólido.

Nas exp. 59 e 60, desloquei livremente os aparelhos no espaço compreendido entre o médium e a mesa, sem deixar de ver todo esse espaço, assim como a mesa.

Em resumo, trabalhei durante quase um ano debaixo e ao redor da mesa em levitação; explorei todo o espaço; observei claramente com meus olhos e por meio de instrumentos, tudo que havia de interessante; e agora posso afirmar que, todos os fenômenos levados a efeito no círculo Goligher, são absolutamente verídicos em seus mínimos detalhes.

II

REGISTRO DOS SONS PELO FONÓGRAFO

Exp. 1. - Verificação do caráter objetivo dos sons.

Um ponto a esclarecer no início das investigações, é o da objetividade dos fenômenos. Um dos argumentos empregados para os negar, é atribuí-los a falsas impressões dos sentidos, recebidas no estado mais ou menos hipnótico, resultante das condições especiais da sessão. Em outras palavras, os raps, levitações e outras manifestações, seriam subjetivas e alucinantes. Esta objeção perde todo valor em razão do grande número de observações feitas diariamente por pessoas de bom senso e como consequência natural de um conhecimento mais profundo das leis do hipnotismo. Vários aparelhos foram inventados para demonstrar a realidade dos fenômenos. Fotografias a magnésio foram tiradas das mesas suspensas. Movimentos causados pela energia psíquica foram registrados automaticamente. Por conseguinte a hipótese de alucinação coletiva não tem base.

Servi-me do fonógrafo para estabelecer a realidade das manifestações auditivas. Experiências preliminares foram feitas com M. T. Edens Osborne, especialista em fonografia, em um pequeno quarto sem tapete, no andar superior de sua casa. Colocamos o

fonógrafo no chão (um "Edison Standard") e constatamos que as imitações de raps feitas com o cabo de um canivete, foram registradas de forma bastante nítida enquanto os sons não se produziam a mais de 30 cm do pavilhão. Fizemos a experiência por longo tempo, variando a intensidade do fonógrafo, o caráter e direção dos sons. Pronunciei então algumas palavras diante do instrumento, a fim de que fossem registradas por uma das extremidades do cilindro reservado à sessão mediúnica. Acrescentei o nome do médium.

Essa sessão teve lugar dia 11 de junho de 1915, às 8 horas da noite. O instrumento foi colocado no chão diante da mesa, em frente ao médium. Aliás, essa mesa foi retirada. Coloquei alguns jornais sob o fonógrafo, para amortecer as vibrações caso as pancadas fossem violentas e introduzi o cilindro. Finalmente, acendemos a luz vermelha. Como de hábito, leves raps se fizeram ouvir próximo ao médium e aumentaram de intensidade. Os operadores pareciam compreender que a sessão tinha um fim especial, ter feito seus preparativos e estarem vivamente interessados. Por sugestão de um dos assistentes, expliquei-lhes o mecanismo do fonógrafo, o que não pareceu de grande utilidade. Pedi então uma repetição geral. Foi iniciada no mesmo instante. Toda sorte de pancadas foram produzidas e uma pequena campainha pôs-se a tilintar de maneira inesperada. Quanto à duração, constatei que os operadores eram incapazes de calcular exatamente o minuto e meio que lhes era concedido para cada fonograma. A fim de guiá-los, mediu-se o tempo com o auxílio de um relógio. Eu lhes havia pedido que dessem uma pancada quando me fosse permitido entrar no círculo (na ignorância das condições requeridas, tenho por princípio invariável deixar sempre os operadores disporem as coisas à sua vontade antes de uma experiência, contanto que as condições por mim impostas sejam executadas). Cerca de 5 minutos depois, tendo-se feito ouvir o sinal combinado, entrei no círculo, coloquei o gravador e o dedo sobre a partida. Três outras pancadas avisaram-me de que tudo estava pronto. Gritei: "Vamos!" No mesmo instante um estrondo ressoou sobre o

assoalho e eu pus o fonógrafo em andamento. Meia dúzia de marteladas, uma série de pancadas duplas e triplas, fricções semelhantes à lixa no assoalho, foram ouvidas sucessivamente. A campainha foi suspensa e pôs-se a tocar, os pés da mesa ergueram-se, feriram o solo, ouviu-se um serrar de madeira, etc. Continuaram com esse barulho infernal, até eu gritar: "Alto!" Nesse momento, fez-se absoluto silêncio. Experimentamos então o fonograma e vimos que a maior parte dos sons haviam sido registrados. Estando a campainha bastante longe, seu som era apenas perceptível. Sugeri aos operadores fazerem soar no centro mesmo do círculo e o mais perto possível da trompa acústica do fonógrafo, prometendo não tocá-lo para não comprometer as condições de equilíbrio dos fenômenos. A campainha então tocou durante a gravação seguinte a mais ou menos 5 cm de minha mão e tão próxima à trompa acústica, que nela tocou por acaso e a fez cair. Isto danificou em parte o fonograma, mas tivemos três outros em boas condições. Demonstrou-se, sem contestação possível, que os sons dos quais nos ocupamos são normais, perfeitamente objetivos. Sem dúvida, os sons reproduzidos nada são comparados aos originais, e a campainha é apenas perceptível, mas os três fonogramas reproduzem quase toda a escala desses sons, que foram os mais violentos jamais produzidos pelo círculo esses sons foram claramente percebidos dois andares abaixo e mesmo no exterior da casa. (5)

(5) Os fonogramas, apresentados em uma conferência de M. Horace Leaf foram claramente ouvidos por 600 pessoas (Light 7 de agosto de 1915).

III

REAÇÃO DA MESA DURANTE A LEVITAÇÃO

Uma das primeiras perguntas que fiz a mim mesmo ao começar minhas experiências, foi naturalmente esta: onde se encontra a sede da reação durante a levitação? Vi a mesa flutuar no ar, por assim dizer, repetidas vezes durante um ano ou mais e, freqüentemente, perguntei a mim mesmo se a reação se fazia sobre o assoalho, imediatamente abaixo, se tinha lugar sobre o próprio médium, ou finalmente se estaria localizada em outra parte. Após dezoito meses de observações, ainda ignorava o mecanismo dos fenômenos. Comecei por andar ao acaso, confiando na sorte para chegar ao caminho certo. Decidi que o melhor seria sentar o médium sobre a balança e verificar seu peso durante a levitação. Não sabia se isto impediria a levitação, assim como ignorava as conseqüências da ruptura do círculo, isto é, as mãos libertas e colocadas sobre os joelhos. Realmente, seria inútil registrar o peso do médium, se este não estivesse completamente isolado das pessoas sentadas ao seu redor.

Com o risco de me repetir, resumo os movimentos tantas vezes por mim observados, da levitação da mesa. Ela se estabiliza, isto é, fica praticamente imóvel no ar, sem suporte visível, durante um minuto ou mais. Creio nunca tê-la visto completamente imóvel por muito tempo;

tem sempre pequenos tremores. Durante a levitação, pode oscilar no sentido vertical ou horizontal, se bem que nesse último movimento, pareça rodopiar sobre esta base. Também oscila no ar, como um barco balançado num mar agitado. Tal é a analogia, que o observador quase vê as "ondas" que a levam. Freqüentemente observei outros movimentos, com a inclinação de uma das extremidades da mesa, mas os primeiros são os mais importantes sob o ponto de vista experimental. Lembremo-nos que qualquer um deles pode ser obtido facilmente, isto é, que o experimentador peça aos operadores invisíveis, para obtê-lo instantaneamente.

Material. - Utilizei-me de uma balança cuja força era de 200 kg sensível a 50 grs. Sendo seu estrado um pouco estreito, cobri-o com uma prancha de desenho de 60 x 45 cm por 2 cm 1/2 de espessura, que fixei às colunas traseiras da balança. A altura do solo na parte superior da prancha era de 18 cm.

As mesas por mim utilizadas eram em número de quatro:

N.º 1 - Mesa comum das sessões, retangular, em madeira clara, com quatro pés direitos. Parte superior 60 x 43 cm; área dos pés: 44 x 38 cm altura: 73 cm; peso 4 quilos 700.

N.º 2 - Mesa de vime, octogonal, de quatro pés. Comprimento lateral: 19 cm; área dos pés: 30 x 30 cm; altura: 69 cm peso: 2 quilos 700.

N.º 3 - Aparador de vime, para bibelots, com duas prateleiras e quatro pés. Prateleira superior: 43 x 43.; prateleira inferior: 24 x 24 cm; área dos pés: 30 x 30 cm; altura: 77 cm; peso: 2 quilos 850.

N.º 4 - Tamborete retangular de madeira. Parte superior: 32 x 34 cm; área dos pés: 20 x 20 cm; altura: 28 cm; peso: 1 quilo 150.

As experiências de reação prolongaram-se por três sessões, a fim de eliminar os erros que teriam passado despercebidos no decorrer de uma única prova.

Método. - Coloquei uma mesa ao centro do círculo e sentei o médium em uma cadeira bem ajustada sobre a prancha de desenho. Os pés do médium achavam-se bem a prumo sobre a prancha. O círculo formou a corrente durante uma meia hora mais ou menos, para

permitir à energia psíquica seu pleno desenvolvimento. Ao fim desse tempo, pedi aos assistentes que desunissem suas mãos, colocando-as espalmadas sobre os joelhos. Coloquei eu mesmo as mãos do médium sobre seus joelhos e verifiquei a posição das outras. Pedi a Mlle Goligher que ficasse completamente imóvel. Não fez nenhum movimento perceptível durante toda a sessão. Achava-se então fisicamente isolada de todo o círculo. Coloquei-me à sua direita, bem perto.

Descrevo as experiências segundo as anotações colhidas nesse momento. O leitor deve esperar repetições, mas experiências sobre levitação, realizadas em condições ideais como aquelas, são raras; portanto, todos os detalhes, a meu ver, devem ser cuidadosamente preservados, e eu não me desculparia. Não pensaria em publicar tantas coisas mais ou menos semelhantes se se tratasse de outra categoria de pesquisas, mas estamos bem distante das convenções científicas comuns desde que abordamos os trabalhos psíquicos.

Exp. 2. - Reação sobre o médium durante a levitação.

A mesa da qual nos servimos era a de N.º 1. Equilibrei exatamente o peso do médium, de sua cadeira, e da prancha. Mantendo-se o médium completamente imóvel, pedi aos operadores que erguessem a mesa, mantendo-a o mais estável quanto possível enquanto eu fazia minhas observações. Ela ergueu-se imediatamente cerca de 20 cm, estando sua superfície mais ou menos horizontal (a altura das levitações, em geral, variavam entre 20 e 30 cm, se bem que com o tamborete possamos chegar a muito mais); então ela se afigura estacionária. Tendo-se rompido o equilíbrio da balança, eu o restabeleci.

Eis o que foi anotado:

Peso do médium, + cadeira, + prancha, antes da levitação = 59 quilos
400

Peso do médium, + cadeira, + prancha, durante a levitação = 63
quilos 850

Acréscimo..... 4 quilos 450

Peso da mesa.....4 quilos 700

Conclusão: O aumento de peso do médium devido à levitação, cerca de 250 grs., é igual ao peso da mesa.

Observação. - A levitação foi tão perfeita quanto possível e dispus de todo o meu tempo. Após minhas observações, a mesa não se movia; foi necessário avisar aos operadores que já havia terminado, e pedir-lhes que a fizessem descer, o que foi feito bruscamente.

Exp. 3. - Reação sobre o médium durante a levitação.

Tabela n.ºI. Mesmo método que na exp. n.º2. Data: algumas semanas mais tarde.

Acréscimo de peso do médium 63 kg. 800 - 59 kg. - 4 kg. 800

Peso da mesa = 4 kg. 700

Conclusão: O aumento de peso do médium durante a levitação, cerca de 100 grs. é igual ao peso da mesa.

Observação: Ao fim da experiência refiz a pesagem do médium e não constatei nenhuma alteração. Isto parece provar que o peso do médium é acrescido pelo peso da mesa durante a levitação. No decorrer da exp. 2, constatei uma diferença a menos, de 250 gr., mas nesse dia o jovem Samuel Goligher achava-se em férias. Por conseguinte, é possível que o todo ou parte das 250 grs. tenha sido transportada a ele, a menos que essa diferença seja devida a um erro de observação.

Exp. 4. - Reação sobre o médium durante a levitação.

Foram utilizadas alternadamente as mesas n.º 1, 2, 3 e 4.

Tara antes da levitação... 62 kgs. 050.

(O Peso do médium havia aumentado durante o intervalo de cerca de três meses que separam as exp. 2 e 4).

Tara durante a levitação ..	66 kgs. 700	64 kgs. 650	64 kgs. 750	63 kgs. 350
Acréscimos ..	4 kgs. 650	2 kgs. 600	7 kgs. 200	1 kg. 300
Pêso das mesas (°)	4 kgs. 750	2 kgs. 700	2 kgs. 850	1 kg. 250

(6) O peso da mesa n.º 1 é 50 grs superior ao peso indicado no início, o que pode ser devido ao defeito de sensibilidade da balança. (Nota do autor).

Portanto, vemos que o peso da mesa em levitação acrescenta-se ao peso do médium.

Observação. - Todas as levitações foram tão perfeitas quanto possível e mantiveram-se tanto tempo quanto o desejei. A levitação do tamborete foi um dos mais belos fenômenos que me foi dado ver. Estava tão suspenso no ar, que eu poderia facilmente passar por baixo, inclinando a cabeça.

Comparando o peso da mesa com o peso do médium nas 6 experiências acima, encontramos as seguintes razões: (7)

(7) Empregamos as cifras calculadas pelo autor, se bem que talvez não correspondam exatamente aos pesos aqui indicados e que são os "números redondos" dos pesos expressos em medidas inglesas.

93,9 102,2 96,4 93,7 94, 104,5 das quais a média é 97,3%

Conclusões gerais das exp. 2, 3 e 4:

A) Quando a levitação da mesa é feita regularmente, o peso acrescentado àquele do médium é sensivelmente igual ao da mesa.

B) Portanto, a sede da reação parece ser principalmente o médium mesmo.

C) Tirando a média dos 6 casos, o acréscimo de peso do médium parece ser cerca de 3% menor que o da mesa em levitação.

É real a ligeira diminuição de 3%, ou é devida simplesmente a um erro de observação?

Procuremos em primeiro lugar os possíveis erros e suas origens durante a experiência.

1.º) Duração. - Os resultados foram registrados sem pressa. A mesa ficava sempre suspensa muito mais tempo que o necessário. Tive mesmo que pedir todas às vezes aos operadores que a deixassem cair. Em dois ou três minutos, temos largo tempo para fazer uma pesagem exata.

2.º) Erros devidos ao leve movimento impresso à mesa em levitação. - Esta é uma das causas de erro bastante séria, contra a qual devemos nos precaver com cuidado. Todo movimento da mesa em levitação altera o peso do médium. Isto será por mim examinado detalhadamente mais adiante. Basta que diga aqui, que durante as seis

levitações, a mesa foi suspensa de maneira tão regular quanto possível, salvo alguns pequenos sobressaltos e tremores.

3.º) Erros comuns de experiência. - São anulados tirando a média dos resultados.

O fato de ser o acréscimo de peso do médium um pouco inferior ao da mesa em levitação, não é, por conseguinte, devido tanto a um erro de observação quanto a uma outra causa fácil de ser adivinhada. A quase totalidade da reação tem lugar sobre o médium, mas uma pequena parte não teria ela lugar sobre as outras pessoas? A suposição nada tem de insensata. Quis certificar-me se tinha algum fundamento.

Exp. 5. - Reação parcial sobre os assistentes durante a levitação.

Fiz a experiência com M. Morrison que está, no círculo, à direita do médium. No fim da sessão, eu o fiz sentar sobre a balança e tendo o médium retomado o seu lugar, foi feita a levitação nas condições habituais com a mesa n.º 1.

O acréscimo de peso foi de 50 grs. A diferença é mínima para que se possa tirar uma conclusão, mas comparando esta experiência à seguinte, a dúvida não é mais permitida.

Exp. 6. - Efeito do movimento vertical da mesa em levitação.

Sendo as condições as mesmas da exp. n.º 5, pedi aos operadores que puxassem a mesa em levitação, de alto a baixo. O fiel da balança, equilibrado a princípio, subiu e desceu em perfeita harmonia com os movimentos da mesa. Repeti a experiência várias vezes, até ficar absolutamente seguro do resultado.

Por conseguinte, uma pequena parte da reação ocorre sobre todos os membros do círculo, ou muitos dentre eles, sem contar o médium, Assim, como observa o almirante Moore, quando uma mesa está suspensa, o efeito é exatamente o mesmo como se o médium a erguesse com as mãos enquanto alguns dos assistentes o ajudam com o dedo, ficando os outros neutros.

Exp. 7, 8 e 9. - Efeito do movimento vertical da mesa em levitação sobre o peso do médium.

O médium sentado sobre a balança, as mãos nos joelhos, como na exp. n.º 2, pedi que a mesa (n.º 1) fosse erguida mansamente, o que foi feito em seguida. O acréscimo de peso foi de 4 quilos 750. Pedi então aos operadores que puxassem a mesa de baixo para cima, verticalmente. Assim fizeram instantaneamente e a mesa subiu rapidamente 15 ou 20 cm. Diversas vezes o resultado foi idêntico: cada vez que a mesa se erguia, o fiel da balança elevava-se até tocar o buttoir resumindo depois o equilíbrio primitivo. O efeito era o mesmo quando a mesa era puxada do alto para baixo.

Conclusão: Quando a levitação da mesa é regular, o peso do médium é acrescido do peso da mesa. Se a mesa é então agitada em sentido vertical, sofre o médium um acréscimo de peso instantâneo.

A mesma experiência, feita alguns meses mais tarde, deu o mesmo resultado.

Com o tamborete, obtive o mesmo resultado. Houve somente esta diferença, que os movimentos da mesa faziam subir e descer rapidamente o fiel, ao passo que os do tamborete exerciam sobre ele uma ação muito fraca.

Além disso, muitas vezes observei em outras experiências de peso no médium, enquanto as mesas 1, 2, 3 e 4 que se achavam suspensas, moviam-se verticalmente. Todas minhas observações confirmaram as precedentes.

Exp. 10. - Movimentos da mesa sobre o assoalho.

O local do círculo onde coloquei a mesa (n.º 1) evidentemente não agradava aos operadores, no início das experiências, porquanto esta foi empurrada suavemente sobre o assoalho até atingir o ponto exato e desejado. Achava-se o médium, nesse momento, sentado sobre a balança, absolutamente imóvel, as mãos sobre os joelhos, e o fiel em equilíbrio. Durante o impulso da mesa, o fiel subiu até o buttoir, aí se mantendo enquanto durou o movimento e caindo assim que este cessou. Conseqüentemente, o peso do médium aumenta durante os deslizamentos da mesa sobre o assoalho. Julguei, pela alteração do fiel, que o

acrécimo era de 1.300 a 1.800 grs., o que correspondia à força necessária para impelir o móvel sem fricção sobre o assoalho.

Exp. 11. - Movimentos vários da mesa.

Estando o médium sobre a balança, pedi aos operadores que imprimissem vários movimentos à mesa, desde os mais leves deslizos e suspensões, até a levitação total. Eis o que obtive:

a) Mesa suspensa nos dois pés, acréscimo de peso do médium.

b) Mesa suspensa a altura superior à anterior: variação do peso marcado.

c) Mesa suspensa sobre três pés, nova variação do peso marcado. Não controlei regularmente as alterações de peso do médium, mas equilibrei o fiel com o carro. Nenhum desses acréscimos de peso, alcançou o da mesa.

d) Mesa em movimento sobre o assoalho, virando depois cerca de 30°. O peso do médium aumentou enquanto duravam os movimentos.

Conclusão: Todo movimento da mesa, tem por efeito um acréscimo de peso que se acusa no médium, quer se trate de levitação parcial ou total, ou de movimento sobre o assoalho. Esse acréscimo varia até atingir aproximadamente o peso da mesa.

Exp. 12. - Progresso da levitação segundo os movimentos do fiel.

Observando os movimentos do fiel, percebi os movimentos da mesa, sem seguir a levitação desta.

Exp: 13. - Suspensão da mesa nos dois pés.

Um dia, ao fim das sessões, os operadores fizeram oscilar repentinamente a mesa que ficou suspensa nos dois pés cerca de um minuto, no decorrer da prece que terminava a reunião. O médium achava-se nesse momento, sentado sobre a balança, e observei que seu peso havia aumentado muito; o fiel apoiava-se fortemente contra o buttoir. No entanto eu não anotei esse aumento.

Exp. 14 e 15. - Transladação da mesa em direção ao médium.

A meu pedido, a mesa avançava ou recuava em direção ao médium. O resultado foi um acréscimo de peso deste último.

As conclusões a tirar das experiências 6 a 15 são que todos os movimentos da mesa, sobre o assoalho ou no ar, provocam um acréscimo de peso temporário no médium; em outras palavras, as forças que realizam esses movimentos, têm sempre seu ponto de apoio sobre o corpo do médium.

Distância crítica entre o médium e a mesa. - Como já disse (exp. 19), a distância entre a mesa e o médium parece ser um fator importante na levitação. É um erro crer que, quanto mais próximo o médium estiver da mesa, mais rápida e facilmente se dará o fenômeno parecia haver uma distância apropriada. Tendo cometido esse erro, estreitei repetidas vezes o círculo, aproximando as cadeiras. Mas, antes que a mesa fizesse algum movimento, a cadeira onde se sentava o médium foi rechaçada a uma distância de cerca de 30 cm. Fui testemunha várias vezes desse extraordinário fenômeno. Perguntamos então onde estará a reação, nesse caso. Espero fazer um exame profundo mais tarde. Enfim o diâmetro do círculo sendo normal, se a mesa estivesse muito próxima ou muito distante do médium, ela seria arrastada ou impelida, até ser obtida a distância conveniente à levitação. Um desvio de alguns centímetros tinha importância. Muito me diverti um dia em que fazia experiências muito delicadas de levitação. Encontrava-me, como de hábito, no interior do círculo, e pensando não estar a mesa onde devia, impeli-a mais ou menos 15 centímetros à esquerda. Apenas havia terminado, foi ela restituída ao seu lugar primitivo pelos operadores. Impelindo-a ainda uma vez estouvadamente, foi imediatamente reposta no lugar de onde eu a havia tirado. Por acaso, era sua posição exata, coisa muito rara.

Conclusão: Existe uma distância crítica, que só ela, permite a levitação. Se o médium está muito longe os operadores empurram a mesa. Se estão embaraçados pelo círculo, empurram o médium e sua cadeira.

Altura crítica da levitação. - Ainda aí, parece haver uma altura crítica que julgo estar mais ou menos a 20 cm do solo; o gasto de energia psíquica encontra-se então no seu mínimo, pelo menos com mesas

pesando de 2 quilos e 500 a 5 quilos. Mas se pedimos uma levitação particularmente alta, ou se os operadores querem fazer uma manifestação impressionante, chega-se a uma altura muito maior, mormente ao fim da sessão. Assim, vi a superfície da mesa subir ao nível de meu ombro. Entretanto, nas levitações elevadas, a estabilidade da mesa é bem menor, oscilando esta lentamente de um lado para outro. Os operadores parecem agir com dificuldade; a mesa eleva-se com movimentos bruscos à altura pedida, e não por elevação lenta. A levitação mais elevada que observei, foi a do tamborete (exp. 4). A altura máxima das levitações é, tanto quanto pude constatar, de cerca de 1 metro e 20.

Observei toda sorte de levitações caprichosas. Por exemplo, um dia em que a mesa ficou no ar cerca de três minutos, a extremidade dos pés quase ao nível dos joelhos dos assistentes, ela inclinou-se pouco a pouco até ficar quase vertical, depois, sempre suspensa, veio à cadeira onde me achava sentado, colocou sua extremidade inferior sobre meus joelhos, recuou, e caiu novamente por terra.

Conclusão: Parece existir uma altura crítica na qual os operadores podem produzir uma levitação mais fácil, ou pelo menos mais regular e mais prolongada. Tudo que ultrapassa esta altura exige um esforço visível.

IV

RESISTÊNCIA DA MESA E OS FENÔMENOS DIVERSOS

Exp. 16. - Pressão exercida sob a mesa durante a levitação.

A levitação teve lugar pouco depois do início da sessão e antes que a energia psíquica chegasse a seu máximo. A mesa (N.º 1) agitou-se, ergueu-se nos dois pés, caiu, ergueu-se nos dois outros, caiu novamente, ficou sobre um só pé, depois sobre um segundo, fez alguns movimentos rápidos e bruscos, elevando-se completamente de través, a extremidade mais baixa constantemente impelida para cima, para chegar enfim à posição horizontal. A agitação cessou ao fim de 4 minutos e meio, ficando a mesa imóvel durante 4 minutos, a cerca de 30 cm do solo: resultado evidentemente desejado pelos operadores, para mostrar que podiam disciplinar a força psíquica. Os segundos foram contados em voz alta durante o primeiro minuto. Os três minutos restantes foram contados de relógio na mão.

Admitindo que a levitação seja produzida por uma pressão realizada sob a prateleira da mesa, essa pressão por unidade de superfície é igual ao peso da mesa, seja 4 quilos e 700 divididos pela área da

prateleira, seja $1,36 \text{ cm}^2$ Encontramos assim $0 \text{ grs. } 34$ por cm quadrado, pressão mínima e que seria difícil de descobrir por meios mecânicos. Imagino aqui, para as necessidades do raciocínio, uma pressão fluida, se bem que a hipótese seja difícil de conceber. Qualquer que seja sua natureza, e, aliás, verossímil que esta pressão não age uniformemente, mas sobre uma parte determinada da parte inferior da prateleira. Isto é demonstrado pelos movimentos bruscos impressos a tal ou tal extremidade, no começo da levitação. Pode haver também uma pressão em dois ou três pontos diferentes, ou somente no centro de gravidade. Ou ainda, a força, em lugar de agir sob a mesa, pode se aplicar sob cada um de seus pés (hipótese extravagante). Pode então consistir em hastes ou raios, projetados pelo médium e que se agarram aos pés. Pode enfim agir sobre a superfície mesma da mesa. Menciono todas estas hipóteses para fazer compreender ao leitor que nada afirmo levemente. Serão examinadas mais tarde. Enquanto aguardamos, basearemos nossos cálculos sobre a mais razoável, a da força aplicada sob a mesa e dirigida de baixo para cima.

Exp. 17. - Novo cálculo da pressão sob a mesa.

A sessão realizou-se em minha casa, na minha sala. Servimo-nos de uma mesa retangular, com quatro pés curvos e dois tampos. Houve várias levitações; a mais longa não foi cronometrada, mas durou pouco mais de um minuto.

O peso da mesa era de $7 \text{ quilos } 250$, sua superfície 25 dm^2 , sua altura: 73 cm .

Admitindo que a pressão estivesse uniformemente dividida, por conseguinte era de $2 \text{ gr. } 8$ por cm^2 .

Exp. 18. - Força muscular exercida verticalmente sobre a mesa suspensa.

Durante uma das levitações a que nos referimos na exp. 17, ao fim da sessão, no momento em que a energia psíquica atingia o máximo, a superfície da mesa, estando quase ao nível do meu ombro, entrei no círculo e fiz pressão com ambas às mãos para fazê-la cair. Se bem que

empregasse toda minha força, não o consegui. Um de meus amigos, o qual mede mais de 1 metro e 80, inclinou-se então para mim, ajudando-me; nossos esforços combinados conseguiram exatamente fazer cair a mesa. A resistência sofrida era elástica. Em seguida, a mesa ergueu-se nos dois pés. Enrijeci em vão meus músculos para reconduzi-los ao solo: escusado. Uma almofada de ar comprimido parecia existir sob os pés, no ar.

Segundo as observações realizadas há mais de dois anos, e que se estendem sobre centenas de levitações de toda espécie, estas apresentam sempre as mesmas características. A energia psíquica parece não atingir ao seu máximo senão ao cabo da meia hora, pouco mais ou menos. Frequentemente obtive levitações ideais, uma hora após o início da sessão, sem movimentos bruscos iniciais ou outros quaisquer. Dir-se-ia que os operadores obtiveram os resultados desejados e que as experiências, tão freqüentes no início, tornavam-se inúteis.

Exp. 19 e 20. - Duas formas de resistência para uma mesa em levitação.

A mesa era a mesma da qual nos servimos para a experiência 17, e a sessão teve lugar em minha casa. No decorrer de uma levitação das mais bem sucedidas, entrei no círculo e inclinei-me sobre a mesa tentando impeli-la verticalmente para o solo; encontrei uma resistência elástica, como disse mais acima. Tive então a idéia de impeli-la obliquamente para o médium. Fiquei surpreso ao sentir aí uma outra forma de resistência, não elástica, mas sólida ou rígida; enfim, a mesa parecia estar bloqueada. Não determinei a direção exata da pressão. Sem dúvida varia conforme a altura da levitação.

Mesma constatação na exp. 20. Era como se eu fizesse pressão contra uma haste sólida que, saindo do médium, se houvesse agarrado à mesa.

Exp. 21. - Queda e reerguimento da mesa.

A mesa foi colocada, como era hábito, de tal maneira que o lado mais comprido fazia face ao médium. Pedi aos operadores que a deixassem

cair e em seguida a reerguessem sobre seus pés. Primeiramente a impeliram até que o lado menor ficasse mais ou menos paralelo ao médium, ergueram-na suavemente sobre os dois pés, fizeram-na girar, deitando-a no chão conforme eu havia pedido tudo sem ruído e sem agitação. Depois teve lugar a operação contrária: os operadores tentaram reerguer a mesa. Evidentemente era complicado e não ia naturalmente. Sofreu a mesa choques súbitos, que pareciam dirigidos contra sua extremidade inferior e que, na maior parte ficaram sem efeito. Uma vez somente, a extremidade elevou-se um pouco acima do solo. Enfim, um impulso mais forte, aplicado talvez no lugar adequado, repôs a mesa sobre seus quatro pés.

Nesta experiência, a mesa está quase sempre caída ao chão, à esquerda do médium. Mais adiante discutirei a razão. O fato reproduziu-se uma dúzia de vezes pelo menos e em minha própria casa. Havíamos formado o círculo de improviso, a um canto do quarto. Estavam presentes somente o médium, três dos nossos membros habituais, minha mulher, uma garota nossa amiga e eu. Uma mesa leve de bambu foi colocada entre nós. Após algumas levitações, raps, etc., ela foi derrubada de lado pelos operadores, deslizou sobre o assoalho até alcançar o local escolhido e de um só ímpeto, foi erguida. Não houve contacto nem insucesso.

Exp. 22. - Variação do peso da mesa em levitação.

Enquanto a mesa encontrava-se no chão, pedi aos operadores que a tornassem mais pesada, o que fizeram imediatamente. Realmente procurei erguê-la, sem o conseguir, pois parecia atarraxada ao solo. Da mesma maneira, pedindo-lhes que diminuíssem o peso, consegui erguê-la com pouco esforço.

Exp. 23. - Levitação, os pés da mesa no ar.

Isto teve lugar ao fim das experiências sobre fosforescência, etc. O compartimento achava-se então totalmente às escuras. A energia despendida foi tal, que a mesa virou e ergueu-se a bastante altura, com os pés para o ar. Três dos assistentes e eu, seguramos um pé do móvel e procuramos fazê-lo descer novamente: foi impossível. A mesa

agitava-se no ar para todos os lados e com tal força, que da mesma maneira poderíamos tentar parar uma locomotiva.

Exp. 24. - Aderência da mesa virada ao solo.

Tratava-se da mesa n.º 1, pesando 4 quilos e 700. Estava no chão, em desordem e um dos visitantes mais musculosos, foi convidado a erguê-la. Não foi capaz. Não creio ter jamais visto alguém o conseguir. A mesa parece atarraxada ao assoalho, ou aí mantida por uma ventosa, explicação esta bastante insuficiente, como vou demonstrar. Esta experiência é notável e das mais importantes para estabelecer uma teoria satisfatória.

Exp. 25. - Movimentos da mesa, com o pesquisador sentado em cima.

Sentei-me na mesa. Esta deslizou e foi impelida de um lado à outro, sem esforço aparente, apesar da fricção considerável. Vi várias pessoas que se achavam sentadas como eu, serem assim transportadas. Uma das nossas experiências favoritas é pedir a um visitante que se sente na mesa e espere tranqüilamente os acontecimentos. Ao fim de um minuto apenas, a mesa ergue-se suavemente nos dois pés e o faz deslizar para o chão.

Exp. 26. - Posição da mesa onde a força psíquica máxima.

Quando um visitante é convidado a entrar no círculo para segurar a mesa e impedi-la de qualquer movimento, esta, antes mesmo que seja tocada, ou imediatamente depois, ergue-se geralmente nos dois pés mais afastados do médium, fazendo um ângulo cerca de 40° com o solo. Assim permanece uma dezena de segundos e imediatamente depois começa a luta. Esse movimento inicial sobre dois pés, nesse ângulo, não é obra do acaso; aparentemente tem como fim permitir, à uma projeção dinâmica do médium, agarrar-se mais facilmente à parte inferior da mesa. Durante essa experiência, pode o pesquisador manter-se em qualquer lugar próximo à mesa, exceto entre esta e o médium.

Exp. 27. - Adaptação da força à elevação de uma mesa irregularmente carregada.

Esta experiência não foi arranjada por mim, mas sim espontaneamente pelos operadores. Eu havia trazido uma caixa de madeira contendo uma campainha elétrica, de pilha seca, da qual me queria servir para outra Experiência. Coloquei-a na extremidade da mesa, a qual foi suspensa repentinamente. Como a mesa pesasse 4 quilos e 700 e a caixa 1 quilo e 600, o centro de gravidade foi transportado a alguma distância do centro. Contudo, os operadores conseguiram mantê-la mais ou menos horizontal, sacudindo fortemente o lado que caía. Pareciam incapazes de situar exatamente, o novo centro de gravidade. A irregular distribuição de peso, no entanto, parecia ser-lhes desagradável, porquanto procuravam impelir a caixa para o meio da mesa, sem o conseguir.

Exp. 28. - Pressão sobre o botão de uma campainha.

Uma campainha elétrica de pilha seca, foi introduzida em uma caixa e o botão de contacto ajustado à parte de fora. A distribuição de peso era tal, que nenhum dedo humano poderia acionar a campainha sem fazer cair a caixa, a menos que segurasse esta íntima. Além disso, a campainha não funcionava a não ser com pressão normal no botão. Coloquei a caixa no chão, próxima ao médium, ali onde julguei que o campo psíquico seria mais forte e convidei os operadores a começar. Após um momento de espera, a caixa foi deslocada ligeiramente e a campainha retiniu rapidamente. Ao cabo de novo instante, ainda se fez ouvir, um pouco mais prolongadamente. Ia cada vez melhor e ao fim da sessão, funcionava perfeitamente. O toque mais prolongado durou cerca de 60 segundos. A caixa ficou a prumo todo o tempo. Fiquei surpreso com a dificuldade encontrada no início pelos operadores, mas compreendi que a força mecânica necessária para obter o contacto, era de 235 gr. por cm^2 , o que excedia de muito a pressão uniforme que a levitação da mesa exige. (Exp. 17) É preciso notar que o botão não estava frente ao médium (a 80 cm mais ou menos) enquanto a campainha funcionava, mas quase em frente a mim. A caixa foi colocada pelos próprios operadores, sem dúvida para ser mantida pela parte posterior e não cair de cabeça para baixo.

Exp. 29. - Tração exercida sobre uma trombeta.

Possuíamos para manifestações eventuais de "voz direta", (8) uma trombeta cônica em metal, de cerca de 45 cm de comprimento, aberta nas duas extremidades, da qual a mais larga tinha 6 cm de diâmetro e a mais estreita 3 cm. Eu segurava firmemente essa corneta pela ponta, o orifício maior apontando para o médium, fazendo um ângulo de mais ou menos 30° com o horizontal. Pedi aos operadores que começassem a agir. Nada se passou durante cerca de vinte segundos, depois a trombeta foi atraída tão violentamente, que pouco faltou para me ser arrancada. Outras tentativas nesse sentido deram os mesmos resultados. A inclinação da corneta era indiferente.

(8) Ver capítulo XVIII.

Exp. 30. - Tração exercida sobre a mesa para impedi-la de voltar ao centro do círculo.

Algumas vezes a mesa chegava por si mesma ao ângulo extremo do círculo, do lado oposto ao médium. Achava-me sentado do lado de fora, e segurei-a nesse momento, empregando todos os meus esforços para impedi-la de voltar ao centro. Esforço inútil, uma força absorvente e irresistível atraía-a em sentido contrário.

Exp. 31. - Tentativa de deslocação de um lenço.

Coloquei um lenço branco no chão, próximo ao médium, e pedi aos operadores deslocá-lo pelo quarto. Ao fim de uma meia hora não se movia. Isso pareceu-me estranho, mas creio hoje saber a razão dessa derrota, da qual falarei mais adiante.

V

SOB A MESA EM LEVITAÇÃO

O pesquisador está frente a uma mesa imóvel, suspensa no ar. Nada de material parece sustentá-la, pois em cima, em baixo e ao redor, tudo está vazio. Pergunta a si mesmo como acontece esse estranho fenômeno. A meu ver, no espaço acima da mesa, nada se relaciona com a levitação, ou então essa relação é muito secundária. Realmente, o pesquisador pode entrar no círculo, segurar a parte superior da mesa, sentar-se sobre ela, ai colocar objetos e agir à vontade enquanto seus braços e busto a dominam. Em segundo lugar, pode projetar sobre a mesa uma luz bastante forte, sem que a levitação seja afetada, ao passo que essa mesma luz projetada por baixo, a faria cair imediatamente. O único lugar onde pessoa alguma pode passar é entre o médium e a mesa em levitação. Aí existe uma região de importância vital. Mais adiante veremos que todo espaço entre a mesa e os assistentes tem sua importância, secundária, é verdade, contudo muito real; e que algumas vezes os operadores podem ocupar uma parte, exceto aquela

que se acha frente ao médium. Quanto ao espaço sob a mesa, é também de importância capital para a levitação.

Exp. 32. - Efeito de uma luz colocada sobre a mesa em levitação.

Peguei uma lanterna elétrica de bolso, cobri a lente com algumas espessuras de papel vermelho transparente, e coloquei-a em pé sobre a mesa em levitação. Assim ficou por um instante, enquanto a mesa subia e descia suavemente. Somente com duas espessuras de papel vermelho, a levitação foi impossível, porque a lanterna iluminava muito diretamente o médium.

Em geral, uma luz bastante fraca, concentrada perto do médium, é contrária aos fenômenos, mas uma luz difusa, partindo de uma superfície maior, como a de uma chama, é menos nociva.

Com a lanterna deitada, estando à luz em direção oposta ao médium, realizou-se logo a levitação e manteve-se por longo tempo. A mesa (aquela de minha sala) tinha uma prateleira inferior, mais ou menos a 20 cm do solo. A lanterna aí foi colocada em seguida e da mesma forma. Nova levitação bastante prolongada mas mais difícil. Seria então, a parte inferior do corpo do médium que tem papel mais importante na produção do fenômeno. Essas experiências demonstram também que a extremidade da mesa mais próxima ao médium, e a região inferior vizinha, são as mais afetadas durante a levitação.

Exp. 33. - Efeito de um corpo volumoso sob a mesa em levitação.

A mesa (n.º 1) estando bem suspensa impeli suavemente para baixo dela, uma balança de 20 cm de altura, cujo prato retangular media 20 x 15 cm Nenhum ponto da balança achava-se em contacto com a mesa. Havia no mínimo, 45 cm entre o prato de uma e a parte inferior da outra. O resultado foi claro: A mesa elevou-se alguns centímetros acima do solo, debateu-se no ar como um pássaro ferido (é o único termo que traduz o movimento) e caiu suavemente no chão.

Conclusão: O espaço ocupado pela balança é um fator na levitação produzido por uma força ascendente, operando sob a prateleira da mesa.

De um modo geral, o espaço sob a mesa deverá ficar numa relativa obscuridade, se quisermos obter fenômenos interessantes. Será coisa fácil com uma mesa grande, pela sombra projetada, mas existe um inconveniente, todavia, a luz é suficiente para o conjunto de observações, e ainda que não seja possível ler as indicações da balança, veremos que o sentido do tacto as substituem.

Exp. 34. - Pesquisa sob os pés da mesa em levitação.

Se a força psíquica agisse somente sob os pés da mesa, haveria sob cada um deles uma força ascendente de cerca de 1 quilo 180 (mesa n.º 1). Colocando-se a mão sob um dos pés, a reação deveria ser muito sensível. Ora, eu não senti a mínima pressão, seja por minha mão estar sob o pé, seja por eu a ter erguido do chão até o pé. A levitação, por conseguinte, não é devida a uma força atuando sob cada um dos pés, ou então esta é fraca em relação à força principal.

Exp. 35. - Pesquisa sob a mesa em levitação.

Durante uma levitação normal, coloquei minha mão em diferentes pontos do assoalho, a palma aberta em direção ao campo psíquico, assim como sob a prateleira da mesa, sem sentir em lugar algum a mínima resistência. Mas, como uma pressão de 34 gramas por cm² (cf. exp. 16) sobre a pequena extensão da palma não daria grande coisa, esse resultado nada tem de surpreendente. Passando meu braço sob a mesa, também não senti pressão alguma.

Explica-se porque eu não encontrava nenhuma resistência enquanto tocava diversos pontos sob a prateleira da mesa:

1.º) A força ascendente era muito fraca.

2.º) A força ascendente era real, mas estava neutralizada, acima da mão e do braço, pela aura, (9) em compensação sua intensidade aumentava um pouco nos outros pontos. O volume da mão e parte do braço que se achavam sob a mesa, era sem dúvida muito fraco para embaraçar seriamente a levitação. (Exp. 33.)

(9) Muitos estudiosos do psiquismo pensam que o corpo humano emite determinada energia radiosa, que os sensitivos vêem sob a forma de uma atmosfera luminosa ou aura.

Exp. 36. - Pesquisa por meio de uma vareta de vidro sob a mesa em levitação.

Peguei uma vareta de vidro de 8 mms de diâmetro e 35 cm de comprimento, e a fiz correr sob a mesa em levitação, a diferentes alturas. Em seguida eu a fiz descrever um largo movimento sob os pés da mesa e mais além, até tocar um a um os pés dos assistentes. A levitação não foi afetada.

Conclusão: Um corpo pouco volumoso e de pequena superfície, pode ser colocado sob a mesa durante a levitação sem perturbar o fenômeno. Todavia, penso que isso é exato somente quando a levitação é poderosa: Um observador ignorante poderia duvidar da existência de uma força que mais ou menos se consome, e crer que a levitação exige uma força constante. Seria um ponto de vista errado. Às vezes parece haver somente força suficiente para a levitação e nesse caso, uma coisa mínima, a mão colocada sobre mesa, por exemplo, a faria cair. Outras vezes, e isso é mais freqüente, dir-se-ia que existe uma reserva à qual recorreremos para imediatamente reparar o menor acidente e manter a levitação.

Exp. 37. - Pesquisa sob a mesa por meio de um manômetro.

O manômetro do qual me servi, era um instrumento muito sensível, empregado nas caldeiras. Devido ao seu registro, a diferença de pressão podia ser estabilizada a qualquer momento da medição. Ora, passeando sua extremidade sob todos os pontos da mesa, não constatei nenhum desnível. Por conseguinte, a levitação não é devida à pressão estática de um fluido.

Exp. 38. - Reação sobre o assoalho ou nas suas imediações.

O dispositivo consiste em uma campainha elétrica, sobre cujo botão fixamos uma placa de madeira delgada de 7 cm², cuja superfície é guarnecida de um pano grosso vermelho, a fim de facilitar a ação da força psíquica. A mínima pressão em um ponto qualquer desta pequena chapa estabelecia o contacto e a campainha funcionava. A altura do aparelho não excedia 5 cm.

A sessão teve lugar em minha casa, com a mesa de dois tampos. Quando estava no ar, a 30 cm do solo, impeli meu aparelho em baixo, mas a campainha não soou em parte alguma.

Conclusão: Não há reação sobre o assoalho sob a mesa em levitação. Resultado capital e tão importante, que verifiquei com cuidado no decorrer de três outras experiências (51, 52, 61).

Exp. 39. – Sons por ação direta da força psíquica.

Coloquei o aparelho no chão, a certa distância da mesa e pedi aos operadores que respondessem às minhas perguntas por meio de sons, em lugar de bater no assoalho como tinham por hábito. Os sons ressoaram logo após e durante todo o resto da sessão comunicaram-se conosco por esse meio (que pareceu lhes ser agradável). Desejaram-nos boa noite por meio de sons prolongados em lugar de o fazerem por meio dos raps habituais.

VI

LEVITAÇÃO DIRETA SOBRE A BALANÇA

Exp. 40. - Experiência preliminar.

Essa experiência foi realizada somente na presença de quatro membros do círculo, inclusive o médium. A mesa descansava sobre a prancha fixa ao estrado da balança. O médium fazia face ao comprimento da mesa e via de perfil as elevações da balança.

A tara (peso da mesa e da prancha) era de 7 quilos. Após longo espaço de tempo, a mesa ergueu-se nos dois pés. O fiel da balança tocou imediatamente o buttoir, indicando um acréscimo de peso marcante. Tendo obtido com freqüência esse fenômeno, uma vez consegui equilibrar a balança á 11 quilos e 800. Pareceu-me ser o peso tão maior, que os pés elevavam-se mais alto. A levitação total não se

realizou. Julguei obtê-la se o círculo estivesse completo. Assim, na experiência seguinte os membros estiveram todos presentes.

Exp. 41. - Reação da mesa em levitação sobre a balança.

Não havia mas de 2 a 5 cm de intervalo entre os pés da mesa e a beira do estrado, o que não permitia nem movimentos excêntricos, nem manipulações. O fiel da balança marcava 7 quilos.

Depois de alguns minutos pôs-se à oscilar. A mesa agitou-se com movimentos bruscos sobre sua estreita plataforma e, de vez em quando, uma de suas extremidades erguia-se ligeiramente, para cair logo após. Isto durou um quarto de hora, de maneira que pensei não poderem os operadores efetuar a levitação desejada. Sete ou oito pancadas foram dadas sobre o assoalho; era o sinal combinado para anunciar seu desejo em nos dizer alguma coisa. Por meio de raps, nos foi comunicada a seguinte frase: "Cubra a prancha com um pano escuro". Esta era branca, não tendo sido a madeira natural nem pintada nem envernizada, e o obstáculo devia ser causado pelos raios refletidos por essa superfície (exp. 31). O círculo foi então rompido por alguns minutos para executar o que havia sido pedido, e a experiência continuou com maior êxito. A mesa oscilou novamente, erguendo-se depois nos dois pés.

Essa elevação coincidiu com um acréscimo de peso que nunca excedeu 6 quilos 350 (exp. 40). A levitação total só se realizou cerca de 40 minutos após o início da sessão, não durou senão 5 ou 6 segundos e foi muito agitada. Era evidente que o fenômeno processava-se com dificuldade, sem dúvida por estarem a superfície da base da mesa e a do estrado da balança, muito próximas para permitir uma fácil manipulação.

Mas, logo após à levitação, o acréscimo de peso, acusado um minuto antes e sem dúvida devido à elevação inicial precedendo a levitação, decresceu, e o fiel, equilibrado, marcou mais ou menos a tara primitiva. As levitações sucederam-se em seguida e tornaram-se cada vez mais regulares. Finalmente obtivemos uma levitação quase perfeita, a uma altura de 15 cm. Durou pelo menos meio minuto, a

mesa quase no nível, mais ou menos imóvel e cobrindo o estrado da balança. Salvo um outro caso do qual falarei mais adiante, é uma das levitações mais notáveis a que testemunhei.

Desde que ela teve lugar, conservou-se o fiel em equilíbrio a mais ou menos 7 quilos com oscilações de uma libra, para mais ou para menos, o que devia corresponder aos leves movimentos da mesa no ar.

Conclusões: 1.º) A mesa, estando erguida sobre dois pés, produziu uma reação na balança ultrapassando o peso estático de vários quilos e aumentando com a altura, esse resultado é semelhante ao da experiência 40.

2.º) Durante uma levitação normal, a reação sobre o estrado parece mais ou menos igual ao peso da mesa.

3.º) Os movimentos da mesa no ar, acima do estrado, produzem reações de muitos quilos.

Exp. 42. - Reação da mesa em levitação sobre a balança.

Substitui a mesa n.º 1, de difícil locomoção, pela mesa menor de vime (n.º 2). A tara era de 5 quilos. A sessão chegava ao fim e a energia psíquica, estando em seu ponto culminante, a levitação seria mantida por vários minutos se eu o desejasse.

Excetuando algumas variações, que não ultrapassaram meio quilo e que pareciam corresponder às pequenas sacudidelas da mesa em levitação, a balança marcou sempre o peso inicial.

Conclusão: Como na exp. 41, a reação sobre o estrado da balança parece ser mais ou menos igual ao peso da mesa em levitação.

Exp. 43. - Reação da mesa em levitação sobre a balança.

Fiz desta vez a experiência com as mesas 3 e 4. A levitação da mesa 3 foi prolongada, regular, e de uma altura média de 17 cm. A superfície formava um ângulo de 30° com o horizontal, sendo o lado mais baixo o mais afastado do médium. Restabelecido o equilíbrio, a balança acusou uma sobrecarga de mais ou menos 6 quilos, isto é, mais do dobro do peso da mesa. Mas deve-se notar que o fiel funcionava com certa rigidez, como se houvesse uma pressão sobre qualquer parte do mecanismo, sob o estrado.

A levitação da mesa n.º 4 foi também muito bem sucedida, prolongada, e de uma altura média de 22 a 25 cm. A superfície achava-se 30º inclinada, como anteriormente. Uma reação muito forte, de 14 quilos 350 em média, foi registrada e o fiel tornou-se absolutamente rígido. A balança reencontrou sua sensibilidade habitual logo que cessou a levitação.

O quadro abaixo nos permitirá comparar os resultados.

Não observei perda de sensibilidade do fiel da balança com as mesas 1 e 2, durante a reação, mas houve uma, pequena, com a mesa 3, e uma grande com a mesa 4.

Experiências	Mesa	Característica da Levitação	Peso da mesa	Reação devida a mesa em levitação
41	1	De nível...	4.kg 700	4.kg 780
42	2	De nível...	2.kg 700	2.kg 700
43	3	Inclinação de cerca de 30º	2.kg 850	6.kg 070
44	4	Inclinação de cerca de 30º	1.kg 250	14.kg 350

Levitação direta sobre a balança conclusões gerais, tiradas das quatro levitações

Esses resultados deixaram-me extremamente perplexo. A reação, quando a mesa é relativamente grande, é igual ao peso da mesa, isto é, quando sua superfície e sua área de sustentação são da mesma ordem daquelas do estrado. Mas, experiências posteriores mostraram-me que o fator determinante é a altura do estrado sobre o solo.

Quanto a fricção constatada durante a levitação do tamborete (n.º 4), examinei cuidadosamente o mecanismo da balança e fui levado a pensar que os operadores haviam impresso um esforço de torsão ao estrado durante a experiência e que uma grande parte da reação registrada era fictícia. Era devida à torsão ou a uma pressão pouco normal ao estrado. Mesma conclusão quanto à experiência com a mesa 3.

Mostrarei mais tarde que durante uma levitação anormal, isto é, realizada a partir de um nível mais alto que o solo, existe, em geral, uma componente horizontal da reação, procedendo diretamente do médium, a qual age sobre o estrado. Essa componente impeliria o estrado sobre suas arestas e ocasionaria a fricção.

Resta perguntar porque essa reação oblíqua ao estrado produziu-se com o tamborete e não com a mesa grande. Após haver bem estudado o caso, concluí que a levitação de uma mesa sobre um estrado, é muito mais difícil do que sobre o solo. Parece existir um nível normal de levitação em relação ao médium. Creio que a fricção observada no caso do tamborete, demonstra o emprego de uma espécie de "estrutura". Os acréscimos de peso registrados no início da levitação também parecem indicá-lo.

VII

MEDIDA DOS COMPONENTES DA REAÇÃO

As experiências de levitação realizadas sobre a plataforma da balança, não sendo decisivas, a reação oblíqua tendo determinado a torsão e fricção do mecanismo, pensei em empregar uma balança dinâmica (dinamômetro). Com esse instrumento, somente a componente vertical da reação poderia ser acusada, e ele não seria suficientemente sensível para ser afetado por pequenas componentes horizontais, admitindo que estas existissem.

Exp. 44. - Levitação sem reação sobre a balança.

A balança era do tipo quadrante, com prato côncavo, empregada nos lares para pesar mercadorias. Sua força era de 6 quilogramas 350 e sua altura de 33 cm. Foi colocada no chão sob a mesa (n.º 1) e tão exatamente no centro quanto possível. Havia uma distância pelo menos de 35 cm entre a balança e a parte inferior da mesa e naturalmente, nenhuma parte do instrumento achava-se em contacto com o móvel.

Tendo pedido aos operadores que erguessem imediatamente a mesa acima da balança, coloquei meu dedo sobre o fiel e esperei. Ao cabo de um momento, a mesa teve alguns movimentos bruscos em cada extremidade, ergueu-se alguns centímetros e caiu; prosseguiu então a levitação, para não durar senão poucos instantes, como da primeira vez. Durante todo esse tempo, não houve pressão alguma sobre a balança porquanto o fiel ficou no zero. Os operadores haviam obedecido não sem esforço.

Conclusões: A mesa pode ser suspensa sem que haja reação sobre a balança, mas a operação parece complicada e não muito em conformidade com o método usual.

Refletindo, pensei que os operadores serviam-se da parte inferior da mesa, fora do círculo projetado pela prateleira. A minha pergunta, responderam afirmativamente, por meio de raps.

Exp. 45. - Pesquisa da reação vertical.

Pedimos aos operadores não levar em consideração a balança e concluir normalmente a levitação. Um pedaço de pano escuro foi colocado sobre o prato. O fiel, que eu seguia com o dedo, fez a volta completa do quadrante a uma velocidade mais ou menos uniforme, e parou no fim de 3 ou 4 segundos. A mesa elevou-se no ar quase logo depois, balançando-se ligeiramente de diante para trás; depois caiu, enquanto o fiel voltava ao zero, prendendo meu dedo entre ela e o mostrador. A pressão, na base de seu curso, era de 6 kg. 580. Não creio que a reação tenha excedido de muito esse peso, porquanto a mesa pareceu lançar-se ao ar quase imediatamente após a revolução total do fiel. A levitação, aqui, foi sensivelmente mais fácil. Dizem os

operadores ser esse seu método normal. O esforço não parecia maior que para a levitação comum, sem aparelho sob a mesa; a única diferença, pelo que me foi possível julgar, era uma estabilidade menor: durante a suspensão, havia uma espécie de oscilação insólita.

Provinha sem dúvida, por ser a mesa sustentada por uma superfície sensivelmente igual àquela do prato, quando, comumente, a força sustentados aplicava-se mais uniformemente sob a mesa. Se a balança estava mais ou menos no centro da mesa, a levitação era invariavelmente boa e a velocidade do fiel ao redor do mostrador, constante. A tal ponto era essa a regra que tive tempo de exclamar: "vai se realizar a levitação" muito antes que esta se realizasse. Repito que quando o fiel parava, a mesa lançava-se inteiramente no ar. Aqui, o fato importante, é que a energia psíquica necessária a levitação não é fornecida instantaneamente: é-lhe necessário um tempo apreciável (cerca de 3 ou 4 segundos para o caso que tratamos) para atingir o seu máximo.

Exp. 46. - Reação no caso de uma levitação parcial.

A mesa, erguida nos dois pés, agitava-se no ar com movimentos bruscos e rápidos e o fiel da balança seguia todos os seus movimentos. O máximo atingido foi mais ou menos de 3 kg. 200, variação de oscilação de 1 kg. 350.

Outra vez, a mesma levitação parcial, com movimentos bruscos, não afetou em nada a balança, o que parece indicar que a força psíquica agia fora da projeção do prato.

Nesta série fiz as seguintes constatações:

1.º) Durante duas ótimas levitações, o fiel parou em 5 kg. 450, em lugar de seguir seu curso. Isto provinha sem dúvida do fato de não se realizar totalmente a reação sobre o estrado da balança.

2.º) Estando a mesa bem erguida nos dois pés, o fiel marcou uma pressão de 3 quilos 180.

3.º) Sofrendo a levitação algum obstáculo, como seja se a mesa não se elevasse, ou se elevasse muito ligeiramente, o fiel marcava 3 kg. 200

ou 3 kg. 650, voltando depois bruscamente a zero. Tentavam então os operadores a levitação total e geralmente a conseguiam.

4.º) Consegui um dia que a mesa descesse suavemente e que a força psíquica não fosse suprimida de um só golpe, como era hábito. O fiel levou 6 segundos para voltar ao zero.

5.º) Estando a mesa em levitação e marcando o fiel 6 quilos 600, coloquei minha mão e parte do meu braço sobre a prateleira. Nada senti, e tanto a levitação como a reação, não foram afetadas.

6.º) Segurei a borda do prato, e a senti descer durante a levitação e subir quando a ação psíquica cessava.

Exp. 47. - Reação sobre uma balança mais forte.

Nas experiências anteriores, a força da balança sendo muito pequena para a pressão máxima durante a levitação, usei uma balança do mesmo tipo mas de força dupla. Verifiquei a exatidão de todos os resultados obtidos durante as exp. 45 e 46 (à exceção da exp. 46, 1.º). No entanto houve um erro importante. Quando se efetuava a levitação presente, o fiel não marcou alguns quilos acima de 6 kg. 350, como acreditei, mas chegou ao seu ponto extremo, tendo lugar então a levitação. Fiquei muito surpreso, pois estava quase certo de que a reação vertical não excedia de muito 6 quilos 350.

Conclusão; A reação vertical para a mesa cujo peso é de 4 quilos e 700, ultrapassa 12 quilos 650, de pouco, provavelmente.

Pareceu-me notar uma pressão contra a balança durante a levitação, pressão essa vinda do lado do médium. Fiz então a seguinte experiência, para certificar-me se era horizontal tanto quanto vertical.

Exp. 48. - Competente horizontal da reação.

A balança foi colocada sobre um carro de rodas, o qual foi preso a uma balança romana de molas, cuja capacidade era de 9 quilos, fixa por sua outra extremidade a um prego enterrado no assoalho, aos pés do médium. Podia assim registrar, perto de 50 grs., a tração horizontal exercida sobre a balança.

Coloquei um dedo da mão direita sobre a agulha da balança romana (R) e um dedo da mão esquerda sobre a agulha da outra balança (B).

Pedi em seguida aos operadores que erguessem a mesa; a agulha de B foi, como de hábito, ao ponto extremo, e a de R marcou cerca de 1 quilo 800, a média de meia dúzia de levitações.

Constataremos pelo que se segue, que a força horizontal que faz pressão contra B não é independente. A mesa foi fortemente agitada no ar, durante a levitação; R marcou todas às vezes, um acréscimo de peso de meio a um quilo, para readquirir o valor médio de 1 quilo 800.

Exp. 49. - Medida exata da componente horizontal.

Dispus meu aparelho como anteriormente. A balança registrava até 12 quilos 600 e a balança romana 9 quilos. Constatei, para minha completa satisfação, que as forças horizontal e vertical, são componentes de uma única força. Senti, por duas ou três vezes, com o dedo, o perfeito sincronismo das duas agulhas. Se houvesse alguma dificuldade na levitação e uma agulha se imobilizasse, aconteceria o mesmo com a outra. Tendo lugar a levitação, tinha lugar o movimento simultaneamente.

A força que emana do médium e que preme, quando a mesa é erguida, é de 2 quilos 300, perto de 100 grs. (Essa cifra foi obtida seguindo a giz o curso da agulha). Na exp. 48, eu havia obtido 1 quilo 800, mas a balança empregada não era tão exata; além disso, as balanças, ainda que diferindo pouco, não tinham a mesma altura; enfim, pode haver razões para que a componente horizontal da reação varie ligeiramente determinados dias; nesse caso, o dispositivo é o mesmo.

Exp. 50. - Medida exata da componente vertical.

Com a mesa de 4 quilos 700, utilizei-me de uma balança, para pesar os grandes fardos. Sua força era de 25 quilos. Tinha um prato retangular, de aço, medindo 14 x 22 e sua altura total, descarregada, era de 34 cm. As experiências finais com esse instrumento foram realizadas conjuntamente com aquelas destinadas a avaliar o componente horizontal da reação.

A balança foi colocada sobre o carro e debaixo da mesa. A altura total era de 39 cm. Sentei-me fora do círculo e requeri a levitação; esta

se fez ao cabo de um instante. Mas, tendo entrado no círculo, não consegui obtê-la, malgrado os esforços dos operadores, atestados pelos deslocamentos da agulha ao redor do mostrador. Tendo-os consultado, retirei a balança do carro coloquei-a no chão, o que diminuiu a altura de mais ou menos 5 cm. Realizou-se a levitação quase no mesmo instante.

Resultado: A pressão vertical sobre o prato é de 13 quilos 600, de 500 grs. e mesmo perto de 250 grs.

O leitor pensa talvez que esse resultado, ao qual atribuo uma grande importância, foi obtido facilmente. É um engano: foi difícil, devido às dimensões da balança e exigiu muita paciência e precisão por parte dos operadores. Foi-nos necessário cerca de quatro horas para obtê-lo e verificá-lo repetidas vezes.

Exp. 51. - Relação entre a altura do prato e a reação vertical.

Concebi um dispositivo que permitisse medir, a diferentes alturas, a pressão vertical sob a mesa em levitação. Ao prato da balança forte, atarrachei uma haste chata de ferro onde corria em ângulo direito uma haste sustentando uma chapa retangular horizontal em madeira mole, de 30 x 2 cm Essa haste, vertical, podia ser fixa de 4 em 4 cm.

A balança estava solidamente atarrachada ao assoalho, sob a mesa, a fim de impedir qualquer movimento durante a reação sobre a chapa. Estando esta última fixa a alturas várias acima do solo, apoiei fortemente meu dedo sobre a agulha da balança e lia assim suas indicações, pelo tacto. Para cada altura, eu provocava três levitações.

Eis as observações:

Peso da mesa: 4 quilos 700. Tara do aparelho: 3 quilos 750.

Reação vertical durante a levitação: a 3 cm, 0 quilos; a 7 cm, 0 quilos 250; 11 cm, 1 quilo 350; a 15 cm, 10 quilos 500.

Durante uma das últimas experiências, a uma altura de 19 cm, a pressão psíquica produziu-se evidentemente um pouco fora do centro da chapa, porquanto as duas tarrachas que a mantinham foram arrancadas. Substitui então por madeira dura a madeira mole e as tarrachas por parafusos de 6 mm. O dispositivo pesava 4 quilos 100.

Exp. 52. - Relação entre a altura do tabuleiro e a reação vertical.

Antes de iniciar essa experiência, algumas semanas depois da exp. 51, eu havia mandado retirar da mesa n.º 1 as duas barras transversais dos pés, para mostrar que não eram essenciais à levitação. O peso da mesa não ia além de 4 quilos 550.

Altura do tabuleiro	Reação vertical durante a levitação	
	Exp. A	Exp. B
2 cms. 1/2	0 kg.	0 kg.
7 cms. 1/2	0 kg. 350	0 kg. 350
12 cms. 1/2	10 kg.	11 kg. 800
17 cms. 1/2	12 kg.	14 kg. 050
22 cms. 1/2	15 kg. 650	15 kg.
27 cms. 1/2	16 kg. 550	17 kg. 250

Fiz duas séries de experiências, recomeçando duas ou três vezes a levitação a cada altura. Insisto aqui sobre um ponto que me parece essencial para elucidar o mistério da força psíquica: a maior altura, a pressão vertical sobre o tabuleiro não se estabilizava desde que tivesse lugar a levitação, como poderíamos esperar. Ao contrário, ela não cessava de aumentar alguns segundos após a levitação. O acréscimo era de 2 a 3 quilos 500. Anotei os valores finais.

Em resumo, as três séries de experiências, ainda que não apresentem resultados idênticos para as diferentes alturas, apresentam, no entanto uma média sensivelmente igual. Todas demonstram:

1º) Que até 5 ou 7 cm não há reação sobre o assoalho (confirmando a exp. 38).

2º) Que a 7 cm 1/2 há uma ligeira reação.

3º) Que a reação aumenta repentinamente (de 10 ou 11 quilos entre 2 cm 1/2 e 7 cm 1/2).

4º) Que, após esse aumento, a pressão diminui muito à medida que aumenta a altura.

Exp. 53. Reação vertical durante a levitação de um tamborete

Coloquei a prancha de desenho, coberta por um pedaço de tapete escuro, sobre a balança de 25 kgs e o tamborete (mesa n.º 4) sobre essa prancha. Pedi então a levitação. Foi uma das mais difíceis da

série. Os operadores recomeçaram pelo menos uma dúzia de vezes. A agulha ia até cerca de 9 quilos, mas no momento em que se ia realizar a levitação, o tamborete caía de pernas para o ar e era necessário pô-lo a prumo novamente. Alguma coisa tentava passar por baixo, sem resultado, em consequência do pouco espaço disponível e altura do estratado. Eu estava a ponto de renunciar as experiências, malgrado o desejo dos operadores, que me diziam por meio ele raps, que tivesse paciência, quando finalmente o tamborete subiu a 20 cm no ar e aí ficou imóvel de 8 a 10 segundos. Duas dessas levitações marcaram 10 quilos 900 para a pressão vertical sobre a balança, e duas outras 11 quilos 100. Sendo o peso da prancha juntamente com o tapete de 2 quilos 500, a pressão média era de 8 quilos 500, ou seja 6 a 8 vezes o peso do tamborete.

A fim de me certificar que esse valor não era fictício, segurei a beira da prancha, erguendo-a um pouco no decorrer das tentativas infrutíferas às quais acima me referi. Peles meus cálculos, a pressão estava mais ou menos de acordo com a indicação da balança.

Exp. 54. - Medida da reação vertical por registro elétrico.

Coloquei a agulha da balança e um cursor móvel sobre o mostrador, no circuito de uma pulha de campainha. Tendo fixo o cursor em 9 quilos e operando com a mesa n.º 1, constatei: 1.º que a campainha se fazia ouvir um ou dois segundos antes da levitação; 2.º que ela ressoava sem cessar durante a levitação; 3.º que a altura da levitação não tinha nenhuma influência sobre a campainha.

Exp. 55. - Reação vertical, estando o médium sentado sobre a balança.

Equilibrei exatamente o peso do médium, da cadeira e da prancha de desenho (ou seja 62 quilos 100) e deixei o fiel parado contra o buttoir. Coloquei em seguida a balança sob a mesa (ver exp. 44) e pedi a levitação. Conservava meu dedo sobre a agulha. Infelizmente essa experiência ficou incompleta e nunca mais tive ocasião de refazê-la. O resultado, mais ou menos exato de uma forma geral, não o é quanto às cifras. A agulha permaneceu contra o buttoir durante a levitação. Pedi

aos operadores que deixassem cair a mesa bruscamente, o que fizeram, e a agulha voltou a zero. Quatro segundos depois, houve um deslocamento do fiel. Enquanto a mesa estava em levitação, havia então reação vertical sobre a balança e, também, sem dúvida, alteração de peso no médium. A lentidão do movimento, não tem, creio eu, nenhuma importância; é devida unicamente à inércia das partes motrizes da báscula.

Exp. 56. - Estalos na superfície da mesa durante a levitação.

Durante uma das experiências mencionadas neste capítulo, ouvi como se fossem estalos na madeira da superfície inferior da mesa, no momento mesmo da levitação; as fibras pareciam distender-se e separar-se uma das outras. Ouvi esse ruído singular somente duas vezes.

Exp. 57. - Ruído sob a mesa no início da levitação.

Ouvi um ruído surdo sob a mesa, no centro, como se fosse impelida uma coluna de substância mole. Chamei a atenção dos assistentes, e percebi o mesmo ruído leve na levitação seguinte. Os operadores pareciam ouvir-me e recomeçar para mim. Foram estas as únicas vezes em que percebi esse ruído, devido talvez à ação um pouco mais brusca da força elevatória.

VIII

EXPERIÊNCIAS

COMPLEMENTARES

Exp. 58. - Eletroscópio carregado sob uma mesa em levitação.

Carreguei um eletroscópio, coloquei-o sob a mesa em levitação no ponto mais central, e aí o deixei cerca de 30 segundos. O resultado foi nulo.

A exploração do espaço entre o médium e a mesa impunha-se; infelizmente, é uma região onde é muito difícil colocar um instrumento, porquanto corre-se o risco de tocar um ponto vital e romper a linha de comunicação. Ora, essa linha, ou essas linhas, parecem difíceis de ser estabelecidas, e sua ruptura acarreta a

interrupção dos fenômenos durante um tempo apreciável. O pesquisador deverá portanto agir com a maior prudência, tanto mais que uma ação imprudente pode causar acidentes graves para com o médium.

Exp. 59. - Exploração do espaço entre o médium e a mesa em translação.

Eu havia construído um contacto elétrico muito sensível, com um quadro de 7 x 8 cm fixo sobre uma prancha por meio de duas molas de relógio. Seria suficiente soprar fortemente ali, para fazer funcionar a campainha.

A mesa movia-se por sacudidelas sobre o solo. Eu passeava o aparelho aqui e ali diante do médium, o papelão paralelo ao seu corpo e perpendicular a qualquer linha de força que dele emanasse. A mais ou menos 60 cm do solo, a campainha tocou e a mesa imobilizou-se.

Esp. 60. - Exploração do espaço entre o médium e a mesa em levitação.

Pedi a levitação e enquanto ela se realizava, eu deslocava meu aparelho como anteriormente. A campainha ouviu no mesmo lugar e a mesa caiu no mesmo instante. Os operadores não me permitiram continuar a experiência; afirmaram, por meio de pequenas pancadas, que o aparelho cortava a linha de força entre o médium e a mesa.

As experiências 59 e 60 demonstram claramente:

1.º) Que o aparelho interrompia uma conexão entre o médium e a mesa; 2.º que, no longo dessa conexão, havia uma pressão mecânica do médium e a mesa.

Tenho razões para crer que é difícil aos operadores estabelecer essas linhas de força; uma vez formadas, elas permanecem mais ou menos no lugar enquanto dura a sessão. Eu as compararia a túneis penosamente perfurados através uma matéria resistente. Parecem ser de ordem física; senti, realmente, partículas de matéria em movimento, junto aos tornozelos do médium (de onde se desprendiam). Algumas vezes, essas linhas partem dos pulsos e eu notei, durante os raps, que se minha mão encontra esse fluxo de

partículas (que parece corresponder a uma linha de força) as pancadas cessam por muito tempo e não podem recomeçar senão com esforço. Em outras palavras, o caminho é interrompido. Não creio serem as partículas de matéria a causa da elevação da mesa. São, creio conexões que transmitem a pressão psíquica, pouco mais ou menos como os fios transmitem a eletricidade.

Exp. 61. Reação sobre o solo sob a mesa em levitação.

Servi-me do indicador da exp. 59 para me assegurar de que não havia reação quando a mesa estava suspensa. Colocando-o no chão sob o móvel, pedi a levitação. Durante os solavancos preliminares, etc., e também durante a levitação, a campainha não se fez ouvir.

Exp. 62. - Estado do médium durante a levitação.

Examinei o médium no decorrer de numerosas levitações. Seus braços, seguros pelos vizinhos da direita e da esquerda, ou em repouso sobre seus joelhos, estavam sempre tesos e algumas vezes de uma rigidez de ferro. Essa rigidez era sobretudo notável na articulação do braço, ainda que a tensão muscular, do ombro ao pulso, fosse extraordinária. Durante a levitação do tamborete à altura anormal de 1 m 20, os braços estavam de uma rigidez extrema, muito maior que quando a mesa n.º 1, quase quatro vezes mais pesada, achava-se suspensa no ar. Mlle Goligher disse que as levitações a grande altura são o que mais a fatigam. A rigidez muscular não se limita aos braços, estende-se a todo o corpo, mas em menor intensidade.

Sou levado a crer que após alguns meses existe uma alteração. Os braços hoje não me parecem tão rígidos durante a levitação. Talvez seja por uma difusão maior da reação.

Exp. 63. - Peso (?) da estrutura empregada para erguer a mesa.

Disse aos operadores: "Peço-vos empregar a força da qual vos servis para a levitação sob a mesa, mas não erguê-la e não agir de modo algum sobre ela". Repeti lentamente diversas vezes meu pedido, que eles declararam compreender perfeitamente. Havia feito anteriormente, o equilíbrio e o peso do médium (sentado sobre a báscula), da cadeira e da prancha. O peso que era de 62 quilos 100

começou a diminuir lentamente por sacudidelas, e voltou a ser mais ou menos estável aos 54 quilos 950. Por conseguinte, segundo os operadores, o peso do espaço ou da estrutura exigida pela levitação, era de cerca de 7 quilos. Mas, talvez não tenham compreendido minha intenção (se bem que pareciam tê-la alcançado muito bem) e eu não faço grande ostentação daquilo que obtenho.

Exp. 64. - Prova de determinada preparação antes da levitação.

Os operadores preparam o fenômeno, isto deriva de minhas numerosas observações; mas eis a prova. O prato fundo da balança de 12 quilos não é fixo ao seu suporte. 30 ou 60 segundos antes da levitação, estando a balança sob a mesa, ele começava a tremer, sem que ninguém o tocasse. Nenhuma pressão foi então registrada. O fenômeno era de tal forma regular, que cheguei a concluir sobre a existência de uma linha, de uma estrutura, de um substrato qualquer indo do médium ao prato e cuja reconstituição pede de 15 a 30 segundos antes de cada levitação, se for destruído totalmente ou em parte, pela projeção da luz branca.

Exp. 65. - Sensação causada pelo contacto da "substância".

Um dia, estando a mesa em levitação (foi durante uma suspensão difícil, acima da balança), coloquei minha mão sob o prato. Como nas experiências anteriores, não senti pressão alguma, mas alguma coisa úmida, fria, untuosa, como se o ar nesse lugar estivesse confundido com partículas de uma matéria desagradável. A palavra "viscoso" traduz melhor a sensação experimentada. Diversas vezes toquei essa mesma substância nas proximidades do médium, mas aqui ela parecia desprender-se. O pesquisador sentindo-a uma vez, sempre a reconhecerá. Foi à única vez que a percebi sob a mesa em levitação, entretanto aí deve estar habitualmente, posto que não materializada a esse ponto. Sua presença sob a mesa e junto ao médium implica numa provável relação com a levitação: em poucas palavras, não é admissível que essa substância não seja temporariamente subtraída ao corpo do médium, para lhe ser restituída no fim da sessão. É o

princípio fundamental e o suporte da força psíquica. Quando minha mão ali penetrava e deslocava-se, a mesa não tardava a cair.

Exp. 66. - Peso perdido de cada levitação.

Cada qual foi pesado no início e no fim da sessão, a qual durou cerca de uma hora e meia. Eis o que obtive: a qual durou cerca de uma obtive:

Nomes dos Assistentes	Peso antes da sessão	Peso após a sessão
Mlle Kathleen Goligher (médium)	53 kg. 740	53 kg. 690
M. Goligher.....	56 kg. 970	56 kg. 970
Mlle Ana Goligher.....	45 kg. 060	45 kg. 000
Mlle Lily Goligher.....	35 kg. 070	35 kg. 015
Mme Morrison.....	47 kg. 100	46 kg. 930
Mr Morrison.....	61 kg. 430	61 kg. 930
Dr. Crawford.....	68 kg. 040	67 kg. 870

Ao fim da sessão, M. Morrison teve um momento de distração e bebeu meio copo de água antes de ser pesado. O peso dessa água foi diminuído do total onde, no entanto, é possível que haja um erro de umas cinqüenta gramas. Um dos Goligher, o jovem Samuel, estava em férias. As pesagens eram meticulosas. Por exemplo, ninguém devia trazer consigo um lenço ao fim da sessão, se não o trouxesse no início.

Estudando esses resultados, vemos que existe uma perda geral de peso, à exceção de um único assistente. Essa perda não excede em caso algum a uma centena de gramas por pessoa, e atinge no total 540 grs. É preciso notar que o médium perdeu somente 50 gramas. Os mais atingidos foram a Senhora Morrison e eu. A sessão teve lugar numa tarde muito quente, com cerca de 21° C., e a sala era bastante pequena. Os fenômenos foram numerosos. Não possuo dados sérios a este respeito, mas não creio que as causas naturais (10) possam ter ocasionado uma tal perda. No que me diz respeito, eu não fazia parte do círculo. Eu ia e vinha pelo quarto, ocupado com o meu trabalho.

Apoderavam-se as entidades de minha matéria? Podem elas, para produzir a energia psíquica, subtrair a matéria àqueles que se acham completamente fora da corrente? Parece que sim.

(10) Por este eufemismo, muito inglês, o autor compreende evidentemente o suor.

Que os assistentes têm sua utilidade é evidente: os fenômenos não são nem tão prolongados nem tão poderosos quando faço a experiência com uma pessoa a menos. Um sinal característico é o violento abalo espasmódico que faz volta ao círculo, 15 segundos antes de uma levitação difícil, mormente quando a energia psíquica apresenta-se um pouco falha e parece não haver onde extrair reservas. Observei o fato repetidas vezes para me enganar.

No início da sessão, no primeiro quarto de hora, os assistentes recebem abalos intermitentes que cessam em seguida completamente, ou se repetem de vez em quando. Esse processo parece indicar que do corpo dos assistentes desprende-se alguma coisa que em seguida circula ao seu redor ou através.

Exp. 67. - Écran fluorescente sob a mesa em levitação.

Achando-se minha mesa normalmente suspensa, coloquei um écran para raios X de platino-cienídrico de bário no espaço vizinho. Fez-se no quarto completa escuridão, mas não constateei nenhum vestígio de fluorescência.

IX

TEORIA DA "ALAVANCA ENCAIXADA"

Proponho-me a expor neste capítulo uma teoria da levitação, baseada em grande parte nos resultados das 66 experiências descritas acima.

Após anotar todos os dados da experiência 50, tentei ver em primeiro lugar se a levitação se explicava por um sistema de duas, três,

ou mesmo quatro forças em equilíbrio. O resultado foi absolutamente nulo. A simples estática jamais explicará o fenômeno, pelo menos tanto quanto posso julgar. A teoria que então me pareceu corresponder melhor aos fatos, foi aquela da "viga" e em particular da "alavanca encaixada". A alavanca encaixada é uma viga solidamente fixa numa extremidade a uma parede e livre na outra. Suponhamos que o médium substitua a parede, que a alavanca seja projetada fora de seu corpo e sustente a mesa em sua extremidade.

1.º) Durante uma levitação regular acima do solo, sem aparelho sob a mesa, o peso da mesa é acrescido ao do médium. (Exp. 2, 3 e 4.)

Isto concorda com a teoria da alavanca. A viga tendo sua extremidade livre, é claro que o peso acrescenta-se de fato ao peso do médium.

2.º) O médium encontra-se num estado de tensão muscular (Exp. 62) correspondente à resistência, ao momento do peso da mesa. (11) Esse momento, ainda que bastante variável, raramente é inferior a 2 quilogramas 875, se admitirmos que a alavanca psíquica esteja fixa ao tronco do médium.

(11) O momento de uma força, em mecânica, é o produto desta força pela sua distância ao ponto de apoio. Ele mede o trabalho que a força deve realizar para vencer a resistência que mantém o equilíbrio.

3.º) Sob a mesa não há reação sobre o solo. (Exp. 38, 51, 52, 61.)

Isto ajusta-se à teoria da alavanca. A extremidade livre estando no ar, o peso a faz descer um pouco, mas não afeta o solo de maneira alguma.

4.º) Além da reação sobre o médium, igual ao peso da mesa, há uma ligeira reação sobre os assistentes.

Cerca de 97% do peso da mesa parece estar sobre o médium e os 3% restantes sobre os outros membros do círculo. (Exp. 5 e 6.) Isto acarreta uma ligeira modificação à teoria da alavanca. A extremidade livre não o é inteiramente, é sustentada muito levemente por frágeis alavancas que emanam dos assistentes.

5.º) Durante uma levitação poderosa, se existe uma força muscular aplicada à mesa, em um ponto qualquer que a une ao médium, a

resistência é sólida, ao passo que se a mesa sofre uma pressão vertical, a resistência é elástica. (Exp. 18, 19, 20.)

Isto ajusta-se à teoria da alavanca. A viga oferece uma resistência mais ou menos rígida às forças longitudinais e uma resistência elástica às forças normais.

6.º) A própria alavanca, ainda que invisível, pode ser pesada. (Exp. 63.)

Se a matéria que compõe a alavanca psíquica é emprestada ao médium, o peso deste não pode ser alterado; realmente, é ela projetada fora de seu corpo e não é sustentada em parte alguma sobre sua extensão. Isto estaria de acordo com todas as experiências: durante a levitação não se observa diminuição alguma de peso no médium.

7.º) Há uma distancia crítica, entre o médium e a mesa, para a levitação. (Exp. 10 e página 41.) Isto seria devido à estrutura da alavanca. Talvez não se trate de uma simples haste ou de um raio, mas de um feixe de diversa; ramificações, e sua fusão exigiria que o médium não se encontrasse nem muito próximo nem muito distante da mesa.

8.º) Passo agora aos desconcertantes resultados expostos no capítulo VII. (Exp. 50 e 53.)

A mesa n.º 1 (4 quilos 700) estando normalmente suspensa, havia sobre a balança dinâmica, uma pressão vertical de 13 quilos 500, ou seja 2,89 vezes o peso da mesa. Havia também uma pressão horizontal de 2 quilo 850 procedente do médium. Essas forças verticais e horizontais não estavam separadas, mas formavam os componentes de uma força única.

Em segundo lugar, enquanto um tamborete de 1 quilo 250 estava normalmente suspenso acima da báscula, esta acusava uma pressão vertical de 8 quilos 500, ou seja 6,8 vezes o peso do tamborete.

Como explicar esses resultados incontestáveis pela teoria da alavanca?

Na posição normal, a extremidade livre da alavanca está mais ou menos a 15 cm do solo. Na posição anormal, essa extremidade, que é elástica, ergue-se e pressiona obliquamente sobre a parte superior da balança. Essa pressão pode se decompor em uma força vertical e uma horizontal correspondente as observações da exp. 50.

A hipótese da rigidez da alavanca explica as indicações singulares das balanças.

Nas duas experiências a) e b) a altura do estrado de onde partia a levitação era mais ou menos a mesma, ou seja 35 cm. Em a) pressão era de 13 quilos 600 e em b) de 8 quilos 500. Por que, se as alturas são as mesmas, as pressões não o são? É porque a alavanca não conserva a mesma rigidez. O peso do corpo suspenso em a) era de 4 quilos 700 e em b) de 1 quilo 250. Os operadores não tinham necessidade de enrijecer tanto a alavanca em b) quanto em a); por conseguinte, esta erguia-se mais facilmente e não exercia uma pressão tão forte sobre a balança.

As exp. 51 e 52 confirmaram inteiramente as minhas hipóteses relativas à alavanca. Notei somente uma divergência, a descontinuidade da pressão vertical com a altura. As três experiências também não deram as mesmas indicações para o mesmo estrado e para a mesma altura; entretanto, as conclusões gerais permaneceram as mesmas. Aliás, não se pode esperar que os resultados sejam idênticos; é lógico supor que o comprimento da alavanca variasse a cada sessão e mesmo diversas vezes durante a sessão, sua forma geral podendo ainda sofrer alguma alteração.

O componente horizontal da reação, não existe senão quando a extremidade da alavanca se dobra para o alto. Não haveria componente horizontal na levitação normal acima do solo, se na extremidade livre não houvesse pressão. Não tive ocasião de fazer experiências para descobrir a relação entre o componente horizontal e a altura do estrado, mas penso que ela aumentaria gradualmente a partir de zero.

As exp. 59 e 60 mostram claramente que, no espaço entre o médium e a mesa em levitação, existem uma ou diversas linhas, ou antes um tubo de força. A seção desse tubo não parecia medir mais que alguns cm^2 . Próximo ao médium e seus joelhos, ele estava cerca de 60 cm acima do solo. Por outro lado as exp. 51 e 52 mostram que, sob a mesa, a pressão mecânica se faz sentir sobre o estrado da balança, quando esse estrado está cerca de 7 cm $1/2$ acima do solo. Esta série de observações concorre, por conseguinte, a favor da teoria da alavanca. Esta projeta-se do corpo do médium, inclinando-se até se encontrar sob a mesa e a alguns centímetros acima do solo. Todas as experiências demonstram não ser ela sustentada em parte alguma de sua extensão.

Trata-se agora de determinar se é direita ou curva. Não tenho sobre esse ponto as mesmas previsões. Creio ter ela a forma representada na figura 1, isto é, um braço A ligeiramente convexo saindo do médium M, onde está solidamente encaixada e uma coluna vertical B cuja extremidade apóia a mesa suspensa. A forma levemente arqueada do braço serve para dar mais rigidez à estrutura.

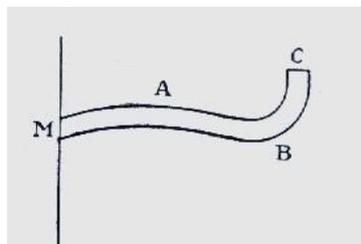


Fig. 1 - Forma geral da alavanca psíquica.

Quando o estrado da balança colocada sob a mesa está a mais de 7 cm $1/2$ acima do solo, o ângulo C faz pressão em cima, o que produz os resultados das exp. 51 e 52. O indicador elétrico cortava o braço A quando a campainha se fazia ouvir.

Não examinarei aqui a questão de saber como uma estrutura, possuindo as características de uma tal alavanca e cuja extremidade pode sustentar por mais de cinco minutos um corpo sólido pesando 4 quilo, $1/2$, aparentemente não é feito de nada. Voltarei ao assunto.

A alavanca AB, na minha opinião, não é senão uma modalidade dos fenômenos produzidos pelos operadores. A levitação da mesa é um trabalho delicado, devido a precisão de equilíbrio a obter. Não se trata, realmente de impelir o móvel a torto e a direito. É o que explica a demora dos preparativos. Uma comunicação física parece se estabelecer entre o médium e a mesa, e quando essa linha está bem assente, a for; psíquica age ao comprimento da linha, isto é, torna-se rígida.

Quando os operadores querem agarrar a mesa de um modo mais vigoroso, por exemplo, deslocá-la pelo quarto com energia para impressionar um visitante que a sustém e procura imobilizá-la, eles inclinam a borda de 40° em direção ao médium. Não há problema de equilíbrio a resolver, por conseguinte não há preparativos: a mesa inclina-se, e um braço curto, quase reto, projeta-se do médium sob a mesa (fig. 2). Muitas experiências demonstram que essa forma do braço da alavanca é própria e que possivelmente existem outras. Podemos compará-la à tromba de um elefante. Para uma levitação delicada, a tromba teria a forma apresentada na figura 1; por meio de um esforço poderoso, ela seria curta, reta, espessa. Dir-se-ia que a extremidade do braço segura a madeira da mesa e certos objetos, a eles aderindo.

Exp. 68. - Pesquisa da tração psíquica.

Quando a mesa está no chão, no meio do círculo, os operadores podem levá-la próximo ao médium. Tendo constatado que eles a puxavam ora por um canto, ora por outro, assegurei-me de que podiam deslocá-la paralelamente a si mesma e procurei, interrogando-os, saber por que meios. Finalmente disse-lhes: "Operam vocês por sucção?" Três pancadas fortes e quase festivas, responderam afirmativamente. Experiências posteriores diversas deram-me a quase certeza de que os operadores diziam a verdade.

Eis o que se passa. O braço da alavanca vai sob a mesa, em linha mais ou menos reta; pois o esforço é mínimo. Sua larga extremidade, em forma de coluna, agarra a parte inferior da mesa e os operadores

fazem simplesmente tornar a entrar no corpo do médium a alavanca por inteiro. Podem assim imprimir à mesa todos os movimentos já descritos.

Exp. 69. - Tração psíquica durante a levitação.

Ergui a mesa no ar e pedi aos operadores puxarem-na como já o haviam feito: obedeceram imediatamente. A tração era muito sensível e contrariamente à minha expectativa parecia aplicar-se bastante baixo sob a mesa, a 30 cm pouco mais ou menos do solo. Diversas experiências deram o mesmo resultado. Além disso, o órgão trator pareceu-me, ao tocar, sólido e de modo algum elástico ou mole. Quanto à mesa, estava fortemente agarrada.

Tomemos o caso das quatro mesas suspensas acima do estrado da balança (capítulo VI). Duas dentre elas foram erguidas horizontalmente, duas outras, menores, a um ângulo de pouco mais ou menos 30° . Não é provável que os operadores experimentassem certa dificuldade em ajustar seu braço de alavanca exatamente por baixo, em face da exigüidade relativa da superfície e por se acharem elas, sobre o estrado, a uma altura de cerca de 17 cm? A alavanca, em lugar de ser do tipo normal da figura 2, sofreu, para maior comodidade, uma inflexão. A parte próxima ao médium, provavelmente permanece estreita e o resto condensa-se sob a mesa. Talvez existam mesmo dois ou três braços que ali se reúnam em um só.

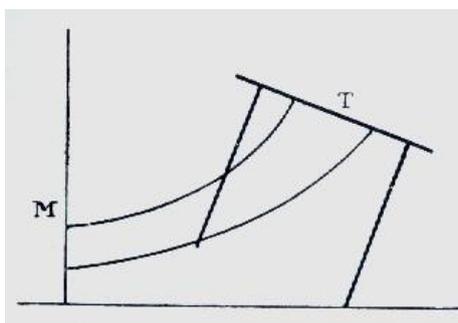


Fig. 2 - Forma da alavanca no caso de uma levitação poderosa.

A teoria da alavanca encaixada deita alguma luz sobre os resultados anormais do capítulo VI. Lembremo-nos que (exp. 43) durante a levitação do tamborete, o fiel da báscula estava inteiramente rígido só

voltando a encontrar sua sensibilidade mais tarde. É provável que o dispositivo empregado estivesse inclinado. O componente horizontal, bastante poderoso, impelia o estrado sobre suas arestas e ocasionava uma certa fricção. É preciso não esquecer que a alavanca, na levitação, toma diversas formas, segundo o princípio do mínimo esforço, e que a intensidade e direção das reações estão sujeitas a variar. Durante a exp. 57, uma pancada se fez ouvir sob a mesa, exatamente antes da levitação. Não seria por estar a superfície da coluna aplicada sob o móvel com maior vigor do que habitualmente?

Demonstrei na exp. 24 que se pode virar a mesa e que o experimentador é incapaz de erguê-la. A fig. 3 indica o que provavelmente se passa. Na exp. 29, como eu segurasse no ar uma pequena corneta de metal, atraíram-na com tal violência que quase me foi arrancada. Uma alavanca psíquica devia se projetar fora do médium, sua extremidade, após tatear por uns vinte segundos, colar-se à ponta da corneta e a alavanca entrar bruscamente no corpo do médium.

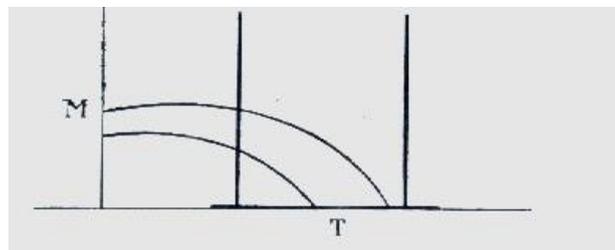


Fig. 3 - Alavanca psíquica virando a mesa.

Uma outra experiência com a corneta, forneceu-me alguns dados interessantes.

Exp. 70. - Levitação de uma corneta (12).

(12) Ver capítulo IV, exp. 29.

No início da sessão, a corneta encontra-se no chão sob a mesa. Após um momento, eleva-se no ar do lado oposto ao médium e agita-se horizontalmente, marcando compasso durante cinco minutos ou mais. Observei com freqüência esse fenômeno, porém somente três vezes vi o seguinte: depois de se manter no ar por algum tempo, a corneta se

entesa até tocar a borda da mesa, subindo então por movimentos bruscos ao longo dessa borda, a pequena ponta para a frente. Os operadores jamais conseguiram fazê-la cair sobre a mesa, na minha presença. Os assistentes foram uma vez mais felizes do que eu.

Na exp. 22, vimos que a mesa podia, à vontade, tornar-se leve como uma pluma ou tão pesada que seria impossível erguê-la. Por outro lado, nas exp. 45, 47, etc., a reação normal sendo de 13 quilos 600 para uma levitação regular, essa reação não tem lugar repentinamente, mas aumenta constantemente durante mais ou menos 5 ou 6 segundos, depois do que a mesa se eleva no espaço. Segundo minha teoria, esse aumento progressivo corresponde ao aumento de rigidez da alavanca, em luta com o peso. Se a rigidez não é bastante grande para erguer a mesa, e, entretanto permite à alavanca exercer uma pressão ascendente, há uma diminuição aparente de peso. Ora, os operadores podem deter a força psíquica à vontade. Quanto ao aumento de peso da mesa, é obtido pela adesão da alavanca e pressão para baixo.

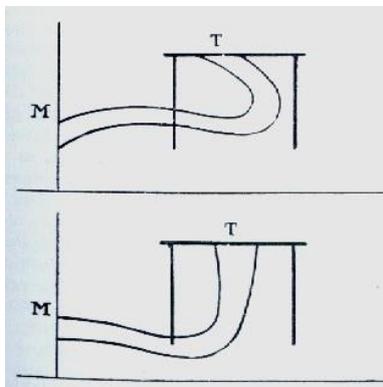


Fig. 4 - Levitação da mesa.

Um fato várias vezes destacado por mim, é que a mesa parece arremessar-se no ar quando a pressão psíquica torna-se suficientemente forte. Dir-se-ia que é suprimida repentinamente uma força antagônica à levitação. A hipótese seguinte, que me parece pelo menos provável, explicará talvez em parte o fato.

Enquanto a levitação se prepara, a linha de comunicação (seja qual for) é mole, frouxa; um vínculo flexível reúne o médium à mesa. A força psíquica estende-se ao longo dessa linha e a alavanca rígida

forma-se pouco a pouco. Em dado momento, que depende de sua rigidez, a extremidade da alavanca entesa-se repentinamente. Torna-se reta e vertical entesando a mesa, que se eleva de um salto. (fig. 4).

X RAPS

Descrevi no capítulo 1º os diversos raps percebidos durante minhas sessões. Proponho-me a relatar aqui as experiências feitas a esse respeito e apresentar uma teoria que os explica.

Exp. 71. - Variação do peso do médium durante os raps.

Achando-se o médium sobre a báscula e estabelecida a tara exatamente em 59 quilos, pedi aos operadores que batessem no chão. Uma ou duas pancadas se fizeram ouvir, apenas perceptíveis.

Sucederam-se depois, a intervalos de alguns segundos. À medida que se tornavam mais fortes, eu notava uma coisa estranha: no momento do raps, o fiel às vezes erguia-se até buttoir ou, ao contrário, caía totalmente. A princípio não compreendi nada do que se passava, depois notei que o peso do médium diminuía mormente quando os golpes eram mais fortes. As "marteladas", o peso do médium permaneceu igual a 55 quilos 400 até o fim da experiência que durou um minuto. A diminuição de peso era de 3 quilos 600. Uma segunda experiência produziu o mesmo resultado.

Portanto, concluiremos que: 1° os golpes não podem ser produzidos a não ser que o peso do médium diminua; 2° sua força depende da diminuição de peso e parece proporcional a essa diminuição; 3° a perda de peso é temporária, porquanto a tara do médium é regularmente recuperada após a experiência; 4.° a perda de peso não se dá subitamente, mas gradualmente; 5.° a perda de peso alcança um máximo e não mais se altera. Parece-me que essa perda representa a matéria temporariamente emprestada ao médium e que de alguma forma serve à produção dos golpes.

Exp. 72. - Efeito dos golpes aplicados no chão sobre o peso do médium.

A tara inicial do médium era de 59 quilos. Quando a diminuição de peso atingiu seu máximo e o fiel equilibrado em 55 quilos 400, pedi aos operadores que aplicassem golpes de intensidade variada sobre o assoalho. Constatamos então um acréscimo de peso sincrônico no médium, o fiel erguendo-se um segundo até o buttoir a pressão mais ou menos proporcionada à força do golpe, alcançando, ao tocar, várias libras. O ruído da bala que ressalta, etc. (cf. capítulo I) produz um acréscimo de peso passageiro, equilibrando-se o fiel novamente após cada golpe.

Como conciliar os resultados da exp. 71 com aqueles da levitação, o médium perdendo peso no primeiro caso, ganhando, ao contrário no segundo? A única conclusão razoável, é de que o processo da levitação

é diverso daquele que produz os raps. No primeiro caso, os golpes são raros e fracos.

Exp. 73. - Variação descontínua do peso do médium durante os raps.

No início desta sessão, talvez devido à grande umidade, os fenômenos foram mais lentos ao se produzirem. Formada a corrente após certo tempo e obtidas as levitações, sentei o médium sobre a balança. Em seguida alterei a ordem dos assistentes, pedindo-lhes colocar as mãos sobre os joelhos. Isto pareceu quebrar o equilíbrio psíquico, e a sessão teve que recomeçar. A tara inicial era de 62 quilos 100. Durante os primeiros cinco minutos, não houve alteração de peso e nenhuma resposta às perguntas por meio de golpes. Então o peso decresceu muito lentamente e fracos raps se fizeram ouvir. Insisto sobre este ponto: nenhuma espécie de golpe foi percebida antes dessa diminuição, que se precipitou então por fluxos sucessivos de 900 a 1.200 grs. Após cada subtração de peso, havia um ligeiro acréscimo e a tração operada sobre o médium tornava-se mais fácil. Encetado o fenômeno, pedi aos operadores baterem por intervalos as diminuições de peso tornaram-se cada vez mais acentuadas. Observei que após um golpe forte no chão, o peso diminuía de 9 quilos para recuperar pouco mais ou menos seu valor, mas ao fim de 6 a 7 segundos. Em outras ocasiões, isso durava meio minuto e o peso primitivo não era recuperado. O gráfico do fenômeno assemelha-se a dentes de serra, da dimensão crescente. O valor final era de 38 quilos 150. Manteve-se mais ou menos estável durante alguns minutos. Depois, para surpresa minha, o médium começou a recuperar o peso perdido. A recuperação foi muito lenta e muito regular, em clara oposição com o processo de decrescimento. Ao fim de dois minutos, a balança marcou o peso primitivo: 62 quilos 100. Esses resultados explicam-nos, creio os fluxos de tensão nervosa e muscular que tantas pessoas experimentam no começo de uma sessão.

É possível que os operadores tenham agido diretamente sobre o fiel da balança. Mas nossa hipótese é bastante arriscada. Eles estavam tão desejosos de que as experiências fossem bem sucedidas quanto eu, e

se não lhes era possível fazer o que eu lhes pedia, nunca deixaram de me prevenir. Além disso, o fiel estava quase todo o tempo iluminado por uma luz bastante forte. Enfim, a correspondência entre o vigor dos golpes e as diminuições de peso, indica claramente que o registro das forças era devido unicamente à ação exercida sobre o médium.

Exp. 74. - Distinção entre os processos da levitação e dos raps.

Quando eu dirigia uma pergunta aos operadores imediatamente após uma levitação, meio minuto decorria antes da resposta, a qual me era dada por meio de pequenas pancadas leves. Alguns segundos depois, os raps aumentavam de intensidade. Concluí que era necessário certo tempo para passar do fenômeno da levitação ao fenômeno dos raps. Outrossim, para evitar alteração em seus métodos, os operadores preferiam responder às perguntas, inclinando a extremidade da mesa.

Exp. 75. - Retorno do choque sobre o médium durante os raps.

Essa experiência teve lugar em minha casa. A luz era boa e sentado em frente ao médium, eu o podia observar perfeitamente. Os operadores produziam pancadas surdas em frente ao médium a intervalos de alguns segundos. Este, a cada pancada, era arremessado para trás em sua cadeira, com muita violência mesmo. Parecia ter sido atingido no peito por um pequeno corpo animado de uma velocidade considerável. Era um verdadeiro bombardeio. Quando as pancadas eram produzidas em sua vizinhança imediata, Mlle Goligher parecia ser tocada numa direção mais vertical, o que é conforme as leis da mecânica se supusermos que uma haste semelhante a um corpo semi-rígido, projeta-se do médium ao lugar do assoalho onde os raps se devem produzir. Durante o bombardeio, senti todos os movimentos de reação causados pelas pancadas no corpo do médium. Mlle Goligher não foi importunada. Ela não sofre nenhuma tensão como na levitação.

Exp. 76. - Pesquisa sobre "a forma" do golpe.

Para avaliar o que produziria um golpe sobre o papel, consegui um par de argolas de cobre tendo cerca de 15 cm de diâmetro, coloquei um pedaço de papel pardo entre elas e apertei-as por meio de duas

porcas de parafuso. O papel achava-se então, esticado como o couro de um tambor. O raps foi perfeitamente aplicado sobre e o papel sofreu um ligeiro rasgão curvo de 2 cm 1/2 como se houvesse sido tocado obliquamente por um corpo oval de pouco mais ou menos 6 cm², movendo-se com certa lentidão.

XI

TEORIA PROJETIVA DOS RAPS

Vou examinar agora a teoria da produção dos raps.

Hastes psíquicas semiflexíveis projetam-se fora do médium em diversos pontos de seu corpo e sua extremidade tocando vivamente o solo, a mesa, uma cadeira, etc., produz os ruídos conhecidos sob o nome de raps. Essas hastes ou raios que parecem ter todas as

características dos corpos sólidos podem variar de extensão e de diâmetro. Sua extremidade é mais ou menos rígida. Essa rigidez, variável segundo a luz, a energia psíquica em jogo, etc., é sem dúvida obtida por uma ação molecular que ignoramos e que é da mesma natureza que aquela da alavanca.

Não aceito as teorias que explicam os raps por "explosões". Se, como creio, o que se passa no meu círculo é típico, os testemunhos mais concludentes são, ao contrário, a favor de percussões diretas produzidas por um corpo de aparência sólida. Examinemos em detalhe algumas dentre elas.

1.º) Os raps (de qualquer natureza) provocam uma vibração do solo ou do corpo atingido. As pancadas violentas fazem tremer o assoalho.

2.º) Os assistentes as vezes sentem-se atingidos. Analisei com cuidado a impressão colhida. Um contacto psíquico faz perfeitamente o efeito de uma vareta com a ponta arredondada impelida contra o braço, o pé, ou qualquer outra parte do corpo. De qualquer maneira que os operadores provoquem o contacto, sente-se a ponta embotada por alguma coisa dura e mesmo metálica. (13)

(13) Na sua terceira série de experiências, mostrou o autor que essas hastes psíquicas não eram sólidas, a não ser sobre uma extensão de 5 cm; o resto era intangível. A extremidade assim materializada tinha uma forma variável, mais ou menos semicircular; a mais fina tinha o diâmetro de um dedo polegar e era dura como o ferro. As vezes era chata e enrugada, ou riscada. Naturalmente, todas essas estruturas eram invisíveis. Crawford obteve alguns raps sobre a sola de seus sapatos; adquiriram, a pedido, todas as formas já enumeradas no capítulo I. Os mais abafados eram devidos à maior fluidez da estrutura. Os raps "metálicos" eram feridos com uma velocidade considerável. A dimensão da haste psíquica variava rapidamente. O autor certificou-se, ferindo essa haste com o pé, de que ela ficava suspensa no ar totalmente rígida e, por conseguinte, não adquiria sua rigidez ao contacto dos corpos sólidos.

A rigidez da haste que fustiga, varia com a intensidade da luz. Quando acontecia formarmos um círculo improvisado, seja na sala de jantar ou em qualquer outra peça onde havia lume e onde as reverberações nos iluminavam da rua através os postigos fechados, os operadores batiam sobre a cadeira do médium ou sobre o solo, entre

seu assento e aquele de M. Morrison, isto é, sempre muito próximo ao médium. Quando a luz é muito forte ou mal regulada, coisa freqüente, as pancadas são amortecidas e não parece provável que possam vir a ser claras. Não posso evitar de pensar que a haste que fere não é, aqui, tão rígida como de hábito; torna-se mole, ou funde-se mesmo em parte sobre sua periferia, lá onde está exposta à luz, guardando somente o núcleo sua solidez.

4.º) As hastes saem de diferentes partes do corpo do médium. Se a energia psíquica é fraca, as hastes serão de menor extensão compatível com a produção do fenômeno. Por conseguinte, os raps, no início de uma sessão, são percebidos muito próximo aos pés do médium, as hastes saindo, como tenho razões para crer, de seus tornozelos ou de suas proximidades. Aliás, a reação (exp. 72 e 73) produz ligeiros movimentos involuntários dos pés, movimentos que um observador superficial atribuiria a uma trapaça. Pouco depois, quando a energia psíquica torna-se mais forte, os golpes se produzem mais distante dentro do círculo, sobre as cadeiras dos assistentes, ou sob a mesa que está no centro. A origem da haste parece aqui estar mais elevada, porquanto os movimentos de reação são visíveis sobre o tronco.

5.º) Já vimos que os raps variam de intensidade; naturalmente, aqueles que parecem ter a força de um martelo de forja, em realidade não a têm: o assoalho fender-se-ia sob o choque. A extremidade da haste sendo ligeiramente elástica, provoca uma violenta vibração do solo que produz mais ruído que estrago. Uma vara flexível batendo um tapete, dá uma idéia do fenômeno.

Muitas vezes observei que os golpes mais fortes não são vibrados com rapidez. Raramente o são por série, quer dizer que alguns segundos decorrem sempre entre Eles, e enquanto se realizam, nenhum outro fenômeno se produz. Segundo minha teoria, uma haste única se projeta fora do médium e tais são suas dimensões, que toda a energia psíquica aí se encontra aplicada. Em outras palavras, é um martelo de forja e não um martelinho de tapeceiro. Se os golpes são

leves, como no caso em que marcam uma ária de dança, duas ou várias hastes delgadas podem ser projetadas simultaneamente e o operador parece utilizá-las como das teclas de um piano. Pelos meus cálculos, seu diâmetro deve variar entre 3 e 75 m/m.

6.º) Vejamos como a teoria projetiva explica as exp. 71, 72 e 73.

Diminuição de peso. - A rigidez da haste psíquica é devida a partículas de matéria que o médium projeta temporariamente. Assim que a haste está formada, sua extremidade livre descansa sobre o solo, isto é, uma parte do corpo do médium apoia-se sobre o assoalho, fora da balança sobre a qual se acha sentado: parece então perder no peso. Quanto mais espessa for a haste e quanto mais matéria exteriorizada houver, portanto quanto mais forte for o golpe, maior é a diminuição de peso.

Na exp. 71 o aumento de peso temporário era devido 1.º a uma ou várias hastes que se achavam suspensas acima do solo, e 2.º à reação mecânica sobre o médium quando essas hastes feriam o assoalho.

7.º) Além dos raps habituais, existem diversas imitações, como o ruído de uma bala que ressalta. Explica-se por alguma modificação no acabamento da haste. Ela é mais mole que de costume e sua forma talvez não seja exatamente a mesma. No caso do papel de lixa, a extremidade da haste roça o solo em lugar de fustigá-lo. Quanto ao ruído da madeira ao ser serrada, este é mais complicado. Talvez seja a haste inteira que se move ao longo do pé da mesa.

8º) Os movimentos de pequenos objetos sem contato explicam-se facilmente. Quando a campainha de mão é erguida, podemos supor, ou que duas hastes a seguram de cada lado como pinças, ou que uma única haste a ela se adere. Então a campainha produz um som amortecido, o que indica que as hastes fazem pressão sobre o metal e que elas têm as propriedades dos corpos sólidos. Quando a campainha é segura somente pelo cabo; seu tilintar é claro.

Exp. 77. - Ação sobre a máquina de escrever.

Eu desejava ver o que os operadores fariam com uma máquina de escrever. Coloquei uma no chão, no centro do círculo. Apenas havia

terminado e aceso a luz vermelha, as teclas foram ligeira e rapidamente tocadas, como se tocadas. por mãos. Ao cabo de alguns minutos, constatei que as teclas estavam bloqueadas, porque várias dentre elas haviam sido tocadas simultaneamente e foi necessário repô-las no lugar antes de continuar a experiência. Os operadores não sabiam usar a máquina, era evidente. Expliquei-lhes então que era preciso tocar cada tecla separadamente, de um golpe seco e deixá-la voltar ao ponto de partida, antes de recomeçar. Seguiram minhas instruções pontualmente, conseguiram então escrever:

MBX; G C S Q

Isto não se assemelha a uma comunicação e o interesse da experiência é mostrar que as teclas podiam ser tocadas com o justo grau de força necessária para obter um resultado. O metal com o qual é fabricada a máquina não parece exercer nenhuma influência má sobre a transmissão ou aplicação da força. Eu acrescentaria que certas teclas estavam muito gastas e que os operadores talvez tivessem algumas dificuldade em lê-las.

Exp. 78. - Impressões das hastes. (14)

(14) Na 3.^a série, serão encontradas numerosas e metódicas experiências sobre as impressões psíquicas.

Pedi aos operadores que batessem sobre um bloco liso de mástique colocado em um pires. Obtivemos três impressões semelhantes, apresentando cada qual a forma de uma cavidade oblonga de cerca de 18 x 12 cm sobre 6 cm de profundidade. As bordas das duas cavidades da direita e da esquerda, transbordavam sobre aquelas impressas no meio. O fundo dessas cavidades não era unido, via-se ali duas séries de traços aos quais eu chamaria de ondas, umas longas e relativamente profundas, outras cortando o cume das primeiras em ângulo reto. Estas eram paralelas, e retas sobre quase toda sua extensão, se bem que pareciam curvar-se à beira da cavidade. Contávamos 5 por centímetro. As pequenas ondas não alcançavam em profundidade senão um terço das grandes e aí havia 13 centímetros. Essas ondas não foram evidentemente produzidas por um movimento deslizante paralelo à sua extensão; a impressão parece ter sido feita por uma

ação perpendicular ao mástique, pois este não se achava nem riscado, nem fora de nível.

Pareceu-me, pelo reflexo, que essas impressões assemelhava-se muito a impressões digitais. Examinei então meus próprios dedos com a lente. A um aumento de 3 ou 4 diâmetros, a proporção era surpreendente. Se como é provável, os raps sobre o mástique eram realmente produzidos por dedos invisíveis, poderíamos deduzir que a) Esses dedos não são de tamanho normal: são pelo menos três vezes mais volumosos; b) os sulcos são tão claros e tão regulares que devemos atribuí-los a dedos "novos" e não a dedos humanos comuns os quais estão mais ou menos gastos; c) as impressões não revelam senão uma pequena parte do dedo ou do polegar; d) podem assemelhar-se aquelas do dedo grande do pé humano, o que não invalida as deduções acima.

Essas observações não deitam por terra a teoria da haste. A única diferença, é que aqui a extremidade da haste seria preparada de forma a assemelhar-se a uma impressão digital, da mesma maneira pela qual sofreu uma modificação especial para imitar a bala que ressalta e a serra. Acreditaria, apoiando-me no princípio do mínimo esforço, que a extremidade da haste, por meio de simples raps, estaria unida e não enredada por desenhos. Consultei portanto os operadores. Repetiram claramente que as impressões deixadas sobre o mástique eram impressões digitais, mas que, para os raps comuns, Eles não faziam uso, servindo-se para isso da haste simples com extremidade arredondada. Produziram as impressões porque o mástique, sendo mole, podia recebê-las, e também porque nos queriam mostrar do que eram capazes.

A propósito, o leitor ficará satisfeito ao saber que expus aos operadores minha teoria sobre a alavanca, após construí-la peça por peça. Fi-lo progressivamente e em termos tão pouco técnicos quanto possível. Afirmaram que tudo isto era exato e que me compreendiam quando eu descrevia a haste curva saindo do médium, movendo-se sob a mesa, entesando-se depois em forma de coluna, etc. Afirmaram

também ser a teoria dos raps exata em princípio. Naturalmente, não peço à ninguém dar um valor científico a estas declarações, só as menciono a título de curiosidade. Informe-me certo dia da maneira pela qual as alavancas, as hastes, etc., tornavam-se rígidas. Eles o ignoravam. Existiriam entidades conhecedoras do assunto? Responderam que sim. Poderiam trazer essas entidades ao círculo para darem informações? Disseram que seria duvidoso. E assim ficamos até o dia de hoje.

Exp. 79 e 80. - Ação da energia psíquica sobre o eletroscópio.

Utilizei-me de um eletroscópio comum com prato e folhas de ouro. Carreguei-o, pedindo então aos operadores não mais agir sobre a mesa (acabavam de erguê-la), mas extrair ao médium tanto peso quanto lhes fosse possível e concentrar a substância sob a mesa, no chão. Cerca de um minuto mais tarde, um formidável golpe indicou-me que a operação havia terminado. Coloquei o eletroscópio carregado sob a mesa e aí o deixei cerca de meio minuto, porém não foi afetado. Pedi então aos operadores que tocassem o prato muito delicadamente. Assim fizeram quase no mesmo instante. O "contato" consistia em uma espécie de raspagem metálica muito perceptível e da mesma natureza de som que o ruído do papel de lixa sobre o assoalho. Desta vez, o eletroscópio estava completamente descarregado.

Exp. 81 e 82. - Contato do eletroscópio.

Apesar de repetidas tentativas, não me foi possível carregar o eletroscópio. Pedi então aos operadores que restituíssem ao corpo do médium a substância extraída a meu pedido (exp. 79), e desferirem alguns golpes quando o houvessem feito. Um minuto depois, ouvi raps muito leves. Perguntando se a operação havia terminado, não obtive a mínima resposta, donde concluí que toda a substância que havia sido extraída ao médium lhe fora restituída. Em todo o caso, consegui carregar o eletroscópio. Feito isto, coloquei-o no chão, como anteriormente, e desejei que o prato fosse tocado levemente. A raspagem metálica se fez ouvir novamente e o eletroscópio foi completamente descarregado.

Refiz muito cuidadosamente a exp. 80. Mesma dificuldade para carregar novamente o eletroscópio. Ainda desta vez, a descarga foi completa após o contato. A hipótese de trabalho, que corresponde a alguns resultados das exp. 79-82, é que o contato psíquico volta a por a corpo do médium em contato com o eletroscópio, mediante a substância que lhe foi subtraída para a produção dos raps e outros efeitos semelhantes. A raspagem a qual me referi, pertence à categoria dos raps na qual a haste roça sobre sua extensão em lugar de agir na extremidade.

XII

EXPERIÊNCIAS DIVERSAS

Exp. 83. - Choque elétrico.

Coloquei no chão uma pequena bobina indutora ligada a uma pilha seca, no centro do círculo, e introduzi na mão direita do médium um dos eletródios, tubo de metal de 5 cm, de comprimento.

Permanecendo o outro eletródio sobre o solo, pedi aos operadores que o tocassem, o movessem, o que parece fizeram.

Resultado: o médium sofreu um ligeiro choque elétrico no braço direito e um abalo no pulso. Embora eu tivesse cuidado em não o deixar ver meu dispositivo antes da experiência, esta não é concludente devido a auto-sugestão. Por isso só a menciono de memória.

Exp. 84. - Fosforescência.

Pedi aos operadores que tocassem e agitassem um écran de sulfureto de cálcio que permaneceu durante um dia em meu bolso e que, por conseguinte, não era luminoso. Assim fizeram, mas não constatei a mínima fosforescência.

Exp. 85. - Fluorescência.

Nas mesmas condições, um écran a raios X (platino-cianure de bário) não deu sinal algum de fluorescência. Foi a única ocasião em que o quarto se encontrava em completa escuridão, e ao fim das experiências aproveitaram os operadores para desenvolver toda a sua força. Fomos submetidos a um verdadeiro tremor de terra. Ninguém conseguiu manter a mesa; ela voltou-se, elevou-se e fez toda sorte de contorções. Os golpes desferidos sobre o solo eram terríveis e foi tal a algazarra, que me senti feliz em reacender o gás.

Exp. 86. - Delicadeza de ação da força psíquica sobre o médium.

Achando-se o médium sentado sobre a báscula, e sendo a tara de 62 quilos 100, pedi aos operadores diminuir seu peso de um quilo. O fiel caiu quase em seguida, mas o kg havia sido ultrapassado. Pedi-lhes então acrescentarem o peso necessário. Ao fazê-lo, ultrapassaram mais uma vez a medida, dessa vez em excesso. Foi feita a correção por três ou quatro vezes, até ser obtida a redução desejada. Assim os fiz extrair 4 libras, depois 7 a 10 libras e constatei que os raps desferidos ao fim de cada operação eram cada vez mais fortes. A 10 libras, atingiam o máximo.

Exp. 87. - Fotografia psíquica.

Esse clichê foi colhido por um dos meus amigos, sob minha vigilância, sábado à noite do dia 23 de outubro de 1915, em minha casa. Isto não entra no plano das minhas experiências, porque não sou competente em fotografia. Contudo, embora não tenha sido submetido a todos os controles usuais, esse clichê é absolutamente autêntico. Infelizmente é único, e apesar de todos os esforços meus e do círculo, não me foi possível obter um semelhante. Mlle Goligher, o médium, havia passado o dia com dor de garganta e eu quis adiar a sessão, mas sentindo-se melhor à noite, ela não o permitiu. O aparelho foi colocado na extremidade do quarto, em frente ao médium, apontando para a mesa. Eu havia decidido tirar a fotografia quando estivéssemos a meio da sessão. Tivemos raps, levitações, etc. Após cerca de meia hora, cessaram os fenômenos e os operadores avisaram, por meio de pequenas pancadas, que tinham tudo preparado para a pose. Havia feito várias perguntas sobre a altura que queríamos dar à mesa durante a levitação, sobre a maneira de lidar com o magnésio, etc. Por fim ergueram a mesa e a mantiveram no ar por vários minutos. Tivemos a impressão de que se exercitavam. Houve uma pequena pausa, em seguida pediram que projetássemos o clarão do magnésio, parece-me que para ver o efeito dessa luz intensa sobre as condições do equilíbrio psíquico. Seja como for, nós havíamos descoberto a objetiva no momento do clarão. A mesa estava no chão. Após um momento, os operadores disseram que nada mais podiam fazer, devido ao estado do médium. (15) O desenrolar da chapa revelou-nos uma surpresa.

(15) Mlle Goligher foi muito afetada pelo clarão fotogênico. Tremeu violentamente durante dez minutos. Entretanto a quantidade de substância emprestada ao seu corpo para formar a alavanca psíquica não era muito grande. Com a massa necessária extraída em certas experiências, a chama de magnésio seria perigosa. Eis a razão pela qual os "operadores" se opunham a essas tentativas. Se o médium tivesse cinco ou seis anos a mais, diz o autor, provavelmente poderíamos ter sido menos prudentes.

Vemos sair do meio do antebraço do jovem Samuel Goligher (em estado de transe) como também em outro lugar, uma coluna vertical

de substância branca, translúcida, de aproximadamente 10 cm de diâmetro. Eleva-se à 30 cm, inclina-se para reatar-se a uma coluna um pouco mais larga que sobe verticalmente até 1 m. 50 acima do solo. Essa coluna aumenta em densidade e brancura. Vê-se perfeitamente, através dela, o desenho do papel que reveste a parede. Torna-se opaca no cume para descer novamente em zig-zag, volta a ser horizontal e reabsorve-se à altura do peito do médium. Suponho que um outro ramo se vá reunir ao peito de Mlle Anna Goligher. Enfim, na parte inferior da coluna, deve estar uma bifurcação oculta pelos assistentes.

Essa fotografia, a qual mostra o mecanismo da levitação, parece indicar uma circulação do fluido psíquico. Dir-se-ia que esse fluido vem pelo arco que se encontra na parte inferior da coluna, para ser impelido para o alto, onde sua energia cinética está esgotada, para em seguida se reabsorver no médium. Este seria, na realidade, uma "bomba psíquica". Talvez a coluna vertical esteja sob a mesa durante a levitação, e então a pressão seria muito maior. Aqui, realmente, o fluido psíquico parece perder sua energia superando seu próprio peso, mais ou menos como um jacto de água vertical.

No domingo de 31 de outubro de 1915, inquiri os operadores a respeito dessa fotografia. Afirmaram formalmente, por meio de raps, que haviam organizado tudo isso para me fazer compreender o mecanismo da levitação; que o fluido psíquico circula exatamente como eu havia descrito e que minha exposição do processo geral é correta. Além disso, declararam sair um arco de cada pessoa do círculo, sendo aquele do médium muito mais poderoso, e que o fluido ao descer não volta unicamente ao médium mas volta também por outras ramificações, menos importantes, a cada assistente. Quanto à coluna, encontra-se exatamente sob mesa durante a levitação.

XIII

CONCLUSÕES GERAIS

Minhas conclusões gerais, baseadas nos resultados de minhas experiências e observação do círculo durante mais de dois anos e meio, são as seguintes:

Todos os fenômenos produzidos são causados por projeções flexíveis, semelhantes às hastes que saem do corpo do médium. Essas hastes são a causa das manifestações: levitações, movimentos da mesa sobre o solo, raps, contatos, etc. Eis as características principais de um desses raios:

1.º) Sai diretamente do corpo do médium e da mesma maneira se reabsorve. Não se pode alongar indefinidamente; sendo boas as condições, sua extremidade chega até 1m 50 do médium. Pode pôr a mesa em movimento. Não posso dizer se adelgaça a partir do médium, embora isto pareça provável. Esse raio seria um feixe de delgadas projeções filamentosas fixas ao médium como raízes de uma árvore.

2.º) O raio pode descrever um ângulo bastante grande no sentido horizontal e assim pôr em movimento corpos sólidos no interior do círculo formado pelos assistentes. Também pode deslocar-se, até certo ponto, dentro de um plano vertical.

3.º) O raio pode ser fixo ou detido à vontade dentro dos limites de sua extensão e desse modo transformar-se em uma alavanca.

4.º) O raio pode transmitir forças de atração e repulsão.

5.º) A extremidade livre do raio pode agarrar um corpo sólido por meio de adesão.

6.º) Todos os movimentos do raio são produzidos no íntimo do corpo do médium.

7.º) As dimensões do raio variam extremamente, assim como a forma e condição de sua extremidade livre. Para os raps comuns, uma certa quantidade de matéria parece concentrar-se próximo à extremidade; para outras manifestações sonoras, tais como a reprodução de uma bala que ressalta, o ruído de uma serra, os arranhões, etc., parece haver modificações especiais. Na levitação, a extremidade livre torna-se curva e cola-se à mesa.

Qual a composição da haste, e como adquire as propriedades de um corpo sólido? Não tenho, sobre este assunto, uma teoria satisfatória. Um dos pontos principais sobre o qual desejo chamar atenção, é a sensação produzida pela substância, em baixo da mesa, e não próxima

ao solo, durante a levitação (exp. 65.). Fiquei surpreso, ao ler as experiências do Dr. Schrenck-Notzing, (16) de ver que no início de uma materialização, a substância do médium produz uma impressão análoga. Um dos assistentes observa ter a impressão de achar-se com um réptil na mão. A substância das materializações e aquela que senti sob a mesa, são, sem dúvida, essencialmente as mesmas. Somente, algumas vezes a primeira saía da boca do médium e era perfeitamente visível, ao passo que a segunda não o era. A substância condensada sob a mesa deve portanto ser de qualidade mais rudimentar e constituir uma fase menos avançada da materialização. Era totalmente inerte, e se eu a trespassasse com a mão, a mesa tornaria a cair. Aliás, os operadores não gostavam que eu a manejasse. A única coisa que admitiam, era a sondagem por meio de uma haste muito fina.

(16) O belo trabalho de Schrenck-Notzing, Materialisations Phänomene apareceu em 1914, na casa Reinhardt, em Munich.

Além disso, eu havia tocado essa mesma substância fria, úmida, reptante, próxima aos tornozelos do médium, quando alguns raps se fizeram ouvir nessa região, início de uma sessão. Nunca o havia feito em uma sessão importante, demonstrando-me a experiência que isto interrompia os raps, impedindo-os de recomeçar facilmente. Todavia, freqüentemente interrompi o fluxo da substância, ou no decorrer de uma sessão improvisada, ou por descuido. Julgamos sentir pequenas partículas projetadas lentamente pelo médium contra nossas mãos. As exp. 59 e 60 provam existir pressão mecânica exercendo-se do médium para a mesa em levitação, como também que a mesa cai novamente se a linha for cortada. O processo preliminar da levitação consiste na colocação de uma espécie de liame pouco consistente entre o médium e a mesa, ou entre o médium e o estrado de uma balança. Admitimos que esse liame seja feito de alguns tênues fios de substância semelhante à matéria orgânica que se desprende da boca do médium de Schrenck-Notzing, porém mais fina ainda e fora da zona de visibilidade. Esse autor demonstrou que a matéria filamentosa de seu médium se contrai e se movimenta com a mesma aparência de finalidade como se estivesse viva e consciente.

Podemos supor que os fios empregados na levitação movem-se igualmente para um ponto que é a parte inferior da mesa, lançando assim as bases do aparelho de levitação. Uma vez extensos, uma força que cresce até o momento da levitação, exerce-se ao longo de seu eixo, entesando-os e transformando o feixe em uma haste sólida. Essa estrutura pode transmitir algumas forças centrípetas e centrífugas. Não posso conceber um sistema de tensão sem base física dentro das condições de nossas sessões. Finalmente, a mudança de direção da extremidade livre da alavanca quando se ergue em forma de coluna, parece encerrar uma estrutura, entrecruzada como uma teia de aranha, que uma espécie de pressão, atuando entre os interstícios, incha e entesa gradualmente (e não de uma só vez, como indica o processo da levitação).

Quando a mesa n.º 1 ficou livre de suas barras transversais (exp. 82), parece que os operadores experimentaram certa dificuldade em erguê-la. Pareciam, por assim dizer, forçados a adaptar-se às novas condições. Creio que os filamentos enganchavam-se às barras durante a formação da alavanca, dando pontos de apoio à estrutura.

Eis o que uma vidente (a qual fez suas provas) presentemente observou no círculo.

Diz ela ter visto sob a mesa, e um pouco fora da superfície inferior, uma substância branca e vaporosa semelhante à fumaça, que no momento da levitação, parecia tornar-se mais espessa. Um visitante, tendo-se sentado sobre a mesa para se fazer erguer e voltar ao chão, a substância tornou-se muito branca e opaca. A vidente constatou tão claramente as variações de densidade, segundo o volume de força empregada, que nos poderia predizer os movimentos. Essa substância esbranquiçada só era visível sob a mesa e não baixava até o solo. Uma grande faixa de idêntica natureza saía do flanco esquerdo do médium por uma espécie de movimento rotatório e unia-se à substância, sob a mesa. Uma faixa delgada como uma fita, desprendia-se igualmente de todos os outros membros do círculo, para reunir-se à massa central da substância. Nenhuma dessas faixas tocava o solo. Acrescentou a

vidente ter visto formas espirituais manipulando a substância psíquica, mas não vamos entrar nesta ordem de considerações. O fato digno de nota, é que a descrição da vidente concorda de forma singular com as deduções tiradas por mim de minhas experiências. Diz ela também ter visto a substância sair do lado esquerdo do médium. De fato Mlle Goligher queixava-se freqüentemente de perturbações dessa ordem. As declarações da vidente a respeito dos aspectos mais ou menos opacos da substância, confirmam ser a força psíquica proporcional à densidade da mesma e por conseguinte à rigidez da alavanca.

O efeito da luz sobre os fenômenos é tão conhecido, que não comentarei o assunto quanto menos luz houver mais intensidade terá o fenômeno. Cheguei à conclusão de que ela afeta a rigidez das hastes. Na experiência analisada no parágrafo 3 do capítulo XI, os raps eram fracos e abafados como se a extremidade da própria haste fosse mole. Não creio que a luz atue sobre as fibras da estrutura tanto quanto sobre a matéria intercalar que serve para enrijecê-la. Essa substância fria e viscosa talvez seja um composto químico complexo, pertencente aos elementos nervosos do corpo, dos quais a luz dissocia as moléculas. Temos razões de sobra para assim crer, visto que a experiência nos demonstra que a luz, cuja extensão de onda é grande, isto é, a luz vermelha, é a menos nociva.

Nas sessões, é naturalmente necessário levar em consideração o reflexo, a refração e a absorção da luz empregada. Mencionarei a esse respeito um caso bastante curioso. Servia-me de uma lanterna a gás cujos dois lados, guarnecidos com vidros vermelhos corrediços, permitiam graduar a intensidade da luz. Essa lanterna estava, em geral, fixa sobre a chaminé. Numa das últimas sessões, foi pendurada à parede, 30 cm mais acima, a fim de que o chão ficasse mais na sombra. Após 20 minutos de expectativa, nada sucedeu, coisa extremamente rara, e a pedido dos operadores tivemos que repor a lanterna sobre a chaminé. Na outra posição, a luz refletia-se do teto branco sobre o solo. Observei também que os operadores experimentam certa

dificuldade em aplicar a força psíquica a corpos lustrosos. Mas talvez aqui a luz não esteja em jogo, estando talvez as propriedades adesivas das projeções melhor adaptadas às superfícies rugosas.

Freqüentemente perguntam, com razão: Porque não se dirigem aos próprios operadores para obter a solução dos problemas que se prendem aos fenômenos? A falar a verdade, assim fiz e agi conforme as indicações prescritas, examinando as explicações dadas sobre o assunto. Os operadores não parecem conhecer grande coisa sobre o lado científico dos fenômenos por eles produzidos. Se ousar dizer, não dão atenção a não ser às grandes linhas de suas ações, como nós quando dirigimos uma corrente elétrica ao longo de um fio. Em todo o caso, estou convencido de que ignoram quase tudo que diz respeito à grandeza das forças e das reações. A causa primordial do fenômeno, para eles, é a "potência". São como o operário que sabe por experiência a profundidade do talho a dar na pedra, a que velocidade mover sua máquina, etc., mas não tem a menor idéia sobre a força exercida pelo fio do instrumento ou quantos cavalos são necessários para pô-lo em movimento. Entretanto, se um pequeno obstáculo material os embaraça, pedem com energia, por meio de raps, que seja restabelecida a ordem, exatamente como um operário saberia afiar seu instrumento se o fio estivesse defeituoso. Assim foi que pediram para que fosse colocado um pedaço de pano sobre a prancha de desenho, que a luz fosse aproximada do solo e que um dos assistentes trocasse de lugar.

Nas comunicações em questão, Mlle Goligher estava perfeitamente normal. Entretanto, às vezes, entrava em transe por minha vontade, não para produzir fenômenos, mas para que me fosse permitido conversar com uma das entidades que, por assim dizer, manifestava-se através ela. Uma dessas entidades declara ter sido médico quando vivo, e seu papel consiste em velar pela saúde do médium. Disse-me de maneira um pouco confusa, é verdade, que duas espécies de substâncias são emprestadas aos membros do círculo. Uma é subtraída em grande quantidade ao médium e aos assistentes, sendo-

lhes restituída quase integralmente ao fim da sessão. A outra e tomada em quantidade mínima ao médium somente e não lhe pode ser restituída, porque na produção dos fenômenos, sua estrutura é completamente dissolvida. Ela é composta da parte vital mais importante do corpo do médium, as células nervosas, e não lhe pode ser extraída senão em pequena quantidade, sem perigo para ele. Dessa maneira que não faço essa afirmativa a não ser de memória.

Outro ponto. Os operadores afirmam, negam, ou duvidam, com energia. Se dizem fazer uma coisa, Eles a executam; se dizem ser impossível, ela não se realiza; se a julgam duvidosa, tentam uma experiência, em geral bem sucedida. Interrogados sobre a produção dos fenômenos, procuraram sempre esclarecer-me o melhor possível, e se afirmam ser uma das minhas teorias exata, ou falsa, ou duvidosa, cedo ou tarde invariavelmente constatei que estavam com a razão. Voluntariamente nunca me ensinaram coisa alguma (salvo no caso do "doutor" acima mencionado), mas pareceu-me que aguçavam indiretamente minha atenção sobre certas fases de experiência, as quais, sem isto, eu não me fixaria.

Além da levitação, raps, etc., diversas operações preliminares não foram por mim estudadas de forma definida; não oferecem por isso menos interesse e direi algumas palavras para terminar.

Consenti em que os membros do círculo formassem a corrente durante a primeira meia hora da sessão. Decorrido esse tempo, é indiferente que as mãos dos assistentes se conservem unidas ou colocadas sobre os joelhos, mas somente quando a sessão tenha sido proveitosa. Isto indica que uma sessão normal divide-se em duas partes: uma, um tanto menos incerta, em que os operadores fazem um trabalho preparatório, e outra em que o equilíbrio psíquico é estabelecido.

Essas duas fases por mim observadas com freqüência, sugerem uma comparação física. Imaginemos uma grande cisterna, situada bem acima do nível do solo, a qual deve ser abastecida por meio de diferentes tipos de bombas a vapor. Os assistentes, com suas

capacidades psíquicas diversas, são essas bombas. O abastecimento da cisterna é produto de uma pressão psíquica nas proximidades do médium. No círculo Goligher, isto exige meia hora. A cisterna raramente está cheia. Quando está, os operadores aí se servem largamente e os fenômenos são notáveis; quando não está senão uma quarta parte cheia, as bombas psíquicas devem ser mantidas mais ou menos em atividade, assim como demonstram os movimentos espasmódicos dos assistentes.

O que é então essa energia potencial da cisterna? É química, mecânica, calorífica, elétrica? É uma forma de energia desconhecida? Pessoalmente, sou levado a crer que é uma forma de energia química intimamente ligada ao sistema nervoso. Essa hipótese abre um campo ilimitado de pesquisas. Em todo o caso, parece fora de dúvida que essa energia psíquica acha-se ligada a partículas de matéria. Por exemplo, freqüentemente sentimos um vento frio no início de uma sessão. Provavelmente essa impressão é devida a partículas de matéria que se evaporam do corpo dos assistentes. O reservatório de energia psíquica, acumulado próximo ao médium, não afeta seu peso. Pesei Mlle G. antes e uma hora depois da sessão, o equilíbrio psíquico estando bem determinado, sem encontrar sensível diferença. Aliás, a energia psíquica acumulada não parece unir-se senão a uma pequena e talvez inapreciável quantidade de matéria, a qual todavia pode ser de grande importância.

Em resumo, os operadores atuam sobre o cérebro dos assistentes, e daí, sobre seu sistema nervoso. Pequenas partículas, talvez mesmo moléculas, são extraídas ao sistema nervoso e saem do corpo das pessoas pelos pulsos, mãos, dedos, ou qualquer outro lugar. Essas partículas, assim libertas, possuem uma energia oculta considerável, a qual pode reagir sobre qualquer sistema nervoso humano. A corrente de partículas circula ao redor do círculo, provavelmente parte através os assistentes e parte na periferia de seus corpos. Assim reforçada, chega ao médium em alto grau de "tensão", penetra-o, recebe dele um acréscimo de energia, atravessa novamente o círculo e assim por

diante. A tensão sendo afinal suficiente cessa a circulação e as partículas se reúnem ou aderem ao sistema nervoso do médium, o qual, a partir desse momento, tem um reservatório onde recorrer. Os operadores podem então agir sobre seu corpo, que está constituído de tal maneira, que sua matéria espessa, sob o domínio da tensão nervosa aplicada, desprende-se temporariamente, projetando-se para fora.

XIV

OS NOVOS PROBLEMAS

Nas minhas primeiras experiências, vários problemas ficaram mais ou menos sem solução. São os seguintes:

1.º) Estando a mesa suspensa, qual o efeito de uma adição gradual de peso? Se a teoria da alavanca é exata, não poderia o momento do peso alcançar um volume tal que fizesse o médium cair de sua cadeira?

2.º) Quando um homem faz pressão sobre a mesa suspensa, com grande força, não implica a teoria da alavanca a queda do médium?

3.º) A teoria da alavanca justifica todos os fenômenos ou somente um caso especial?

4.º) Qual o tipo de mecanismo psíquico que arrasta sobre o assoalho uma cadeira e o médium que nela está sentado?

5.º) Como é possível que o médium não sinta nenhuma reação em seu corpo?

6.º) Qual o tipo de mecanismo psíquico empregado quando a mesa, descansando sobre o assoalho a um ou dois metros de distância do médium, resiste totalmente a um homem que tenta aproximá-la ou afastá-la do médium?

7.º) Qual a forma exata do braço da alavanca que ergue a mesa?

Ao lado dos tipos comum, de levitação, outros foram produzidos nas minhas novas experiências. Numa sessão realizada recentemente, estando a mesa caída de lado, ergueu-se nessa posição e ficou no ar durante cerca de meio minuto, a aresta mais baixa a 30 cm acima do assoalho e a superfície a mais de um metro do médium. Ergueu-se novamente, virou no ar, no princípio muito devagar, depois por movimentos bruscos, até voltar à posição normal.

Nas sessões seguintes, a mesa virou sobre si mesma, como mais acima, ora no sentido da largura, ora no sentido do comprimento. Enquanto a mesa se achava inclinada a 45° sobre o assoalho, os operadores pareciam encontrar a maior dificuldade em efetuar a levitação começada, e às vezes deixavam cair a mesa. Neste momento crítico, ouvia-se os ruídos de sucção na superfície e nos pés, como se ventosas deslizassem sobre a madeira para tomar nova posição.

Ao terminar minha primeira série de experiências, eu tinha dúvidas sobre a forma da alavanca. Imaginava-a tal como a descrevi na página 70. Aproveitei então a ocasião para interrogar detalhadamente os operadores sobre essa forma. Realizou-se uma sessão em minha casa, e as respostas foram dadas por meio de raps, arranhões sobre o assoalho, etc. Três pancadas significavam sim, duas pancadas,

duvidoso, e uma pancada, não. Uma série contínua significava que os operadores desejavam dizer alguma coisa, por soletração alfabética. Um longo e monótono ruído significava que minha suposição não era absolutamente certa.

Grande número de emoções, tais como a alegria, a tristeza, o acordo, a oposição, o gracejo, a amizade, a cólera, etc., eram traduzidas por modalidades diversas. Por exemplo, pancadas solenes e sonoras indicavam uma aquiescência total ou uma negação categórica. Se certo número de perguntas eram formuladas, as quais se aproximavam da verdade, uma pequena fuzilaria de raps assinalava que a solução correta finalmente tinha sido encontrada. Algumas vezes os operadores pareciam tão satisfeitos com minhas profecias que, repentinamente, tamborilavam uma curta ária alegre sobre o assoalho.

O leitor deve compreender que não sou responsável pela descrição que os operadores me fizeram e que a ela não dou muita importância. Contudo tem seu interesse.

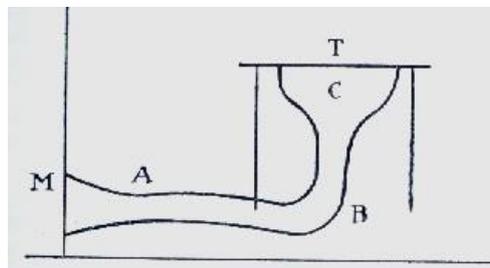


Fig. 6 - Forma da alavanca segundo os operadores.

Quanto às dimensões da alavanca, primeiramente perguntei-lhes se compreendiam o que era "um corte transversal". Responderam-me que não. Em compensação, sabiam o sentido de "diâmetro", "espessura" e conheciam o comprimento de uma polegada. Realmente, quando pedi que dissessem o número de polegadas de uma determinada parte da estrutura, hesitaram um pouco, como se meditassem e responderam com decisão. Segundo eles, as dimensões e a forma de uma alavanca normal, são aquelas indicadas na figura 6. O cume da coluna é uma superfície plana tão grande quanto a da mesa.

Tem o aspecto de um cogumelo. A coluna vertical, de forma regular, tem mais ou menos 10 cm de diâmetro. Ela inclina-se para o ângulo direito, ficando a 10 cm acima do solo. A parte que penetra no corpo do médium se dilata até um diâmetro de 20 cm; não se estende como as raízes de uma árvore, mas nele penetra de forma inteiriça.

Toda a estrutura é geralmente invisível às pessoas de visão normal. Todavia dizem os operadores que, sob certas condições, algumas pessoas insensíveis teriam capacidade de vê-la. Recentemente eu o comprovei.

Quanto à teoria dos raps, estaria exata em seu conjunto. As pequenas pancadas leves, o ruído da bomba que ressalta etc., são produzidos batendo o lado da haste sobre o assoalho, como nos servimos de uma bengala para bater um tapete; as pancadas mais vigorosas são dadas na direção do eixo. Neste último caso, o diâmetro da haste uniformemente é de 5 cm salvo na proximidade do corpo do médium, onde atinge de 7 a 8 cm. A mesma haste pode produzir grande variedade de golpes, segundo a força com que for manejada. Os operadores deram grande número de exemplos em apoio a suas explicações.

XV
ESTUDO DAS REAÇÕES
MECÂNICAS

Até agora supus que se o médium não sentia o peso da mesa transferido a si durante a levitação, é que a reação difundia-se por todo seu corpo. Mas esta explicação não pode conter senão uma pequena parcela de verdade. Poderia ser suficiente se a reação total jamais se elevasse acima de 4 ou 5 quilos; na realidade,

freqüentemente é muito maior. Em certos casos, a reação total se eleva no mínimo a 50 quilos. Mesmo que estivesse difusa, o que não é freqüente podemos pensar que causa certo embaraço, sobretudo quando é variável e repentina. Hoje penso que, durante o fenômeno, o médium, ainda que seu cérebro praticamente esteja no estado normal, acusa certa insensibilidade, como aquela que pode produzir a hipnose. Esse estado próprio, a meu ver, é desejado pelos operadores para subtrai-lo às ações mecânicas que se exercem sobre seu corpo. Um dia em que o médium estava em transe, o controle (17) declarou que iria torná-lo insensível à dor. Mlle G. sofria de uma queimadura ainda não cicatrizada, num cotovelo; todavia bateu os dois com força sobre a cadeira e pareceu sentir-se bem. Ao despertar, não sentiu nenhuma dor. Um amigo, em quem deposito toda confiança, foi testemunha de um caso semelhante que se produziu com outro médium na Inglaterra. Uma mesa pesada, sobre a qual se achavam sentados vários homens, caiu, repetidas vezes, sobre o pé do médium. Este não ficou ferido e nada sentiu mais tarde.

(17) Cf. nota da página 96.

Assim é provável que a insensibilidade às reações fortes e várias produzidas sobre o corpo do médium, seja devida a algum estado particular de seu corpo. Damo-nos conta também quando são feridas pancadas vigorosas sobre o assoalho. Essas pancadas, às vezes repercutem fortemente sobre o corpo do médium (cf. exp. 75) que delas não tem consciência.

Uma questão que provocou muitas discussões foi o fato de que, durante a levitação da mesa, o médium nunca manifestou propensão a soçobrar. Se a teoria da alavanca é exata, contudo deve se produzir um forte momento de torsão, mesmo quando a mesa é o único corpo suspenso, com maior razão se um homem faz pressão vigorosamente sobre ela. A mesa é erguida habitualmente a uma distância de 75 cm do tronco do médium; com uma força vertical de 25 quilos, o momento de torsão é de 19 quilogrâmetros: energia relativamente considerável e que deveria causar embaraço ao médium. Porém isto não acontece.

Durante as sessões comuns de demonstração (as quais se distinguem das sessões experimentais) Mlle G. está sentada numa grande poltrona, com braços de madeira. Nesse caso, seu próprio peso, o peso de sua cadeira e a pressão de seus pés sobre o assoalho são suficientes para contrabalançar o maior momento de torção que até agora lhe foi aplicado durante uma levitação comum.

Exp. 1. - Perda de equilíbrio do médium na levitação.

Coloquei o médium em uma báscula cuja força era de 400 quilos, sensível a 100 grs. e, sem dar a conhecer minhas intenções, operei como nas minhas primeiras experiências, acrescentando a cada levitação um novo peso de 4 quilos 600 sobre a mesa. Esta não possuía nenhuma barra transversal e os pregos e parafusos haviam sido, tanto quanto possível, eliminados. Seu peso era de 3 quilos 650.

Na levitação unicamente da mesa, a reação sobre o médium no primeiro instante foi de 4 quilos 950 a uma altura de 10 cm; alcança então seu valor normal mínimo, 4 quilos, a altura dos joelhos do médium. Para uma sobrecarga de 4 quilos 550, isto é, por um peso total de 8 quilos 200, a reação foi de 8 quilos 500. Enfim, por um peso total de 12 quilos 650, a reação de 13 quilos 050. Esses resultados alcançam aproximadamente 200 grs.

Até esse momento, o médium nada sentiu; mas quando coloquei o terceiro peso de 10 libras sobre a mesa, o que perfazia um total de 17 quilos 200, e quando a mesa começou a se erguer, seus pés, que estavam firmemente assentados sobre a báscula, deslizaram mais para diante sem possibilidade de se deterem. A mesa não ficou no ar mais que um instante. Então fiz colocar os pés do médium atrás da máquina, o mais distante possível; mas durante a tentativa seguinte, seu busto mergulhou para frente e a mesa caiu. Dizendo-lhe para segurar a barra da báscula com as duas mãos, o estrado da máquina e o médium foram arrastados para diante. Finalmente, pedi ao pai de Mlle Goligher e a seu cunhado, os quais achavam-se sentados a seu lado, retê-la pelo ombro, enquanto ela se agarraria solidamente à barra da báscula, e colocaria seus pés o mais distante possível sobre o

estrado. Obtivemos assim uma levitação que teve a duração de cerca de 10 segundos. A balança registrou 20 quilos. É verdade que o médium não mais se achava isolado. Aliás, ele não sentiu nenhuma espécie de pressão sobre o corpo, mas um impulso irresistível em abandonar a balança, como se estivesse sentado numa cadeira de balanço.

Exp. 2. - Perda de equilíbrio do médium fora da balança.

Fiz o médium descer da balança e o fiz sentar dentro do círculo, em sua cadeira habitual. Durante a levitação coloquei sucessivamente sobre a mesa 3 pesos de 10 libras, sem que ela descesse, como na exp. 1. Aumentei os pesos, duas libras por vez, até 19 quilos 900. Diversas vezes o corpo do médium foi atraído fortemente e a mesa caiu. Um último peso de 4 libras fez balançar a cadeira na qual Mlle G. se agarrava e a mesa voltou ao solo. Elevou-se novamente quando retirei os pesos. Fazendo forte pressão sobre a mesa em levitação, constatei que ora o médium se virava, ora ficava imóvel. Pareceu-me que os operadores chamavam minha atenção para alguma coisa. Perguntei-lhes se algumas vezes não apoiavam a alavanca sobre o solo. Confirmaram veemente essa hipótese e a meu pedido, usaram alternativamente os dois meios. Quando o médium não se contorcia, é que não era usada a verdadeira alavanca encaixada. Os operadores assim agiam quando a pressão era muito forte (acima de 15 quilos), para proteger o médium. Mas não aprovavam esse método que cansava a estrutura e exigia um grande gasto de energia para manter sua rigidez.

Exp. 3. - Prova do ponto de apoio sobre o solo.

Empreguei um indicador que consistia em duas placas finas de madeira de um dm² separadas por duas molas leves formando contato elétrico. Desde que haja pressão, uma campainha toca. Tendo colocado o aparelho sob a mesa, pedi aos operadores que a erguessem primeiro com uma alavanca verdadeira, depois com uma alavanca apoiando-se sobre o solo. No primeiro caso, a campainha não tocou. O acréscimo de

peso do médium era de 5 quilos 300, ou seja aproximadamente o peso da mesa, 5 quilos 100.

No segundo caso, a campanha se fez ouvir alguns segundos antes da levitação. Desta vez o médium diminuiu de 1 quilo 350, o que justifica as afirmações dos operadores.

Exp. 4. - Marca do pé da alavanca.

Pedi aos operadores que recomeçassem esta última experiência apoiando a parte inferior da alavanca sobre argila para modelagem. A levitação durou uns doze segundos. Examinei a argila. Mostrava uma grande marca irregular de 8 cm por 6. Estudarei mais tarde a forma dessas marcas.

Exp. 5. - Efeito de uma pressão muscular sobre uma mesa em levitação.

Há muito desejava saber qual o efeito produzido sobre o peso do médium pela pressão exercida por um homem sobre a mesa. Minha mulher apoiou-se então uniformemente durante a levitação. O acréscimo foi de 8 quilos 850. Sendo o peso da mesa de 3 quilos 650, a pressão muscular exercida foi de 5 quilos 200 se como é muito provável, os operadores tenham feito uso da alavanca comum.

Exp. 6 à 8. - Reação da alavanca sobre o solo.

Certos fatos constatados nas experiências ulteriores fizeram-me duvidar do aumento de peso do médium enquanto a pressão era exercida sobre a balança de molas colocada sob a mesa (cf. exp. 55). Pensei então que esse acréscimo era causado por um movimento brusco do fiel no instante em que a mesa caía e que ele não havia sido contínuo durante a levitação.

Para esclarecer os fatos recomecei a experiência instalando sobre o mostrador da balança um dispositivo de contato elétrico (cf. exp. 54). Coloquei o marcador em 8 quilos 600. Quando a agulha atingiu essa cifra, a campanha tocou, e eu vi então que o peso do médium havia diminuído de 5 quilos 850. Por conseguinte, minhas suspeitas tinham fundamento. Ainda que o marcador da balança tenha sido fixado em 8 quilos 600, tenho razões para crer que a pressão exercida pela

alavanca era um pouco maior de 2 a 3 libras. Sendo o peso da mesa de 3 quilos 600, a reação clara da alavanca era de 6 quilos 500 o que não está muito longe da diminuição de peso do médium.

Uma segunda experiência, realizada em duas partes, deu um resultado incerto.

Uma terceira série de experiências revelou para diminuição de peso do médium os seguintes números 6 quilos 550, 6 quilos 550, 6 quilos 900 e para a pressão clara sobre a balança (pressão total reduzida do peso da mesa): 7 quilos, 5 quilos 450, 6 quilos 350. Esses resultados devem ser considerados exatos com uma aproximação de 500 grs. Mostram com exatidão que a pressão exercida sobre a balança, reduzida do peso da mesa, é igual à diminuição de peso do médium. A diferença das leituras sobre a balança, provavelmente provém de a alavanca encaixar-se no corpo do médium em diferentes alturas.

Essas experiências são satisfatórias, pois demonstram que: 1.º Em seu conjunto, a teoria da alavanca é correta; 2.º não constitui senão um método de levitação; 3.º para os corpos pesados cuja elevação perturbaria o médium, a alavanca toma um ponto de apoio entre esses corpos e o médium.

Em minha primeira série de experiências, jamais descobri alguma reação sobre o solo. Eu operava com corpos leves, mas é possível que os operadores se tenham utilizado do mecanismo mais simples para não me embarçar.

Voltemos agora à exp. n.º 2, na qual o médium e sua cadeira oscilaram. O centro de gravidade do médium sobre sua cadeira estava a cerca de 25 cm da beira do assunto e o peso total atingia 59 quilos. O momento produzido pode ser calculado em $0,25 \times 59 = 14$ quilogrâmetros. É equivalente àquele produzido pelo peso da mesa multiplicada por sua distância à beira do assento, o que comprova a teoria exposta.

Exp. 9. - Levitação de uma mesa caída.

Os operadores têm grande dificuldade em resvalar a alavanca sob uma mesa caída. Fomos obrigados nós mesmos a erguê-la uns 30 cm

pelos pés, após o que Eles a sustentaram, não sem ter tido alguma dificuldade em obter o equilíbrio, pela posição mais elevada do centro de gravidade. Aliás, a mesa não estava sustentada somente pela parte de baixo, estava segura pelos pés, como poderíamos nos certificar, sacudindo-a.

Resulta desta experiência que a estrutura psíquica necessita de espaço para mover-se, por conseguinte, que tem uma existência física real.

Exp. 10 e 11. - Pressão para manter a mesa colada ao solo.

Estando a mesa caída ao solo, pedi aos operadores que aí a colassem como na exp. 24 e mantivessem sua constante pressão enquanto minha mulher tentava erguê-la pelos pés. A diminuição de peso do médium, durante essa tentativa, foi igual à cerca de 16 quilos. Com pressões menos fortes, obtive cifras inferiores a esse *una maximum*.

Exp. 12. - Cálculo da pressão nas experiências precedentes.

Estando o médium sentado sobre a balança, coloquei uma mesa virada, sobre uma balança menor, marquei a tara (5 quilos 150) e impeli o carro até 12 quilos 700. Pedi então aos operadores que colassem a mesa ao estrado até equilibrar essa nova tara. Após duas ou três pequenas correções, Eles conseguiram e conservaram um equilíbrio permanente. Sobre a balança grande, a diminuição de peso do médium foi de 7 quilos 700. Sendo a pressão exercida sobre a mesa de 12 quilos 700 - 5 quilos 150 - 7 quilos 550, vê-se que ainda uma vez mais a teoria é confirmada.

Exp. 13. - Experiências com a médium num assento giratório.

Restava-me descobrir o que aconteceria se o médium estivesse sentado num assento giratório. Construí esse assento reunindo duas bicicletas, mediante uma prancha colocada transversalmente sobre os pára-lamas. O médium sentou-se em sua cadeira habitual até que os operadores houvessem dado os três raps, indicando que se achavam prontos.

Realizamos as mesmas experiências, alternadamente, os pés no solo ou suspensos, mas foi pequena a diferença. As mãos seguras

fortemente pelos assistentes, o médium ficou perfeitamente tranqüilo ao meu lado.

1.º Tentativa. - Foi pedido aos operadores que erguessem a mesa. Conseguiram somente movê-la, erguer um dos ângulos e arrastá-la sobre o assoalho.

Durante esses movimentos, o assento giratório foi fortemente atraído em direção à mesa. Tive que fazer um grande esforço para retê-lo e quando o larguei, a mesa, que já se encontrava erguida nos três pés, caiu novamente. A posição do médium era pouco favorável para os operadores.

Finalmente, tendo minha mulher erguido a mesa a 30 cm do solo, conseguiram os operadores agarrar o móvel pela parte inferior. Tendo minha mulher largado a mesa, esta caiu lentamente ao solo.

2.º Tentativa. - Pedimos aos operadores aumentarem o peso da mesa, ficando minha mulher encarregada do controle.

Forte tração foi exercida sobre as bicicletas. Pedi então aos operadores que relaxassem repentinamente sua pressão. Imediatamente as bicicletas obedeceram ao esforço antagônico do meu braço e recuaram 50 cm.

3.º Tentativa. - A mesa foi virada de pernas para o ar sendo pedido aos operadores que a fixassem ao solo. Enquanto durou o fenômeno, as bicicletas foram fortemente atraídas em direção à mesa.

4.º Tentativa. - Descançando a mesa normalmente sobre o solo na extremidade do círculo, pedi a minha mulher que a segurasse pelos pés e a impelisse em direção ao médium (experiência comum nas nossas sessões de demonstração). Disse aos operadores que resistissem vigorosamente.

Por diversas vezes, a pressão exercida sobre a mesa teve como conseqüência um recuo do médium e de seu assento.

5.º Tentativa. - O mesmo que anteriormente, com a única diferença que a mesa quando impelida achava-se suspensa no ar. O resultado foi idêntico.

6.º Tentativa. - Reciprocamente, uma tração exercida sobre a mesa ao se afastar do médium fez avançar o assento giratório.

7.º Tentativa. - Estando a mesa suspensa no ar, foi atraída na mesma direção, o que arrastou igualmente o médium sem mudar a distância.

Nessa última tentativa, tendo minha mulher inclinado repentinamente a mesa, a conexão foi sem dúvida interrompida, pois o assento giratório deixou de avançar e seguindo o impulso de minha mão, recuou.

Exp. 14. - Pressão lateral da mesa em direção ao médium.

Minha mulher segurou a mesa por dois de seus pés e a impeliu em direção ao médium, sem conseguir movê-la um centímetro. Durante essa tentativa, a diminuição do peso do médium sobre a balança foi de 6 quilos 950.

Exp. 15. - Tração da mesa em oposição ao médium.

Achando-se o médium sentado sobre uma balança, a mesa foi então atraída, opondo-se os operadores. O peso do médium aumentou 2 quilos 250. Assim que foi feita a leitura, minha mulher puxou de súbito a mesa com toda a força. A balança, que era de rodas, seguiu o impulso, avançando uma dezena de centímetros.

Exp. 16. - Mecanismo da resistência ao impulso.

É evidente que se as hastes procedentes do corpo do médium se fixassem somente aos pés da mesa, um impulso lateral da mesma teria como consequência um recuo da cadeira do médium. Quando o impulso é relativamente fraco, o arrastar dos pés da cadeira sobre o solo é suficiente para impedir esse recuo; mas quando dois ou três homens empurram com força, é necessário, se a cadeira não se move, que as hastes psíquicas tomem um ponto de apoio sobre o assoalho.

Interrogados, os operadores responderam que, para uma leve pressão, a haste ia diretamente ao pé da mesa e que, para uma grande pressão, ela apoiava-se, realmente, sobre o solo. Pelo tato, descobri o ponto de apoio que me indicaram por meio de pancadas: era justamente diante dos pés do médium. Coloquei então o indicador de

pressão nesse lugar, como na exp. 3. Quando a campainha tocou não me foi possível fazer mexer a mesa impelindo-a. Essa experiência foi repetida três ou quatro vezes.

Tenho bases para crer que sai uma haste de cada tornozelo do médium. Essas hastes não fazem sendo prensar os pés da mesa, e aí se aderem fortemente. Uma força considerável é exercida sobre o solo ao comprido de AB (fig. 7). A parte BC pode curvar um pouco sob o impulso, mas jamais a vi ceder.

Resumo das experiências anteriores:

a) Um esforço oblíquo, exercido sobre a mesa em direção ao médium, a faz balançar ao redor de seus dois pés dianteiros.

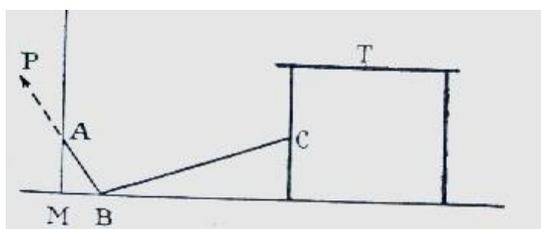


Fig. 7 - Mecanismo da resistência ao impulso.

b) Ao contrário, nenhum efeito se produz quando o esforço é paralelo ao solo.

c) Um esforço vertical para o alto ergue a mesa sem resistência, mas dando a impressão que ela desliza através uma espécie de superfície que adere a seus pés dianteiros.

d) Um esforço paralelo ao solo e ao médium encontra uma forte resistência.

Há poucas dúvidas de que a mesa não seja segura a alguns centímetros acima do solo por duas hastes rígidas que saem dos tornozelos do médium.

Um incidente. - Um pesquisador, deseioso de ver a resistência oposta pelas forças psíquicas, pediu aos operadores que a impedissem de impelir a mesa em direção ao médium. A mesa estava no ar. Assim que alcançou o solo, ouviu-se, por baixo, um ruído de sucção como se uma espécie de ventosa a houvesse solto, para se vir aplicar sobre seus pés. Ainda que a luz fosse boa, nada se viu.

Interrogados os operadores, indicaram a posição das hastes batendo os pés dianteiros e a parte inferior da mesa. Haviam emitido três hastes, mas declararam poder utilizar até seis ao mesmo tempo.

Exp. 17. - Pressão exercida diretamente sobre a balança.

Sendo o dispositivo o mesmo da experiência n.º 6, foi a mesa posta à parte e a balança colocada sobre o solo dentro do círculo. O marcador, estando regulado para que a campainha tocasse em 8 quilos 600, pedi aos operadores que fizessem pressão sobre o estrado. A diminuição de peso do médium, durante esse tempo, foi de 9 quilos 050, o que corresponde à força vertical exercida.

Exp. 18. - Mecanismo empregado para mover a cadeira do médium.

Sobre esse assunto, fiz uma pergunta aos leitores da revista "Light" e não fiquei surpreso não recebendo resposta alguma. Fui eu mesmo incapaz de resolver o problema até que os operadores me houvessem dado a solução. Estava, é bem verdade, exposta em termos vagos, mas correta em seus pontos principais.

Eis esse problema. Achando-se o médium sentado em sua cadeira, de cada um de seus tornozelos sai uma haste psíquica que desce em direção ao solo, no interior do círculo, aí se apoiando. Dessa haste sai uma outra que repele a cadeira agarrando-se a um dos pés dianteiros.

Fixei então quatro pequenos patins de metal aos pés da cadeira, de forma a que ela resvasasse mais facilmente. Depois, tendo colocado um papelão de 20 x 30 cm sob a mesa, isto é, no centro do círculo, pedi aos operadores que começassem a experiência apoiando-se sobre essa superfície da qual eu segurava uma extremidade. Muito tempo se passou e nada aconteceu. Informaram-me então que a aura irradiada por minha mão perturbava o fenômeno. Quando calcei as luvas, a cadeira e o médium começaram a recuar lentamente. Enquanto durou o movimento, uma pressão tão forte foi exercida sobre o papelão que não consegui erguê-lo.

Para comprovar a segunda parte da explicação dada pelos operadores, coloquei em seguida o papelão em pé diante da cadeira do médium, tocando esta última. Ainda aí, constatei que, durante o recuo

da cadeira, uma forte pressão horizontal era exercida sobre o papelão e, através dele, sobre o pé da mesa, Não me foi possível desligá-lo de sua posição. A força não parecia ser aplicada a mais de 5 cm do solo.

Constatei o mesmo recuo quando instalei o médium na báscula. Sua diminuição de peso foi mais ou menos de 22 quilos. A força era exercida sobre os pés da cadeira e não sobre a báscula, pois vimos diversas vezes a cadeira ser impelida sobre o estrado até tocar as hastes.

Determinei que a força exercida sobre o papelão colocado no chão era tão grande que eu não conseguia erguê-lo e que parecia exercê-la mesmo fora de seus limites, diretamente sobre o assoalho. Outra prova de que a haste não descansava unicamente sobre o solo é o ruído por ela produzido, diversas vezes, quando deixava de exercer sua pressão.

Consideremos agora os resultados com a báscula.

A força P, exerce-se em direção à seta (fig. 7). Seu ponto de apoio sobre a cadeira é em A, a 22 cm do solo. O ponto de apoio sobre o solo é em B, a 60 cm da cadeira. P pode ser determinada em duas componentes, vertical e horizontal. A primeira é igual a $\frac{3}{8}$ da segunda, que movimenta a máquina sobre o assoalho.

Com M. Morrison na báscula, a componente horizontal era igual, durante o deslocamento, a 12 quilos 700. (Na partida, alcançava 14 quilos 500). Se nos lembrarmos que o médium é cerca de 7 quilos mais leve que M. Morrison, vemos que calculando em 12 quilos 700 a componente horizontal, ainda nos achamos aquém da verdade. Sendo a componente vertical igual a $\frac{3}{8}$ desta última, é de 4 quilos 700. Além disso, diminui o peso do médium. O máximo desta diminuição é obtida supondo MA-MB. É então de 12 quilos 700 (naturalmente sem contar as fricções).

Achamos, porém que, durante a experiência, o médium em realidade perde 21 quilos 700, de onde se deduz que sua diminuição de peso não é somente devida à componente vertical, mas que deve também ser atribuída à extração da matéria psíquica necessária à formação da

haste. Além disso, essa experiência indica que as entidades operam no âmago do corpo do médium.

Exp. 19. - Matéria extraída do corpo do médium.

Pedi aos operadores extraírem do corpo do médium a matéria da alavanca e colocá-la sobre o assoalho sem lhe darem forma alguma.

O peso do médium começou a diminuir, e depois ao cabo de alguns segundos, estacionou. Três raps produzidos pelos operadores advertiram de que a experiência havia terminado. A diminuição de peso do médium foi de 6 quilos 250.

É interessante notar que, em uma experiência semelhante, realizada 18 meses atrás, obtive os mesmos resultados com mais ou menos um quilo (exp. 63).

Exp. 20. - Depósito da matéria psíquica sobre a báscula.

Pedi aos operadores que desta vez colocassem a matéria extraída na prancha de desenho que se encontrava sobre a báscula. O peso do médium ficou invariável.

Exp. 21 e 22. - Construção da haste para bater os raps fortes.

Pedi-lhes que empregassem a matéria extraída para a construção da haste apta a dar o golpe de martelo o mais violento, e que em seguida a depositassem sobre o assoalho. A diminuição de peso do médium foi de 19 quilos, com a diferença de 1 quilo. O peso não foi mantido estável senão durante alguns segundos devido à tendência evidente da matéria a penetrar no corpo do médium. Além disso, este agitava-se à medida que a subtração de peso aumentava.

Numa experiência seguinte, os operadores conservaram à haste sua forma e fizeram-na descansar sob pressão, no assoalho. O peso do médium diminuiu 17 quilos 1/2.

Exp. 23. - Maximo da perda de peso do médium.

Pedi aos operadores que extraíssem do corpo do médium tanta matéria quanta lhes fosse possível e que a colocassem sobre o solo. O peso diminuiu aos trancos, como se a extração tivesse sido feita por meio de uma mola. Depois de 13 quilos, ela tornou-se considerável, a julgar pela agitação do médium. Ao aproximar-se do máximo, parecia

que a diminuição adquirida não tinha possibilidade de ser mantida. Enfim, a perda de peso permaneceu estável, a um pouco mais de 24 quilos, durante uma dezena de segundos.

Os resultados acima estão entre os que me levam a crer que as hastes psíquicas, ainda que invisíveis e impalpáveis, estão penetradas de matéria, ainda desconhecida pela ciência.

Exp. 24. - Pesquisa da pressão psíquica fora do corpo do médium.

Procurei constatar se uma pressão qualquer era exercida sobre a cadeira, a prancha de desenho, a haste da balança, o espaço ao redor ou na superfície do corpo do médium durante a levitação. Utilizei o aparelho da exp. 3. Passei o indicador por todas essas regiões sem constatar pressão alguma, nem sob a cadeira nem sob a balança. Explorei o corpo do médium começando pelo pescoço. Os operadores opuseram-se a que eu descesse além da bacia.

Parece no entanto que, assim que a mesa é suspensa com o auxílio de uma alavanca autêntica, toda a reação estende-se exclusivamente sobre o corpo do médium.

Exp. 25. - Impossibilidade de aumentar o peso do médium sem reação exterior.

Desejava ver se os operadores conseguiam aumentar o peso do médium sem agir sobre nenhum corpo material do quarto. Após expor-lhes cuidadosamente meu projeto, constatei que eram incapazes em qualquer grau.

XVI

PROPRIEDADES FÍSICAS DAS ESTRUTURAS

Exp. 26 e 27. - Condutibilidade elétrica da estrutura psíquica.

A experiência teve por fim verificar se a extremidade da alavanca psíquica, a qual cinge a parte inferior da mesa, conduz as correntes a baixa tensão. Atarrachei sob a mesa, no centro, duas lingüetas de latão

de 3 x 10 cm a uma distância de 2 cm. Formavam os pólos de um circuito elétrico encerrando uma campainha. Pedi aos operadores que erguessem a mesa colocando o cume da alavanca atravessado pelas duas peças de latão. Ao cabo de um instante a mesa foi erguida, sem que a campainha tocasse. O aparelho funcionava muito bem, mas os operadores explicaram ser-lhes impossível cobrir as peças de cobre e que haviam erguido a mesa apoiando-se ao lado.

A mesma mesa foi então colocada de pernas para o ar sobre o solo e os operadores foram solicitados a colocar a extremidade de uma haste sobre os contactos. Eles o conseguiram, pois foram percebidos alguns raspões sobre o metal; aliás, eles confirmaram. Ora, a campainha não tocou o que permite concluir que a extremidade das hastes psíquicas oferece grande resistência às correntes de baixa tensão.

Exp. 28. - Emprego de um galvanômetro.

Após o insucesso das duas tentativas, decidi substituir a campainha por um galvanômetro capaz de medir as mais fracas correntes.

Pelos ruídos produzidos e também pelas suas respostas, compreendemos que os operadores encontravam muita dificuldade em fechar o circuito, conforme eu lhes havia pedido, ou porque os eletródios estivessem brilhantes e lustrosos, ou por serem de metal, ou por estarem eletrificados. Não foi possível constatar nenhum desvio na agulha do galvanômetro.

Exp. 29 a 31. - Contacto da mesa com a mão do médium.

Estando a mesa suspensa, um dos membros do círculo disse ao médium que verificasse, com sua mão, a grande resistência que ela oferecia às pressões. Mlle G. aproximou sua mão da mesa que caiu. Essa experiência foi repetida várias vezes, mas a mesa sempre caiu gradualmente em menos de dois segundos, assim que o médium a houvesse tocado.

Parece que o médium estabelece assim uma espécie de circuito psíquico. Talvez a matéria psíquica da alavanca volte a seu corpo através sua mão e seu braço.

Para mais sistematicamente estudar esse fenômeno, pedi aos operadores que aproximassem a mesa ao médium um pouco mais que habitualmente, e que, se possível, a mantivessem erguida, até que lhe fosse dito para deixá-la cair. O médium tocou a beirada mais próxima com sua mão nua: a mesa voltou a cair gradualmente em menos de três segundos. Mesmo resultado ao tocar o centro. Com um tubo de vidro, a mesa caiu em 5 ou 6 segundos. Com um pedaço de madeira, um pedaço de papel torcido, a mesa não se moveu.

O médium ergueu então um de seus pés passando-o ao comprimento do pé mais próximo da mesa; esta não tornou a descer. Nesse momento eu disse ao médium que tocasse ao mesmo tempo com a mão, a mesa, que caiu com estrondo.

Quinze dias depois, eu prosseguia com as experiências. O médium tocou sucessivamente a mesa com um atizador de ferro, depois com um fio de cobre. Em ambos os casos, a mesa caiu em 6 ou 7 segundos. Com a mão calçada em luva de pelica, a queda teve lugar em 8 segundos. O médium colocou sua mão em cima da mesa até o momento em que a levitação o levou ao contacto a mesa caiu rapidamente. Segurei a mão direita do médium na minha mão esquerda e toquei a mesa com a direita: a mesa desceu pouco a pouco, parecendo ser a energia psíquica gradualmente absorvida. No entanto com M. Morrison, M Goligher e um estranho no círculo, não houve transmissão alguma, pois a mesa permaneceu suspensa.

Em seguida, todos os assistentes (salvo o médium) colocaram simultaneamente suas mãos sobre a mesa suspensa: não teve efeito algum. O médium, unindo sua mão à pilha, a mesa caiu em dois segundos. Enfim a mesa caiu quando o médium apoiava sua mão em cima ou em baixo da mesa, sem contacto.

Exp. 32. - Médium dando as costas ao círculo.

Estando o médium sentado de costas para o círculo, produziram-se alguns raps a sua frente, isto é, fora do círculo, e sob sua cadeira. Nenhum fenômeno foi obtido dentro do círculo, nem mesmo o menor movimento da mexa.

Exp. 33. - Médiun sentado de perfil.

Achando-se o médiun sentado no ângulo direito de sua posição habitual, foi a mesa arrastada sobre o solo, mas não erguida. Disseram os operadores que não podiam fazer uso senão de uma haste, aquela saindo do tornozelo do médiun mais próximo à mesa.

Exp. 34. - Médiun e membros do círculo em pé.

Neste caso, não foi possível erguer a mesa, mas esta foi facilmente arrastada sobre o solo. Foram obtidos raps.

Exp. 35. - Efeito produzido ao ser encerrado o tornozelo do médiun.

Rodeei com a mão, o tornozelo do médiun, ao mesmo tempo em que dirigia algumas perguntas aos operadores. Nessas condições, eles respondem com raps surdos que presumimos serem produzidos por uma haste procedente do tornozelo livre. Durante esse tempo os músculos, sob a mão, parecem "jorrar", o termo não é elegante, mas é o único capaz de descrever a sensação experimentada. O pé fica totalmente em sossego, somente os músculos próximos ao tornozelo estão vibrando.

Exp. 36. - Calor e energia psíquica.

Um meu amigo, tendo sugerido que os operadores podiam utilizar a energia calorífica extraída da mesa, fiz no centro uma cavidade, e aí fixei um termômetro. Mas a temperatura permaneceu a mesma: 24° C., antes e depois da levitação (talvez com 1/4 de diferença).

Exp. 37. - Temperatura da alavanca e da matéria psíquica.

No decorrer de uma levitação, introduzi sob a mesa um termômetro de 20 cm de comprimento, movendo-o em todos os sentidos durante três minutos, o que não afetou em nada o fenômeno. Não constatei nenhuma alteração na temperatura, salvo uma duvidosa diminuição de meio grau C. Isto é estranho, pois a região sob a mesa parece sempre fria à mão.

Tendo colocado um termômetro Fahrenheit, fixo em uma moldura de madeira, sobre o assoalho, no interior do círculo, pedi aos operadores que o tocassem com uma haste ou sobre ele acumulassem

matéria psíquica, o que fizeram, a julgar pelos movimentos do termômetro. Não houve nenhuma variação de temperatura.

Exp. 38. - Interposição de uma grade entre o médium e a mesa.

Um pedaço de grade cujas malhas tinham cerca de 6 cm 75 cm de altura, e 1 metro de comprimento, foi interposto entre o médium e a mesa. Era mantido no lugar pelos assistentes sentados ao lado do médium. Por conseguinte, os operadores não podiam agir sobre a mesa sem encontrar a grade. Não conseguiram nem erguê-la, nem deslocá-la. Pareceu mover-se uma ou duas vezes, mas creio que nesse momento era tocada pela grade. Os operadores devem ter feito grandes esforços, pois a grade foi por diversas vezes quase arrancada das mãos que a seguravam, como se o braço da alavanca tentasse atravessá-la.

Exp. 39. - Interposição de uma tela.

Quinze dias depois, substitui a grade por um saco de batatas já usado, no qual se podia facilmente ver através dele. Os assistentes seguravam esse écran em suas mãos e apoiavam seus pés sobre sua extremidade inferior. No seu esforço para alcançara mesa, os operadores produziram tal pressão na parte inferior do écran, que três dentre nós tínhamos dificuldade em retê-lo e que mesmo em certa ocasião, Eles o arrancaram de nossas mãos. Os operadores abandonaram suas tentativas, dizendo que não conseguiam atravessar o écran com a estrutura cuja extremidade é, de alguma maneira, materializada. À primeira vista, esses resultados negativos podem surpreender. A estrutura atravessa as vestes do médium. Porque então não pode atravessar écrans relativamente fracos, que se encontram a 15 cm deste último?

Para encontrar uma resposta a essa pergunta envolvi o corpo do médium em um saco como num avental, e coloquei a extremidade sob seus sapatos. Os operadores conseguiram então por diversas vezes movimentar a mesa, mas não conseguiram erguê-la.

Empreguei vários outros écrans. Com alguns filetes, obtive leves movimentos da mesa.

Eis os resultados gerais de minhas pesquisas

A extremidade de uma haste psíquica de dimensão comum, não pode atravessar um tecido colocado a mais de cinco centímetros do médium. Se o tecido circunda escassamente o corpo do médium, e sobretudo se é colocado muito próximo aos seus pés e seus tornozelos, fenômenos psíquicos importantes podem ser produzidos. São ainda mais fáceis quando o écran está mais intimamente em contato com o corpo. Ligeiros fenômenos podem ser obtidos através de um tecido de malhas muito largas colocado a mais de 30 cm do médium.

A razão de tudo isto, como mostrarei mais tarde, é que a materialização da extremidade da haste psíquica realiza-se muito próxima à pele do médium, e algumas vezes mesmo sobre sua pele. É este tecido material que não pode atravessar o écran, a menos que a haste seja bastante fina (a menor com a espessura de um lápis) e as malhas bastante largas.

Exp. 40. - Tentativa de escrita a lápis.

Desejava saber se os operadores podiam escrever a lápis. Coloquei dois sob a mesa, assim como uma folha de papel pardo. Ouvi-os agitar os lápis, deixá-los cair, etc. Mas não encontramos senão grande número de traços informes sobre o papel como também sobre o assoalho.

Exp. 41. - Tentativa de pesagem do corpo psíquico do médium.

Muitos espíritas e mesmo alguns estudiosos do psiquismo afirmam ter o homem dois corpos: um corpo físico e um corpo astral imaterial. Esse último é suposto ser a repetição do primeiro no que diz respeito à forma e mesmo o modelo sobre o qual é estruturado. É a opinião dos operadores.

Tentei então pesar o corpo psíquico de meu médium. Pedi aos operadores que o exteriorizassem, isto é, que o separassem do corpo físico que ficaria sobre a báscula. Quando os operadores avisaram, por meio de três pequenos raps, que haviam executado o que eu lhes havia pedido, constatei que o peso do médium havia diminuído 3 quilos 600. Entretanto, esse peso pouco a pouco tornou-se normal ainda que os

operadores afirmassem estar o corpo astral sempre separado do corpo físico.

Pensei, naquela época, que a experiência tivesse malogrado. Refleti mais tarde que talvez os operadores não possam dissociar o corpo astral em si, mas são obrigados a arrastar com ele uma matéria mais grosseira que em seguida o abandona gradualmente para novamente entrar no corpo do médium e deixar a forma psíquica cada vez mais pura.

XVII

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As experiências que acabo de descrever completam minhas pesquisas sobre a parte mecânica dos fenômenos produzidos no círculo Goligher. Sobre elas baseio minha crença, com exceção das vagas teorias que até agora têm tentado explicar as levitações sem

contato, os movimentos dos corpos sobre o assoalho, os raps, os choques, e assim por diante. Espero chegar a demonstrar que esses fenômenos são casos especiais de uma categoria mais geral, esses que se produzem por contato, quando, por exemplo, as mãos dos assistentes estão sobre a mesa e provocam toda sorte de movimentos violentos, não atribuídos à pressão muscular.

Primeiramente consideremos os fenômenos da levitação. Os resultados de minhas experiências comprovaram a teoria segundo a qual um raio rígido ou alavanca sai do corpo do médium. Demonstrei que enquanto o corpo suspenso não pesava mais de 4 a 5 quilos, o momento da força era insuficiente para sacudir o médium sobre sua cadeira (exp. 1 e 2). Tenho portanto o direito de dizer, provisoriamente, que:

1.º - A teoria da alavanca é correta por um método de levitação.

Mas o fato de que a mesa pode suportar uma forte pressão sem voltar ao solo indica ser empregado outro método. Em lugar de uma alavanca encaixada, os operadores constroem uma alavanca comum que transporta a parte mais forte da reação mecânica sobre o solo, protegendo o médium. A interessante experiência n.º 2 parece mostrar os dois processos postos em prática consecutivamente. Por conseguinte:

2.º - Quando os corpos suspensos são de um peso considerável, o mecanismo empregado é uma alavanca comum.

A alavanca encaixada, sendo de mecanismo mais simples, mais facilmente construída, mais econômica, e empregada o mais freqüentemente possível. Devemos lembrar que a energia psíquica utilizável é estritamente limitada e que, por conseguinte, quanto mais gasta um fenômeno, menos fenômenos existem.

3.º - A alavanca encaixada é empregada para os corpos leves ou para pequenas forças, a alavanca comum para os corpos pesados ou para grandes forças.

Na levitação dos corpos pesados, uma experiência incompleta da primeira série parecia demonstrar que o peso do médium aumentava.

Mas um certo número de experiências, conduzidas com o máximo cuidado, demonstraram que ao contrário, o peso do médium diminui. Essa diminuição é igual à reação sobre o solo menos o peso da mesa suspensa (exp. 6, 7 e 8). Quando a mesa está em pé ou deitada e que a pedido torna-se mais pesada, as exp. 10, 11 e 12 demonstram claramente que o peso do médium é diminuído, e que essa redução é sensivelmente igual ao aumento temporário de peso da mesa.

Muitos correspondentes perguntaram-me: Porque o médium e a cadeira sobre a qual esta sentado não são arrastados sobre o assoalho ou derrubados, quando impelimos a mesa, horizontalmente, em sua direção? As exp. 13, 14 e 15 são a resposta:

4.º - Um simples braço de alavanca liga a mesa ao médium, sem tocar o solo, quando a pressão aplicada à mesa é leve.

5.º - Uma alavanca liga a mesa ao assoalho e daí ao corpo do médium quando a pressão aplicada é suficiente para arrastar o médium e sua cadeira sobre o assoalho.

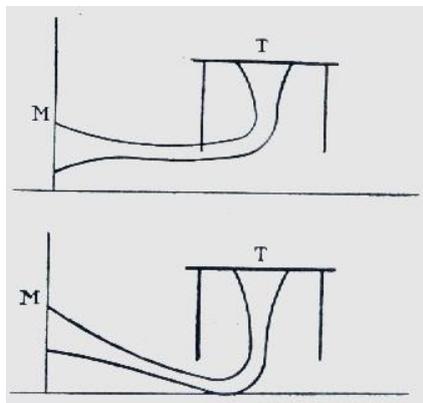


Fig. 8 - As duas formas de alavanca.

Existe um ponto importante nesse mecanismo que devo salientar. Se o braço da alavanca que liga a mesa ao solo é suficientemente curto e se sua apreensão é suficientemente forte, toda a reação estende-se mais ou menos totalmente sobre o solo. Por conseguinte, o outro braço da alavanca não necessita ser tão forte. Na realidade, poderia não existir. É o caso de uma espécie de fenômenos mais adiantados que aqueles produzidos no círculo Goligher. Se as pressões mecânicas

e as reações podem ser desprendidas do médium e transmitidas ao solo conservando uma simples conexão com o médium, está claro que a estrutura psíquica pode ser construída a uma distância considerável deste último. Mas nos fenômenos produzidos com Mlle Goligher, o interesse principal reside na força desenvolvida. As estruturas devem ser muito fortes e rígidas e exigir muita energia psíquica por unidade de comprimento, se assim devo dizer. É necessário que sejam continuamente alimentarias em profusão, o que as obriga a permanecer bastante próximas ao médium.

Para que os fenômenos sejam produzidos longe do médium, as duas seguintes condições são necessárias 1.º o médium não deve suportar nenhuma reação mecânica; 2.º as forças em jogo devem ser relativamente fracas.

Parece que, às vezes, fenômenos pondo em jogo grandes forças têm lugar a uma grande distância do médium, mas nesse caso, creio que sempre acharemos que duram pouco e se produzem a longos intervalos; enquanto que no círculo Goligher os fenômenos muito poderosos são freqüentemente de longa duração.

O leitor pode agora compreender a diferença essencial entre os fenômenos de materialização e aqueles que estudei. Nos primeiros, a estrutura psíquica é concentrada no espaço, apoia-se no solo (o peso do corpo materializado), e um longo cordão não rígido liga-a ao médium. Nos últimos, ao contrário, a estrutura ocupa um espaço relativamente grande e a reação estende-se ao médium. Entretanto, em casos especiais, estende-se sobre o solo; nesse caso a estrutura é ligada ao médium por um liame frouxo. Tal é o caso da exp. 18. Em resumo

6.º - A estrutura psíquica exterior ao médium é comumente ligada a este por um cordão, ao longo do qual não é exercida senão uma força muito fraca ou mesmo nula.

Tem a estrutura psíquica um peso? Esta questão é difícil de ser resolvida experimentalmente. Nunca se pode saber se as alterações de peso do médium resultam somente dos esforços exercidos pela

estrutura ou do peso de uma parte da própria estrutura. Por exemplo, o médium acha-se sentado sobre a balança A. Os operadores são solicitados a fazer pressão sobre uma outra balança B (a um metro de distância) com a estrutura S. Vemos que o aumento de peso sobre B é praticamente igual à diminuição constatada em A. Encontramo-nos agora na seguinte alternativa: S é imponderável ou é pesada. Se S é imponderável, a pressão exercida em B é devida simplesmente a um esforço mecânico. Se S é pesada, essa pressão é em parte devida a seu peso. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo e a experiência não oferece meio algum de fazer a diferença.

Mesmo que eu peça aos operadores que coloquem a extremidade de S em B sem exercer pressão, não posso estar seguro de que a medida obtida será realmente devida ao peso da estrutura, pois os operadores podem desenvolver certa força sem meu conhecimento. Por outro lado, se a balança B não revela nenhuma pressão, não posso estar seguro de que a estrutura aí descansa realmente.

O leitor deve se lembrar de que essas estruturas são praticamente invisíveis, mesmo numa boa luz vermelha; se a mão penetra em uma delas, não dá senão uma desagradável sensação de frio e aliás um tal contato geralmente destrói a estrutura. Essa dificuldade torna evidente a impossibilidade de medir o peso por um método que põe em jogo a pressão psíquica. Poder-se-ia medir o deslocamento do centro de gravidade do médium desde que os operadores projetem uma de suas hastes. Mas esse método seria bastante delicado.

Se o leitor se quer transportar às experiências 19 a 23, achará todavia que os extraordinários resultados obtidos atingem o âmago da questão.

Qual a espécie de matéria extraída do corpo do médium para construir as estruturas psíquicas pesadas? Tocamos agora o grande problema estabelecido pelos fenômenos psíquicos.

Sua solução adiantará enormemente nosso conhecimento sobre o assunto. Essa matéria (se matéria existe) não corresponde à que nos é cientificamente familiar. Ainda que o número de experiências por mim

realizadas seja absolutamente insuficiente para me permitir formular uma lei absoluta, e que seja necessárias muitas gerações, tenho o direito de indicar os pontos que me surpreenderam pela sua importância. O que mais se admirou, é a impalpabilidade dessa matéria, entretanto pesada. O processo pelo qual é expulsa do corpo do médium é um mistério. Tudo que sabemos, é que é expulsa de forma intermitente e não contínua, e que a dificuldade em extrai-la aumenta com a quantidade extraída.

7.º - Para construir as estruturas psíquicas e produzir os fenômenos, parece que a matéria é impelida para fora do corpo do médium.

8.º - Essa matéria parece ser pesada, elevando-se às vezes seu peso até 23 quilos.

9.º - Existe sob uma forma desconhecida à ciência.

10.º - Até determinado peso, essa matéria é extraída regularmente do corpo do médium, tornando-se depois difícil a extração que se produz de forma intermitente.

Perguntamos se a subtração de 23 quilos de matéria do corpo do médium não deveria reduzir visivelmente seu volume. Não constatei nenhuma alteração em Mlle Goligher. (18) Vi as fotografias do médium italiano Carancini durante sua própria levitação e seu corpo parecia curiosamente translúcido embora seu volume não parecesse alterado. O corpo da médium pode, portanto não alterar de volume, mas sua densidade deve decrescer durante a realização de poderosos fenômenos telecinéticos.

(18) Mais tarde, o autor achou, ao contrário, que havia uma diminuição de volume. Durante a emissão da substância psíquica, colocou sua mão abaixo dos rins e sobre as cadeiras do médium, e sentiu que a carne amolecia e enfraquecia. Com a devolução da substância, a carne recuperava seu volume e sua consistência. Fazendo o médium sentar-se e estender as pernas, Crawford cingiu suas coxas com um cordão cujas extremidades ligou a um dinamômetro suspenso no teto. Pediu então aos operadores que extraíssem a substância e a colocassem no chão. A tensão a qual era de 1 quilo 800 baixou gradualmente a 450 grs. O médium, que ignorava a razão desta experiência, ficou imóvel. Quando a substância foi devolvida, voltou a tensão, sempre gradualmente, a 1 quilo 800. A experiência foi recomeçada sete ou oito vezes com o mesmo resultado. No momento da

reabsorção, sentia-se como se pequenas bolas inchassem a parte superior das coxas. No decurso do fenômeno, os seios estavam túrgidos.

O médium, dissemos, jamais sente pressão mecânica sobre alguma parte do corpo. No entanto, suporta toda a reação. Como pode um organismo rígido cuja extensão é de 60 a 90 cm saia de seu corpo e sustente um peso de 15 a 18 quilos em sua extremidade sem prejuízo? Se a ligação tivesse lugar em alguma parte mole, como o estômago, a carne seria dilacerada por tal pressão.

Apresento a seguinte explicação: A estrutura psíquica, ao entrar no corpo do médium, é composta de uma matéria desconhecida. Denominemo-la matéria X. Essa matéria pode transmitir por si mesma os esforços diretos e comuns, mas não pode transmiti-los à matéria comum. Para isso, deve se converter primeiramente em outra espécie de matéria a que chamaremos de matéria Y (seria esta última aquela visível nas sessões de materialização, em outras palavras, o que os estudiosos chamam de matéria "materializada"). A matéria X poderia por conseguinte transformar-se em matéria Y (como a água em gelo) e transmitir a esta última os esforços recebidos. Por sua vez, a matéria Y poderia agir sobre objetos comuns.

Eis, de forma imperfeita, em que consistiria a estrutura psíquica: uma extremidade livre (a qual agarra-se à mesa) em matéria Y; o corpo em matéria X, até sua penetração no médium; a base, em matéria Y, no interior do médium.

No lugar onde a estrutura penetra no corpo do médium, nenhum esforço é transmitido a sua carne, pois temos a matéria X em contacto com a matéria comum. O esforço é distribuído dentro do corpo à medida que a matéria X se difunde e se transforma em matéria Y. Depois disso, não saberia dizer se essa matéria X decorre da quarta dimensão ou se é uma forma material a qual dominaremos um dia.

Ainda que não tenha prova direta de que a sensibilidade táctil do médium diminui durante as experiências, parece-me ser esse o caso. O médium nunca está em transe, mas não ousaria afirmar que sua consciência esteja perfeitamente normal. Detesta que se lhe fale,

principalmente no início das sessões. Se seu estado é normal, isso escapa às pessoas que não o conhecem como eu. (19)

(19) No decorrer de experiências mais recentes, um médico examinou Mlle G. durante a realização dos fenômenos. Durante a levitação, o pulso subiu de 72 a 110 e mesmo a 126. A respiração e a temperatura permaneceram normais. A palma da mão tornou-se úmida mas não fria. Somente os clarões fotográficos afetaram muito o médium.

Consideremos agora os estranhos resultados obtidos quando o médium toca a mesa com sua mão, seu pé, ou com objetos vários (exp. 29, 30 e 31). Devemos pensar que a mesa recai porque houve alguma coisa de essencial na levitação que aí não pode permanecer quando o médium pousa sua mão e que refluí para o seu corpo. As experiências parecem indicar que as propriedades dessa substância" são as seguintes: 1.º é tênue e invisível; 2.º tem particular relação com o médium, visto que outras pessoas que não se acham em contacto com ele não podem provocar a queda da mesa; 3.º essa substância penetra no médium mais facilmente através sua mão nua; 4.º existem corpos que a conduzem mais lentamente que outros e até mesmo que não a conduzem de todo; 5.º o ar não é bom condutor; 6.º das pessoas que fizeram a experiência, parece que somente eu a conduzi, assim mesmo muito lentamente; 7.º ela é essencial aos fenômenos de levitação.

As seguintes observações são unicamente indicativas e podem ser úteis a outros pesquisadores.

Essa "coisa" misteriosa que parece estar sobre ou dentro da mesa, certamente não é eletricidade. Em primeiro lugar porque sua velocidade de descarga é muito pequena, e depois porque nunca se produziu coisa alguma durante as sessões que lembrasse os efeitos da eletricidade. Deve ser uma forma de energia ligada a pequenas partículas de matéria. Provavelmente, essas partículas acham-se acumuladas no interior e na superfície da mesa e sua energia é utilizada pelos operadores. Devem ter também alguma relação com o sistema nervoso do médium.

As estruturas psíquicas em geral parecem sair da parte inferior das pernas do médium e as partículas de energia voltam a ele por suas

próprias mãos. Talvez exista uma espécie de pressão psíquica positiva em suas pernas e pés e uma espécie de pressão psíquica negativa em seus braços e mãos, de maneira que as partículas tendam a voltar para o seu corpo. Para me servir de uma analogia com a eletricidade, o potencial psíquico é mais elevado nas proximidades de seus tornozelos que de suas mãos.

Em resumo, haveria dois processos na produção dos fenômenos telecinéticos: a projeção pelos operadores das hastes, braços, estruturas psíquicas as quais são materiais e voltam ao corpo do médium ao fim da sessão e o fornecimento de determinada espécie de energia que dá capacidade às alavancas de erguer a mesa. Essa energia parece também estar associada à matéria mas não com a espécie de matéria das estruturas, pois a matéria associada à energia é sempre perdida. É também em muito menor quantidade que a outra. Acredite ser a função de o médium fornecer a matéria, e dos assistentes fornecer a energia. É portanto indispensável ter um círculo bastante numeroso.

Nas experiências anteriores, a energia presa à madeira da mesa foi fornecida pelos assistentes, tendo-se associado depois ao organismo do médium. É o que os espíritas designam sob o vago nome de "magnetismo;" parece ter particular afinidade para com a madeira, isto é, não se dissipa quando a madeira está carregada.

Já vimos (exp. 64) que cada sessão acarreta uma perda permanente de peso para os membros do círculo. Essas experiências parecem demonstrar serem os assistentes e não o médium os que mais perdem. Por exemplo, em duas sessões comuns de levitação onde as mãos dos assistentes estavam constantemente em contacto com a mesa, o médium certa vez perdeu 220 grs. uma outra vez 170 grs., Mlle A., 220 grs. e 350., Senhora F. 220 grs. e 55 grs., Senhora C., 450 grs. e 55 grs.

Como experiência de controle, pesei três amigos e ao cabo de uma hora e um quarto, após uma partida de cartas, os repesei; naturalmente, não constatei nenhuma alteração.

Inútil dizer que todas as precauções haviam sido tomadas para evitar erros.

Numa fotografia com magnético de Mlle Goligher, tirada durante uma sessão, distinguem-se vestígios de uma substância escura saindo de cada um de seus dedos que descansavam sobre seus joelhos. Dir-se-ia serem prolongamentos de seus dedos que descem de sua blusa para seus tornozelos. É um fato também bastante conhecido, nas sessões de mesa, que no início, sai da extremidade dos dedos dos assistentes uma substância gasosa da qual se sente a projeção enquanto os dedos se tornam totalmente frios. Também o abuso das experiências psíquicas parece prejudicial à saúde de muitas pessoas. Dir-se-ia que perdem a energia vital ou nervosa, a qual não recuperam senão muito tempo depois.

As experiências 26, 27 e 28 parecem demonstrar que a extremidade da estrutura é má condutora de eletricidade. Mas por outro lado, as experiências 80, 81 e 82 da primeira série, demonstram que ela descarrega um eletroscópio. Isto parecia provar que a matéria Y é má condutora, como o é a pele humana, mas que se tocar um objeto carregado de alta potência, descarrega-o como o faria a mão.

XVIII

LEVITAÇÃO AO CONTACTO

Descreverei agora as experiências relativas às levitações obtidas pelo contacto das mãos dos assistentes e do médium com a mesa.

Esses fenômenos são bastante comuns. Em quase todas as famílias, existe pelo menos alguém capaz de os produzir. Alguns os podem produzir mais rapidamente e mais vigorosamente que outros. Em todo caso; é suficiente que algumas pessoas se sentem ao redor de uma

mesa e nela pousem levemente as mãos para que a mesa se agite, e se erga, sem que seus movimentos sejam aparentemente devidos a uma pressão muscular.

Podem-se atribuir esses fenômenos, ou a uma pressão muscular consciente, ou a uma pressão muscular inconsciente, ou enfim a uma ação independente da pressão muscular.

As primeiras experiências mencionadas abaixo terão como fim verificar a terceira hipótese. Qualquer pessoa que se interesse pelas pesquisas psíquicas compreenderá a importância da questão, pois ela pode revelar a existência de um processo anormal digno de ser aprofundado. As experiências não tiveram lugar no círculo Goligher, mas em minha casa, em um pequeno laboratório disposto para esse fim, em companhia de alguns amigos um dos quais é um médium notavelmente dotado para esse gênero de fenômenos.

O dispositivo empregado consiste em uma mesa em cujo centro é parafusado um quadrado plano de madeira. Nos quatro lados dessa tábua outras quatro tábuas são fixas, por meio de dobradiças. Estas são dispostas de maneira que uma pressão das mãos dos assistentes baixe uma mola leve, estabeleça um contacto e faça tocar uma campainha. A pressão limite pode ser graduada de 30 a 500 grs. Sobre cada prancheta é traçada a giz uma linha que as mãos dos assistentes não devem transpor. A mesa é suspensa pelos quatro cantos por meio de cordas que se vão prender a uma balança, cuja força é de 22 quilos, pendurada numa viga do teto.

O peso da mesa é de 6 quilos 100. As molas sob cada tábua são reguladas por uma pressão de 220 grs. A pressão máxima que a mesa pode suportar sem fazer ressoar a campainha é portanto de cerca de 900 grs.

1.^a Sessão. - (Assistentes: M. X. (Médium), Mlle A., Senhora B., Senhora C.). A mesa, desligada do teto e descansando sobre o solo, começou a mover-se ao cabo de 10 minutos e ergueu-se duas vezes próxima à Senhora B, colocada em frente ao médium. Nenhum sinal de sons.

Ao cabo de meia hora, os movimentos tornaram-se mais poderosos. Pendurei a mesa no dinamômetro e pedi aos operadores que aumentassem seu peso.

O dinamômetro marcou sucessivamente 11 quilos 800, em seguida 14 quilos 500, depois 15 quilos 400, finalmente, 18 quilos 600, sem que a campainha tocasse, o que indica que a força aplicada à mesa não era devida a uma pressão muscular e que, suprimido o peso da mesa, ela atingia de 4 quilos 750 a 11 quilos 550. Essa força aumentava ou diminuía gradualmente a pedido meu. O resultado era obtido em quatro ou cinco segundos, mas havia toques. Em certo momento, a mesa foi totalmente suspensa, pois o dinamômetro marcou zero. Observei que, como nas sessões sem contacto, os fenômenos eram mais poderosos no término da sessão que no início.

Enquanto a mesa ainda descansava sobre o solo, constatei, erguendo-a um pouco, que parecia atada por barras mais ou menos rígidas à parte inferior das pernas do médium, como no círculo Goligher. Resistia igualmente às pressões, torrões e trações. Mas se eu empurrasse ou puxasse com muita força, o liame psíquico cedia e era necessário esperar alguns minutos antes que se restabelecesse. Os fenômenos com contacto são, pois da mesma natureza que os fenômenos sem contacto. Ainda uma vez o comprovei numa cidade a mais de cinquenta milhas de Belfast. O médium experimentava uma sensação de frio na pele, próxima ao tornozelo, como se houvesse sido friccionada com mentol, sobre a superfície de meia-coroa. (20) Parece que os operadores experimentam maior facilidade em aumentar o peso da mesa do que em diminuí-lo. Frequentemente, quando o ponteiro do dinamômetro havia atingido 13 quilos 500 sem que a campainha tocasse, a mesa perdia peso e a campainha se fazia ouvir no momento em que esse peso havia diminuído o dobro.

(20) Peça de prata de 2 shillings e meio.

Algumas vezes, quando nada fazíamos de especial, a campainha começava a tocar, longamente ou intermitentemente, embora todos os assistentes declarassem não haver feito pressão sobre as tábuas.

Interrogados, os operadores confessaram por meio de nosso código comum, serem os responsáveis. Mas o caso continua duvidoso.

2.^a Sessão. - Empregando o mesmo dispositivo e o mesmo método, obtivemos fenômenos semelhantes aos da primeira sessão. A máxima pressão registrada foi de 15 quilos 1/2 sem que a campainha ressoasse.

Fiz o médium sentar-se numa cadeira colocada sobre uma báscula. Tendo os operadores sido solicitados a aumentar o peso da mesa, constatei então que o aumentaram de 4 quilos 750 enquanto que o médium perdia 3 quilos 400. Em geral, não havia relação entre o aumento de peso da mesa e a diminuição de peso do médium.

Sempre pensei que a Senhora B. fosse também um pouco médium. Mas um fato demonstrou-se que M. X. era o médium mais poderoso. Tendo colocado os dedos de uma das mãos a cerca de 5 cm de sua prancheta articulada, conseguiu, sem tocá-la, pôr a campainha em movimento. Pareceu-me ser um prolongamento psíquico de seus dedos que agia sobre a prancheta.

3.^a Sessão. - Nesta experiência, M. X. e a Senhora B. submeteram-se à mesma prova anterior, mas a perda de peso que acusaram e o acréscimo daquele da mesa não pareciam estar em constante relação. Para M. X., as perdas foram sucessivamente de: 1 quilo 800, 3 quilos 150, 3 quilos 150 e os acréscimos: 3 quilos 600, 5 quilos 450, 5 quilos. Para a Senhora B.: 1 quilo 350 contra 3 quilos 600. Pode-se, no entanto afirmar que todas as vezes que o peso da mesa aumentou, o peso de M. X. diminuiu. Da mesma maneira com a Sra. B, com a diferença que seu peso ficou muito reduzido, enquanto que o da mesa voltou a ser normal. Aconteceu espontaneamente que a mesa foi suspensa até perder quase todo seu peso, o que demonstrou o ponteiro do dinamômetro voltando a zero. Volta e meia eu a vi aumentar além de 7 quilos enquanto era violentamente sacudida e o ponteiro do dinamômetro oscilava rapidamente.

4.^a Sessão. - M. X. achava-se sentado na báscula. Constatou-se que o peso do médium diminuía sempre, ou porque o peso da mesa fosse

diminuído, ou porque fosse aumentado. Todavia a diminuição foi sempre menor no primeiro caso do que no segundo. Acontece que o peso do médium diminuiu no momento em que nenhuma ação era exercida sobre a mesa.

Nessa mesma sessão, a campainha soou quando os assistentes achavam-se a 30 cm da mesa; outras vezes, esta oscilou, quando os assistentes achavam-se sentados a sua volta sem aí descansar suas mãos. Tendo a Senhora B. posto suas mãos sobre seus joelhos, enquanto os três outros assistentes continuavam a formar a corrente a força psíquica pareceu aumentar.

Quando a mesa era atraída para baixo ou era erguida, a pressão e a tração pareciam ser verticais e aplicadas no centro, porquanto não girava nem se inclinava.

5.^a Sessão. - A parte inferior e os pés da mesa foram untados com fuligem negra (obtida ao queimar essência de terebentina) a fim de obter as impressões da estrutura psíquica. Resultou uma marca de origem duvidosa, mas os operadores soletraram com dificuldade a seguinte mensagem: "Limpei a mesa; ligai as mãos e os pés dos assistentes a sua cadeira, e sentai-vos a 25 cm da mesa".

6.^a Sessão. - Tendo concluído as formalidades prescritas, vimos a mesa mover-se sobre o solo, por movimentos bruscos e não deslizando, exatamente como no círculo Goligher, mas com menor amplitude.

Tendo os assistentes colocado suas mãos sobre as pranchetas como de hábito, os movimentos tornaram-se poderosos. O peso da mesa diminuiu de 4 quilos $1/2$, e até mesmo de 9 quilos, sem que a campainha ressoasse.

Os dois gêneros de fenômenos de contacto e sem contacto, por conseguinte parecem da mesma natureza, mas diferem em intensidade.

Considerações Gerais

Os pontos principais das experiências por contacto são os seguintes:

1.º - O aumento e a diminuição do peso da mesa não são devidos à ação muscular do médium ou dos assistentes.

2.º - Os médiuns perdem peso enquanto uma ação psíquica é exercida sobre a mesa.

3.º - A perda de peso do médium, ainda que temporária, pode subsistir algum tempo depois que toda ação psíquica tenha terminado.

4.º - Existem fortes suposições a favor da existência de um braço de alavanca psíquica entre o médium e a mesa.

5.º - Como os fenômenos "de contacto" se podem transformar em fenômenos "sem contacto", ainda que mais fracos, é razoável que lhes atribuamos algumas características comuns.

6.º - Parece que no caso de M. X., como no caso de Mlle Goligher, as estruturas psíquicas saem das extremidades das mãos ou dos pés.

XIX

FENÔMENO DE "VOZ DIRETA"

Os fenômenos que vou descrever produziram-se em minha própria casa. Pertencem a uma espécie antes rara de manifestações psíquicas. Vozes, que parecem não pertencer nem ao médium, nem aos

assistentes, retumbam no ar, no meio ou fora do círculo. São ampliadas por cones de metal, ou "trombetas". (21)

(21) Para mais amplos detalhes, o autor indica o livro do vice-almirante Moore, As Vozes. Crawford tinha particular curiosidade por esses fenômenos que permaneciam físicos, ainda que exigindo um gasto de energia menor que as materializações.

O médium, por intermédio de quem obtivemos esses fenômenos, é a profissional bem conhecida, Senhora Z. Suscitou ela muitas polêmicas, pelo fato de ser exigida em suas sessões uma escuridão total, como, de resto, em todas as sessões de voz direta. A fraude tem portanto ampla liberdade. Mas a Senhora Z., exibiu-se centenas de vezes na Inglaterra sem que nada de concludente a esse respeito tenha sido descoberto. Muitas pessoas tentaram explicar como seria possível imitar esses fenômenos, e sua explicação é pouco satisfatória. Todavia, não posso deixar o leitor ignorar que as experiências que vou descrever tiveram lugar numa escuridão total, e com a cooperação de um médium profissional.

Não pensei em publicá-las, pois as empreendi unicamente para minha edificação pessoal; no entanto, decido-me agora, tão somente para permitir que seja comparada a outras. Repito que não garanto a autenticidade dos fenômenos. Fiz tudo quanto possível para evitar a fraude; mas isso não pode ser inteiramente assegurado na escuridão total. Os assistentes eram amigos meus especialmente convidados para esse fim. As "trombetas" por nós utilizadas são de folha de flandres, compostas de duas partes encaixando-se uma na outra. Seu peso era respectivamente de 500 e 450 grs., seu comprimento de 85 cm e seu diâmetro nos orifícios de 2 e 10 cm.

1.^a Sessão

(Sábado, 20 de abril de 1918, de 8 horas às 8 h. 1/2 da noite.)

O médium e os assistentes foram pesados imediatamente antes e após a sessão. A Senhora A. e M. M. não sofreram alteração no peso. O médium perdeu 120 grs., M. X. 900 grs., M. R. e Senhora Q. 220 grs., Senhora B. 340 grs. Note-se que o médium perdeu relativamente pouco peso, ainda que, em outra sessão, realizada um ano antes, fomos

informados por uma voz que a perda devia ser de 4 quilos 1/2. Sem dúvida, o médium assim acreditava, mas não passam de tagarelices de médium. Suponho que sua convicção provém de que durante a produção de fenômenos telecinéticos na América, seu peso havia diminuído de 4 quilos 500, ao mesmo tempo em que um piano se deslocava, digamos, pelo meio da peça. Tratando-se de uma perda temporária, acreditou ela ter sofrido uma perda permanente e então conta a quem a quiser ouvir. Que devemos pensar da voz que falou? Eleva-se do subconsciente do médium ou seria a voz de um espírito? Não se assemelhava de modo algum à voz da Senhora Z., mesmo em estado de transe. Se era a voz de um espírito, como poderia dar uma informação tão errada, tal como daria uma pessoa pouco culta e desejosa de iludir. (22)

(22) Esse gênero de engano ou erro é entretanto freqüente nas sessões espíritas.

Voltando à minha experiência, achando-se as cornetas colocadas em pé sobre o solo, dentro do círculo, e o gás aceso numa grande lanterna vermelha colocada sobre uma mesa, na extremidade do quarto, quinze minutos se passaram e então os operadores avisaram, por meio de raps, que a luz estava muito forte. O gás foi diminuído. Uma voz fraca, vindo das proximidades do teto no interior do círculo, disse: "Cantem qualquer coisa". Percebeu-se então o ruído que seria produzido pelas cornetas movendo-se no ar, mas sem distingui-las. Nesse momento a voz prosseguiu: "Virem a lanterna", e nós dirigimos sua luz para a parede. Essa voz era a voz do "controle", uma filha da Senhora Z., falecida há muito tempo, e que presentemente dirige os círculos onde sua mãe se apresenta. Possui um timbre facilmente reconhecível. Fez algumas observações espirituosas sobre o aparato científico apresentado. Várias vozes que se identificaram, falaram em seguida, sem provar sua identidade.

O que eu desejava, era ver se as "cornetas" moviam-se realmente no ar, como se podia deduzir pela direção variável de onde provinham as vozes e pela maneira com que as "cornetas" tocavam às vezes os assistentes. Mas como era evidente que com esse médium somente era possível uma luz muito fraca, acrescentei um écran amarelo à lanterna

vermelha, de maneira que não apresentava senão uma vaga claridade. Além disso, encontrava-se pelo menos a 2 metros de distância do médium. M. M.;, que encontrava-se à esquerda deste, declarou ver nesse momento as "cornetas" se moveram diante da lanterna.

Eu ia a seu lado e divisei algumas sombras verticais ou inclinadas pausando na luz fraca.

No fim da sessão, descobriu-se uma marca fresca no teto, a qual parecia ter sido produzida no gesso pela extremidade da corneta, a mais de três metros da cadeira do médium. Não conseguimos nem reproduzi-la, nem conceber a maneira pela qual poderia ter sido feita fraudulentamente. Acrescento que percebi vozes nessa região.

Durante toda a sessão, M. M. segurava, a mão esquerda do médium e a Senhora A. sua mão direita, mas esta havia sido acidentalmente liberta durante alguns segundos.

Essa sessão demonstrou que nenhum fenômeno interessante podia ser obtido com esse médium na luz, mesmo a mais fraca. Com Mlle Goligher, as cornetas flutuavam no ar, em plena luz vermelha, e podiam ser examinadas detalhadamente.

2.^a Sessão

(Sábado, 21 de abril de 1918, de 7 h. e 30 às 9 h. 1/4 da noite.)

As pesagens revelaram as seguintes perdas: médium, M. R., M. T. e Senhora Q.: 110 grs., M. M. e Senhora A 220 grs., Senhora S; 800 grs.

O médium, que é gordo, teve dificuldade em se instalar na báscula, mas depois não mais se moveu durante uma hora, as mãos pousadas nos joelhos. As duas cornetas foram colocadas em pé dentro do círculo, e as luzes apagadas. Fiquei atrás da báscula, a mão direita sobre o fiel do qual sentia os mínimos movimentos. De vez em quando, minha mão esquerda tocava as costas do médium.

Nada foi produzido durante cerca de um quarto de hora. Repentinamente, a alavanca da máquina caiu ligeiramente, indicando que o peso do médium diminuía. Pelo que julgo, restabeleci cuidadosamente o equilíbrio. O peso do médium que no início era de 146 quilos, diminuiu de 1.100 grs. Imediatamente depois, a "voz" do

"controle", que parecia proceder do alto da peça, sobre o círculo, gritou: "Pese-me!" e uma corneta tocou com fragor sobre o assoalho. O peso do médium voltou então ao seu primeiro valor.

O mesmo fato reproduziu-se um quarto de hora depois. Tendo sido toda a experiência concluída no escuro, e com o único testemunho dos sentidos, ouvido e tato, quais as probabilidades de que esses fatos sejam realmente devidos a uma ação psíquica e não à fraude?

1.º) Como houvesse constatado que a alavanca da balança conservou exatamente seu equilíbrio no intervalo dos fenômenos descritos acima, estou convencido de que o médium não fez nenhum gesto e não moveu músculo algum. Aliás com sua corpulência, o mínimo movimento que fizesse teria sido bastante esquivo. Enfim, ele não se poderia produzir senão durante o período em que seu peso diminuía.

2.º) Se o médium houvesse erguido uma corneta com sua mão ou seu pé e a houvesse sustido no ar, a balança teria registrado um aumento de peso igual ao peso da corneta. O peso do médium, ao contrário, diminuiu nas duas ocasiões.

3.º) Se o médium tivesse segurando uma corneta pela extremidade e tivesse apoiado a outra sobre o assoalho, seu peso teria diminuído. Para fazer com que essa diminuição fosse de 1.100 grs., cada vez, seria necessário um tato muito sutil.

4.º) No momento da fraude, o médium devia segurar a corneta, pois esta caiu ruidosamente sobre o assoalho assim que a voz falou e que o médium recuperou o peso perdido. Ora, a balança prova não ter erguido a corneta.

Em resumo, estou inclinado a crer que os fenômenos foram autênticos e que a diminuição de 1.100 gr foi devida a uma ação psíquica.

Como praticamente nenhum fenômeno além daqueles que mencionou foi produzido enquanto o médium achava-se sentado na balança, eu o fiz, descer e sentar-se, numa cadeira. A Senhora Z., lamentava-se, de resto, de que o ferro da máquina impedia as

manifestações. Grande número de vozes falaram em seguida sem dar a menor prova de identidade.

Perguntei ao "controle" se durante a experiência, era a ela que eu havia pesado ou à corneta. Pareceu-me nada saber, pois respondeu-me que descobrisse eu mesmo.

3ª Sessão

(Sábado, 27 de abril de 1918, de 8 horas às 9 1/2 h. da noite.)

Todos os assistentes diminuíram de peso: o médium e a Senhora A., de 220 grs., M. M., a Senhora S. e Senhora T., de 110 grs., M. U., de 170 grs. M. W., de 340 grs.

Para eventualmente impedir o médium de mover as cornetas com seus pés, preparei um aparelho elétrico constituído de duas pranchas de madeira fixas por dobradiças a uma prancha mediana atarrachada ao assoalho. Cada prancha descansa sobre um contacto elétrico acionando uma campainha. A pressão normal do pé interrompe a corrente, mas não se pode retirar o pé sem pôr novamente em movimento a campainha.

Quando a Senhora Z. chegou e viu o aparelho elétrico, parece que ficou aborrecida e nervosa. Fui obrigado a suplicar por muito tempo antes que consentisse em se sentar e em pousar seus pés sobre o aparelho. Um de meus amigos, M. Stoupe sentou-se a sua esquerda a Senhora Mills à sua direita. O médium colocou suas mãos sobre os joelhos. Um minuto ou dois após ter apagado a luz, cada um deles enganchou seu dedo mínimo ao médium e tendo sua palavra que, salvo enquanto a luz estava acesa (isso aconteceu duas vezes), as mãos do médium jamais estiveram livres.

Quatro minutos após a extinção da luz, a voz do "controle" se fez ouvir. Fiquei surpreso com esse início rápido, desusado. É possível que se o "controle" fosse realmente um espírito, desejasse inspirar confiança a sua mãe. De qualquer modo, a Senhora Z. recobra seu bom humor. O fonógrafo descansava sobre uma mesa, fora do círculo, em oposição ao médium. A corneta do aparelho achava-se assim a mais de 2 metros da mesa. Expliquei ao controle que desejava que ela

transportasse o orifício das cornetas através das quais as vozes falariam, exatamente em frente à corneta do fonógrafo. Respondeu de maneira bastante impertinente "que faria o que bem entendesse". Entretanto, pouco tempo depois, declarou estar pronta. Disse-lhe que esperasse fosse desligada a máquina antes de falar. Em primeiro lugar assegurei-me de que as pessoas vizinhas ao médium seguravam bem suas mãos. Apenas o rolo começou a girar, o "controle" se pôs a cantar esse canto tinha três versos, e entre cada um deles entregou-se a voz a observações como: "O que acham disso? etc...." Pedi-lhe que cantasse um pouco mais alto e ela obedeceu no terceiro verso.

Senti perfeitamente o movimento do ar no orifício do fonógrafo, o que parecia indicar que a extremidade da corneta movia-se não longe dali. Além disso, a voz do "controle" emanava de um lugar próximo à corneta do fonógrafo. Não tentei tocar as cornetas com medo de fazê-las cair. Se, como tudo indica, a extremidade de uma corneta se achasse exatamente no orifício da corneta do fonógrafo, o outro orifício devia estar distante do médium de 1 metro e 20 pelo menos. Quando terminou o canto, as pessoas próximas à Senhora Z. declararam haver constantemente segurado suas mãos e que estas não paravam de tremer como se sofressem uma tensão nervosa considerável.

Foi então que se deu o incidente da túnica de seda, ao qual me refiro mais adiante. O "controle" pediu luz. Experimentei o disco gravador e achei que a voz havia sido gravada de maneira satisfatória. Em seguida foi colocado um rolo virgem na máquina e a experiência teve prosseguimento. Dessa vez, o "controle" falou, em lugar de cantar.

Os rolos gravadores provam que a voz deve ter falado no orifício da corneta, quando não no interior, e não a certa distância. Os técnicos sabem que se a voz está muito próxima, tem uma ressonância metálica que a adultera. Ora, esse falar fanhoso é perceptível nas vozes gravadas durante essa sessão.

No fim da experiência, o aparelho elétrico foi posto à prova; funcionava perfeitamente.

Eis o incidente da túnica. No início da sessão, o médium trazia uma túnica de tricô de seda com mangas até os punhos e um cinto à volta da cintura. Assim que a voz foi gravada pelo fonógrafo, ouvi um fru-fru singular junto a mim (na parte do círculo afastada do médium). Quando foi acesa a luz, encontrou-se a túnica e seu cinto cuidadosamente pendurado no braço de M. W., que se achava 1 metro e 50 afastado. Os objetos haviam logo saltado sobre as mãos da Senhora T. e daí sobre o braço de M. W. (pelo menos assim supõe a Senhora T.). Uma das mangas da túnica estava virada. No momento da transposição, a Senhora Mills e M. Stoupe seguravam as mãos do médium cujos pés descansavam sobre o aparelho elétrico. (23) Mas houve um minuto ou dois no início da sessão, durante os quais as mãos de todos eram supostas estar sobre os joelhos, durante os quais, por conseguinte, as mãos do médium estavam livres. Esse fato produziu-se fora das condições da experiência e a ele me refiro somente a título de interesse.

(23) Os testemunhos da Senhora Mills e de M. Stoupe estão anexos ao livro.

4.^a Sessão

(Sábado, 28 de abril de 1918, de 7 h. 1/2 às 9 horas da noite.)

Produziram-se poucos fenômenos nessa sessão. E as diminuições de peso dos assistentes não foram tão acentuadas como de hábito.

Algumas experiências infrutíferas

O médium segurou durante uma meia hora um chassis contendo meia-placa fotográfica. Percebemos ruídos como se o chassis tivesse sido aberto e fechado, o que podia ter sido feito pelo médium. Ouvimos a voz do "controle" dizendo que tentava deixar impressa alguma coisa sobre a placa, mas o resultado foi completamente negativo.

Duas argolas de cortina em madeira foram colocadas sobre o assoalho e pedimos aos operadores que as enganchasse uma na outra

(o que provaria a penetração da matéria sólida pela matéria sólida). O resultado foi negativo.

Encheu-se uma cama de madeira de cerca de 5 dm² por 10 cm de altura, de terra para modelar, sendo em seguida fechada e selada. Os operadores foram solicitados a imprimir qualquer coisa sobre a terra, sem romper os selos. O resultado foi negativo

XX

AS IMPRESSÕES PSÍQUICAS

Se uma caixa cheia de argila para modelar ou de mástique, é colocada dentro do círculo, os operadores podem, quando se lhes

pede, aí imprimir marcas que forneçam uma indicação sobre a forma e as características das hastes psíquicas. Lembramos que elas são invisíveis sobre toda sua extensão, se bem que sua extremidade seja palpável.

Como essas impressões às vezes lembrassem as de uma meia ou de uma sola de sapato e como pudessem sugerir aos estranhos a idéia de uma fraude consciente ou inconsciente, decidimos que os assistentes teriam seus pés e suas pernas atadas de maneira a que não lhes fosse possível aproximar-se além de 40 cm da argila. Meus colaboradores, estando tão interessados quanto eu em evitar suspeitas, submeteram-se de bom grado a essas coações. Por conseguinte, quando o médium sentou-se, preendi, com a corda do chicote, suas pernas à altura dos tornozelos e estes à trave traseira de sua cadeira. Além disso, permaneci a seu lado enquanto suas mãos estavam constantemente seguras pelos seus vizinhos. As cordas e os nós foram encontrados intactos no fim das sessões. Habitualmente, eu levava no mínimo cinco minutos para desatá-las e freqüentemente era obrigado a cortá-las. A cadeira não se movia nem um centímetro.

Quanto aos assistentes, estava todos atados a sua cadeira com a mesma corda que fazia a volta do círculo. Mas, percebemos mais tarde que os fenômenos eram devidos inteiramente ao médium, o que tornava essa precaução supérflua. Não dou nenhuma importância à questão das ligações, deixo os fenômenos falarem por si. Mas, insisto ocasionalmente, em dizer que, fizesse o que fizesse, o médium não tinha possibilidade de levar seus pés além de 40 cm da tina de argila durante a tomada de impressões. Para evitar a suspeita de que essa tina de madeira era impelida para o médium por um dos membros do círculo, foi fabricada de forma a se enquadrar exatamente entre os quatro pés da mesa, e tão estreitamente que era difícil arrancá-la no fim da sessão. Numerosas impressões foram obtidas por meio desse dispositivo assim como os as caixas movediças, o que prova que a argila permaneceu no lugar em que foi colocada. Demais, no momento

exato em que fortes impressões eram produzidas, ouvia-se o ruído que evidentemente provinha das proximidades dessas caixas.

De uma maneira geral, podem-se dividir as impressões obtidas em duas categorias: 1.º as impressões planas e 2.º as impressões côncavas. A superfície das primeiras é completamente lisa, como se fosse devida à pressão de um ferro de engomar. Variam muito de dimensão e de forma, ainda que apresentem uma espécie de semelhança de forma que parece revelar sua origem comum.

Nota-se às vezes, quando forças consideráveis foram postas em jogo, por exemplo, numa levitação sobre a tina, traços de sucção como se o organismo houvesse tragado a argila. Além disso, esses traços demonstram que a extremidade da haste psíquica deve estar envolta por uma película membranosa, pois a argila não foi suspensa por grandes partes, mas oferece pequenas asperezas. É quase impossível obter um tal indício pela pressão do pé nu.

Resumo

1.º) Quando a extremidade livre do tentáculo psíquico é plana, pode fazer pressão sobre os corpos materiais e prendê-los por aderência.

2.º) Essa aderência é obtida expulsando totalmente o ar, fora do espaço compreendido entre o tentáculo e o objeto preso.

3.º) Para produzir essa sucção, a extremidade parece estar coberta por uma membrana delgada e flexível. De fato, a extremidade das hastes grossas apresenta-se ao contacto suave e plástica.

As impressões lisas são geralmente ovais, quando a haste que as produz não exerce nenhuma pressão; mas, quando sua extremidade é sujeita a tensões variáveis, a forma da curva pode se modificar consideravelmente. Pedi sempre aos operadores que fizessem pressão o mais uniformemente possível. Entretanto, as impressões raramente foram regulares.

A análise de numerosas impressões dão os seguintes resultados:

1.º) A forma normal da extremidade do tentáculo é aquela da parte é aquela da parte longitudinal de um ovo; por conseguinte os raios de curvatura nas extremidades do eixo são diferentes.

2.º) Se a pressão da extremidade do tentáculo não é uniforme e se não é normalmente aplicada na superfície da argila, o oval é mais ou menos modificado.

3.º) Ainda que a forma normal pareça ser praticamente permanente, a área contida pode variar de 1 a 9 dm²?

4.º) A superfície plana do tentáculo é cercada de uma barra elástica.

Aqueles que tocaram a extremidade das hastes psíquicas, dizem que dão uma sensação de rugosidade com um papel fino de lixa. Devemos esperar encontrar esse sinal nas impressões. É o que nos demonstra a notável impressão de Glasgow. Numerosos espectadores achavam-se presentes à sessão na qual foi produzida: talvez seja esta a razão pela qual os operadores puderam dispor de uma grande quantidade de matéria psíquica. O pesquisador colocou sob a mesa uma bacia circular de cerca de 20 cm. de diâmetro cheia de mástique. O médium não estava amarrado. A impressão é realmente devida à extremidade de um grande tentáculo psíquico, mas, para um observador superficial, apareceria como o vestígio da sola de um sapato de mulher. A parte esquerda do contorno é quase reta e percebem-se pequenos furos, os quais lembram furos de agulha. Além disso, a impressão apresenta um aspecto rugoso mais ou menos semelhante ao que produziria uma sola. Na região mais côncava, a profundidade é de cerca de 8 mms., e de 8/10 de mms. no outro lado. A parte que corresponderia à extremidade da sola não é tão profunda quanto o resto. A suposição de que o médium ou um assistente qualquer teria produzido esse sinal com seu pé, é completamente errada. Evidentemente isto resulta da comparação das impressões produzidas com os sapatos do médium e dos assistentes. (24)

(24) O autor entrega-se a uma verdadeira vistoria das fotografias, que convencem da profunda diferença entre as impressões psíquicas e as impressões dos calçados. Demonstra que as primeiras foram produzidas por uma membrana flexível recobrindo uma extremidade elástica e riscada.

As impressões planas eram às vezes muito limpas, outras vezes manchadas e, às vezes, semeadas de partículas semelhantes ao pó do carvão. Ora, não havia pó de carvão sobre o assoalho quanto mais na

sola dos sapatos do médium, os quais eram novos e expressamente feitos para essas experiências. Com o andar do tempo, descobri que essas partículas provinham de composição de uma faixa de fazenda que se encontrava dentro dos calçados, na ponta. Viam-se as marcas de uma espécie de raspagem. É inútil dizer que isso não podia ser executado fraudulentamente.

Portanto, vê-se que uma parte das hastes psíquicas tem sua origem junto aos pés do médium. A membrana que completa essas hastes, carrega partículas de reboco ao sair do sapato. Encontramos igualmente: sobre as impressões, grãos de areia colhidos de passagem sobre o assoalho ou em outro lugar.

Façamos um resumo dos resultados obtidos:

1.º) A barra da extremidade das hastes que produz impressões planas é mais dura que a superfície interior.

2.º) Esse contorno é composto de uma matéria elástica e levemente riscada.

3.º) A extremidade plana da haste é recoberta por uma membrana material alongada sobre a barra elástica exterior.

4.º) Essa membrana é mais ou menos elástica mas sua elasticidade é limitada pois, quando é sujeita a uma pressão muito grande, rompe-se, deixando nua a estrutura interior.

5.º) Tal é sua composição, que pequenas partículas a ela podem aderir.

6.º) A origem de algumas dessas hastes no corpo do médium, é revelada por partículas de um preparado provindas do interior do calçado.

7.º) A superfície das impressões planas não demonstra espécie alguma de trama ou bosquejo como é o caso das impressões côncavas.

XXI

O PROBLEMA DAS MEIAS
DO MÉDIUM

A dimensão das impressões côncavas varia de 1 cm² a 1 dm². A mais comprida não alcança a metade da maior impressão plana. A extremidade das hastes que as produz, às vezes é mole ao contacto, outras vezes dura como ferro.

Sua forma deve ser análoga a das impressões planas, isto é, oval. Mas, como com estas, o contorno pode ser modificado pela pressão da extremidade da haste.

Quase todas essas impressões são riscadas como a urdidura de uma meia, a menos que se haja pedido aos operadores que não produzissem esses riscos. Para medir o grau de analogia, meias semelhantes àquelas do médium, e mesmo as do médium, foram calcadas sobre a argila. As marcas foram encontradas idênticas. E no entanto todas as precauções haviam sido tomadas para impedir os pés do médium de se aproximarem além de 60 cm do prato contendo a argila e para impedir que aproximassem esse prato. Podia-se ouvir o ruído do tentáculo lhe produzia essas impressões enquanto eu observava as molas da cadeira do médium e os liames que atavam os assistentes: ora, nada se movia e todos os liames foram encontrados intactos no fim da sessão. O caso era tão misterioso para o médium e assistentes quanto para mim mesmo e passamos noites a esclarecê-lo. A solução me foi dada ao examinar atentamente as ampliações das fotografias de impressões planas. Apresentam, elas também, o desenho de um tecido de meia mais ou menos achatado ou torcido. Essas irregularidades ocorrem por ser a estrutura psíquica descoberta por uma membrana cuja matéria propagou-se pelos interstícios do tecido. Como se encontra num estado gelatinoso, meio-líquido, ela toma a forma desse tecido antes de ser projetada pelos operadores para a extremidade de sua haste. Transporta assim a impressão sobre a argila. Nas grandes impressões planas, essa membrana seria muito delgada para conter a matéria psíquica e suportar os choques e esforços; essa a razão pela qual os operadores a tornam mais espessa,

a ela acrescentando matéria psíquica e apagando um pouco a forma primitiva.

Entre os traços produzidos pela pressão de uma meia e a impressão psíquica, existe uma diferença: a impressão psíquica é mais nítida. Para obter a mesma nitidez com uma meia, seria necessário recobrir o tecido de uma matéria viscosa que pudesse aderir bruscamente como o gesso. É em verdade o que acontece com a modelagem psíquica.

Trata-se agora de saber em que partes do corpo e como se realiza a materialização da extremidade das hastes. Para isso, recortei pequenos orifícios na meia do médium, do lado esquerdo, ao redor dos calcanhares, sob os tornozelos e próximos aos dedos do pé. O médium em seguida calçou o par de sapatos do qual se havia utilizado em Glasgow, e eu fiquei atento para que fossem cuidadosamente laçados e atados com um nó triplo. Em seguida liguei estreitamente suas pernas pelos tornozelos e as ateí a cadeira. A caixa contendo terra para modelar foi colocada sob a mesa, a uma distância de 45 cm. Finalmente, coloquei sobre a mesa um prato de estanho, cheio de argila excessivamente plástica e cuja superfície era mais ou menos unida. Pedi aos operadores que nela fizesse todas as marcas que julgassem úteis a minha edificação. Devemos crer que o estado da argila era lhes conveniente, pois amassaram durante dez minutos.

Antes que terminasse a Senhora Morrison gritou que sentia tocaram-lhe o tornozelo. Seu marido disse que também lhe havia tocado no calçado. Examinamos o sapato da Senhora Morrison declarou que contato da estrutura psíquica era tão suave quanto às cútis de uma criança. Seu pé apresentava igualmente vestígios de terra argilosa.

A argila do prato apresentava fortes escoriações com, com 2 cm $\frac{1}{2}$ de profundidade. Era evidente que os operadores não haviam procurado fornecer-me os dados sobre as propriedades da estrutura, mas somente fazer-me apreciar sua solidez e seu poder de adesão. Na parte inferior da argila, um pedaço bastante grande havia sido tirado como se fosse cortado a faca. Achava-se, ao lado do prato, grande

número de marcas argilosas, principalmente na direção do médium. Havia-as também sobre os pés, na parte inferior e nos lados da mesa. À certa distância do prato, longe do médium encontrava-se uma pequena bola de argila quase esférica. Enfim, uma quantidade considerável de argila estava acumulada sobre os sapatos de Mlle G., sobre suas meias e sobre a corda que amarrava seus tornozelos. Esses objetos foram cuidadosamente retirados após a sessão e examinados. (25)

(25) O autor faz a descrição minuciosa das manchas observadas e de suas características. Junta alguns croquis e algumas fotografias cuja reprodução aqui não nos pareceu necessária.

A parte das solas que descansava no solo não estava manchada de argila. Ao examiná-la com a lente não descobri senão finas partículas de lama que aderiam levemente ao couro. Da mesma maneira, a parte que cobriam estava perfeitamente limpa. Pode-se, portanto concluir que, durante toda a experiência, os pés do médium ficaram imóveis, no mesmo lugar. Fato notável: se a sola está inteiramente limpa, ali onde se acha em íntimo contato com o assoalho, contudo a argila poderia penetrar alguns milímetros sob as bordas. Ao voltar ao corpo do médium, a estrutura psíquica se havia arrastado sobre o assoalho e havia deixado vestígios em todo o espaço útil ao redor do calçado.

Encontramos ainda argila sobre a lingüeta do sapato direito, na risca do meio, sob os cordões e em frente aos orifícios e ilhoses, onde formava pequenas manchas circulares. Entretanto, a parte exterior dos sapatos, principalmente a parte de cima, estava limpa. Isso prova que ele não esteve em contato com a argila e que os vestígios sobre as lingüetas haviam sido produzidos pela estrutura psíquica suja de argila introduzindo-se no pé através dos ilhoses. Não se pode conceber como o médium poderia fazê-las fraudulentamente. Uma haste delgada, por exemplo, deveria, ao caminhar, abrir caminho mais fácil, dos dedos do pé do médium diretamente através da lingüeta de tecido frouxo, ou então contornando esta última e passando pelos ilhoses. Havia voltado pelo mesmo caminho, depositando a argila recebida do prato.

As marcas deixadas na meia esquerda pareciam ter sido feitas por uma haste de corte oval de 7 cm², procedente do tornozelo do médium. A marca deixada na meia da Senhora Morrison era perfeitamente igual àquela, ainda que de forma um pouco diversa. Dentro do sapato do pé direito, a sola estava coberta de finas partículas de argila por toda a parte onde o pé do médium não fazia pressão sobre o couro. Em compensação, a sola das meias estava perfeitamente limpa. Havia algumas manchas sobre o calcanhar e na extremidade dos dedos. Havia também pequenos orifícios que eu havia feito na orla das meias. Não se comparava a sujeira do sapato e meia esquerda com os do pé direito.

Até aqui pode-se concluir que as hastes psíquicas saíam dos dedos, do calcanhar, de planta do pé e do tornozelo. A desmaterialização se produz tão próxima do corpo quanto possível, no momento em que a estrutura volta a entrar. O mesmo acontece com a materialização. As hastes não avançam em linha reta mas insinuam-se entre os interstícios livres, tomando o caminho mais cômodo. Parece necessário que passem entre os pés do médium. Enfim, as hastes não procedeis senão do médium e não dos outros membros do círculo.

Além das pequenas partículas de matéria encontradas nas impressões côncavas, observei também alguns restos de substância provenientes das meias do médium, do ferro da lingüeta e dos cordões do sapato. Um dia, encontrei um longo fio pardo que ia de uma extremidade a outra da impressão. Achava-se enrolado no fundo da cavidade e deve ter sido necessária muita força para arrancá-lo do tecido da meia. Encontrei também pequenos flocos de lã.

Finalmente, assinalo os ruídos singulares que se ouviam nas proximidades dos pés do médium, exatamente antes da produção dos fenômenos. Indicavam uma fricção violenta exercida por pulsações sobre as meias. Leves toques eram percebidos, logo após, sobre o assoalho, revelando a passagem da estrutura psíquica.

XXII

O MÉTODO DOS CORANTES E ORIGEM DAS ESTRUTURAS

A fim de estar perfeitamente seguro de que o médium não podia fazer uso de seus pés, mandei fazer uma caixa onde os encerrei durante as sessões. Descansavam sobre uma barra de madeira fixa no centro e estavam presos por um argolão de ferro. Quando se fechava esse dispositivo, os pés não se podiam mover. A levitação não foi menos fácil. Nesse dia, eu havia colocado uma tina de argila muito diluída em água corante de azul de metileno. Os operadores foram solicitados a embeber a extremidade de uma haste na argila e a deixar marcas sobre o assoalho, a caixa, etc. Eles o fizeram com um ruído que se assemelhava exatamente ao ruído de um gato bebendo leite. No fim da sessão, encontramos marcas azuis na frente e no fundo da caixa, assim como muita argila no fundo, em um dos lados e sobre a trave de apoio. Os calçados traziam uma grande mancha na parte posterior. Quanto as meias, a sola inteira do pé de uma delas, dos dedos ao calcanhar, estava cheia de água argilosa, a lã havia sido esfregada com violência e pequenos fios haviam sido arrancados. A outra meia não estava manchada na sola mas em redor dos dedos e sobre a ponta do pé, assim como próximo aos calcanhares.

As marcas deixadas na argila fluída traziam a impressão mais ou menos deformada e apagada do tecido das meias. Lembravam as marcas que poderiam ser feitas pelos dedos, calcanhares ou pela planta dos pés, mas eram muito pequenas e muito geometricamente exatas para pertencerem ao pé calçado do médium.

Em outra experiência onde Mlle G. trazia botinas altas estreitamente atadas, e os pés presos na caixa por mim descrita, algumas marcas foram feitas na parte de baixo da mesa, previamente rebocada de fuligem sem o conhecimento dos assistentes. Examinadas na lente revelaram o tecido bem conhecido das meias. Raps também foram produzidos, mas com menos força. O médium demonstrava uma tensão extrema. Percebia-se a estrutura enrolar-se ao redor de um dos pés da mesa. A Senhora Morrison sentiu qualquer coisa semelhante a um gancho assentar bruscamente sobre seu joelho. No tornozelo do médium, o tecido da meia foi encontrado distendido e raspado. Na sola, o nome da fabricante havia sido impresso na lã em caracteres dourados: após a sessão, pequenas partículas de ouro foram encontradas sobre as partes raspadas da meia, indicando a passagem da matéria psíquica da planta à ponta do pé.

Em outra ocasião, os pés do médium haviam sido postos sobre o aparelho de pressão e som. Mlle G. usava um par de meias de seda, novo. Na sola de uma das meias, próximo ao dedo grande, eu havia passado lápis amarelo e na sola da outra, lápis verde. As partículas coloridas foram transportadas para cima do dedo, em seguida para a ponta do pé e sobre a botina onde acusavam a saída da matéria psíquica.

Mesma experiência com a tinta a óleo, aplicada desta vez sobre a sola, dentro do calçado. Encontrei, no pé esquerdo somente, vestígios de tinta dentro da parte superior do sapato, na extremidade da lingüeta e na meia, na ponta do dedo grande. Também encontrei sobre um objeto colocado sob a mesa e que havia sido tocado durante a sessão.

A última série de experiências foi realizada com os pés do médium descansando sobre os pedais de contacto elétrico, já descritos, os quais assinalavam a suspensão do contacto dos pés por meio de um alarme. O aparelho não havia ainda sido aperfeiçoado, de maneira a impedir o médium de fazer ultrapassar a ponta dos pés conservando o calcanhar sobre o pedal. A separação mediana parecia embaraçar

muito os operadores. A estrutura aí roçou com ruído e encontrei pequenas manchas de tinta vermelha que provinham de dentro dos calçados. A parte inferior da mesa havia sido queimada e algumas partículas negras foram descobertas nas meias, sobre os dedos. Os operadores haviam tentado escrever sob a mesa, pois letras maiúsculas, rusticamente compostas, aí eram visíveis. (26)

(26) Em outra ocasião, a palavra WORD (palavra) foi escrita sob a mesa.

Essas experiências estabeleceram os seguintes resultados

1º) A saída da substância psíquica dos pés do médium prolonga-se por certo tempo e não é contínua, mas produz-se por espasmos que apresentam uma intensidade crescente e provocam leves movimentos involuntários dos pés e das pernas.

2º) A estrutura, uma vez fora, pode agir estaticamente, por exemplo, para erguer uma mesa, sem que se movam os pés do médium. Pode também agir cineticamente, para produzir raps, sem que os pés revelem sensível movimento, mas isto é mais difícil. Fortes movimentos cinéticos fazem soar o alarme; Eles são raros, sendo que os operadores cedo aprenderam a evitar os movimentos violentos de corpos volumosos.

3º) Entre o 1.º e o 2.º há um intervalo durante o qual a matéria psíquica do plasma (27) é moldada.

(27) É a primeira vez que o autor emprega a palavra plasma que indica ser a matéria psíquica a própria carne do médium. Os autores franceses, segundo Richet, dizem ectoplasma (plasma exteriorizado).

4º) Quando a estrutura se afasta, após a conclusão dos fenômenos, os pé: e as pernas do médium ficam levemente afetados e de vez em quando abandonam o contacto, à medida que o plasma se reabsorve.

O problema da origem do plasma foi perfeitamente esclarecido graças ao método das manchas. Consiste em empregar diversos pós coloridos, os quais aderem ao plasma e permitem, de algum modo, seguir sua pista. Recomecei logo as experiências com o azul de metileno. Acrescentei ainda à argila colorida, óleo de eucalipto. Após a sessão, as botinas e as meias do médium apresentavam manchas azuis. Um odor de eucalipto era perceptível na parte superior das botinas.

Mas a matéria por mim empregada de preferência era o pó de carmim. Encerrei os pés do médium em sua caixa, após untar de carmim a sola e a ponta das botinas. Além disso, o fundo da caixa estava coberto de um pó preto (noir de liége). Ao fim da sessão, o carmim havia caminhado dos dedos ao calcanhar, ao comprido das solas. Havia-o também na superfície dos sapatos e nos lugares correspondentes sobre as meias. Numa das meias, os vestígios de carmim subiam até acima do joelho. O pó preto havia produzido grandes manchas nas meias até o meio da perna.

Empreguei também tinta dourada. Revesti a sola interna de cada sapato. No fim da experiência, encontrei partículas douradas acima do calcanhar e na ponta do pé. Via-se um rasto nas meias até a parte do joelho.

Colocando um prato de farinha fora do alcance do médium, sobre o assoalho, a farinha foi transferida para um dos sapatos e uma meia. Toda a sola da meia estava impregnada. Havia também sobre a gáspea e os cordões, como se o plasma houvesse passado por sobre o sapato e entrado novamente no pé pela planta, contornando o tornozelo.

Os dados relativos ao transporte das substancias pulverosas, tais como o carmim e a farinha, não podem levar senão a uma única conclusão. De uma forma ou de outra, o plasma deve penetrar nos sapatos do médium. Ou tem sua origem nos pés e segue seu curso para fora subindo entre os sapatos e as meias, ou vem de outro lugar, mas é forçado a se reunir aos pés para aí concluir algum processo e sair novamente. A saída tem lugar habitualmente pela parte lateral, à altura do meio do pé, onde o contacto entre o sapato e a meia é superficial, se bem que haja também um movimento considerável atrás do calcanhar.

Notei que os vestígios de carmim eram percebidos nas meias até acima dos joelhos e mesmo até para cima das meias. Os rastos vermelhos eram mais claramente visíveis no meio da barriga da perna, na sua parte interna. A questão era agora saber se não havia um fluxo de plasma descendente do corpo do médium ao longo das coxas ou

mesmo se todo o plasma não provinha do tronco. A hipótese é provável, pois os pés e as pernas nada mais são do que órgãos de reação, análogos às rodas de uma charrete, estando os grandes centros de energia nervosa e atividade genética no próprio corpo. Realizei então algumas experiências para estar firme sobre esse ponto.

O médium vestiu uma calça de tecido de algodão branco, sob a vigilância de minha mulher. Pó de carmim foi posto nos seus sapatos. No fim da sessão, havia rastos de carmim de 5 a 7 cm de largura ao comprimento das duas meias e dentro da calça, até a junção das pernas. Essa experiência foi recomeçada diversas vezes e deu o mesmo resultado. A redução do plasma, acima das pernas, devia exercer uma notável ação física, pois no debrum da calça, do lado de dentro, alguns fios de algodão haviam sido arrancados do tecido. O debrum estava todo manchado de vermelho.

Essas experiências demonstram inegavelmente que o plasma volta pelo tronco, mas não indicam se saía. Portanto, untei de carmim o interior das pernas da calça, numa extensão de alguns centímetros. No fim da sessão, constatei rastos de carmim que desciam ao longo da calça, estendiam-se sobre a bainha, passavam sobre as meias, principalmente ao comprimento da barriga da perna, penetrando finalmente nos sapatos. Assim é certo que o plasma sai do tronco e para aí volta. A quantidade emitida devia ser considerável, pois o corante havia feito à volta das coxas até à base da coluna vertebral. Durante a sessão, o plasma havia ocupado todo o espaço onde a roupa branca não estava em contato com a pele, o que leva a pensar que durante as interrupções dos fenômenos, por exemplo, quando se acende uma luz, não penetra necessariamente no corpo do médium, mas esconde-se sob as vestes.

Novamente, passaram o avesso das calças no azul de metileno e esfregaram carmim na parte posterior das meias, a 15 cm acima dos sapatos. Ao fim da sessão, acharam que o azul de metileno havia descido até a barra da calça tendo igualmente alcançado os fundilhos,

da junção até o sacro. Quanto ao carmim, havia descido diretamente até os dedos, nas duas meias.

De todas essas experiências, resulta que o plasma desce da bacia e invade os pés de todos os lados, penetrando nos sapatos. Muito provavelmente, não há parte alguma que tenha sua origem no pé. O fato da coloração vermelha tornar-se muito mais fraca a partir do meio da perna, por volta do joelho, prova que os operadores se utilizam da barriga das pernas como ponto de apoio de suas estruturas.

XXIII

VISIBILIDADE E FOTOGRAFIA DAS ESTRUTURAS

Até esse momento, as estruturas psíquicas haviam sido tocadas sem que se conseguisse vê-las, à luz vermelha das sessões. Sábado, 8 de março de 1919, tive ocasião, pela primeira vez, de vê-las, no círculo Goligher. O processo era simples. Uma folha de papelão de cerca de 9 dm² foi revestida de matéria fosforescente, (28) exposta à luz do sol durante algumas horas e em seguida colocada sobre o assoalho, dentro do círculo. Eu já havia tentado, ao acaso, alguns anos antes, mas sem sucesso; portanto não esperava grande resultado da experiência. Os operadores haviam sem dúvida aperfeiçoado seus métodos, pois desta vez fui bem sucedido e tive daí em diante um poderoso instrumento de pesquisa entre as mãos.

(28) Luminous paint. Trata-se, evidentemente, de sulfureto de cálcio ou de zinco.

O médium tinha os pés presos na caixa. Os operadores foram solicitados a passear suas estruturas sobre o papelão fosforescente. Ao cabo de pouco tempo, um corpo arqueado, mais ou menos como a ponta de um sapato, projetou-se sobre um ângulo do papelão e desapareceu. O fenômeno realizou-se duas ou três vezes como se os operadores se quisessem habituar a essa luz. Eles não foram perturbados, pois a estrutura deslocou-se com facilidade diante do papelão.

Quando não se acha em estado de tensão, assemelha-se ela a um pé humano sem os calcanhares. Mas está apta a sofrer, à vontade, extraordinárias alterações de forma. Pode afilar-se em ponta, se recurvar em gancho, estender-se, de forma a assemelhar-se a um cogumelo ou a uma folha de couve. A porção terminal, a qual sofre todas essas transformações, parece se distinguir do resto da estrutura; sua flexibilidade é maravilhosa. Eis o que se passou em uma sessão onde não havia argila na sala. O médium tinha os pés dentro da caixa. Exatamente antes da levitação, os operadores produziram um raps sobre a mesa. Mas foi impossível saber o que desejavam e desistimos de proceder por soletração. Após, a sessão, encontramos leves marcas de argila em volta, dos dois pés da frente da mesa. Compreendemos então que os operadores queriam chamar nossa atenção sobre o método de levitação. Haviam friccionado suas duas estruturas em algumas parcelas de argila que tinham ficado coladas ao assoalho, numa sessão anterior, e haviam erguido a mesa, agarrando-a pelos pés, com hastes em forma de gancho. Aliás, a Senhora Morrison tinha assistido a essa operação; as estruturas tinham a grossura de um pulso e eram retas.

Em outra sessão, as estruturas pareciam de igual densidade e menor flexibilidade. Vistas de cima, pareciam negras, mas à luz difundida pelo écran eram brancas. Quando saíam da caixa onde os pés do médium se achavam encerrados, estavam reunidas simultaneamente e ocupavam toda a largura da abertura. Em outras ocasiões, pareciam ter sofrido uma preparação dentro da caixa estando recobertas de uma couraça espessa de substância materializada, para serem mais resistentes à luz. Daí resultou uma falta de flexibilidade tanto maior que eu aumentei a superfície dos écrans ou sua prévia insolação. A diferença é exatamente a de uma mão nua para uma mão enluvada. Consegui assim obter que uma haste viesse arranhar impunemente a superfície luminosa.

Tentei certa vez fotografar a estrutura. Empreguei chapas pancromáticas e expliquei aos operadores ser necessário mantê-las

por longo tempo frente ao écran. Era grossa e em forma de ponta. Veio colocar-se no ponto desejado, diante do aparelho. Após a pose, quando entrou novamente no médium, este teve um tremor convulsivo. Um segundo clichê foi colhido. O fotógrafo M. Stoupe, havia pedido mentalmente que a estrutura permanecesse por um minuto. Ao cabo do sexagésimo segundo, exatamente, desapareceu. (29) Infelizmente, a exposição não havia sido suficiente e as chapas nada revelaram. (30)

(29) É necessário aproximar esse caso de "leitura do pensamento a um outro caso onde a Senhora Crawford havia igualmente desejado que seu vestido fosse tocado por uma haste." Após a sessão, foram encontradas, realmente, manchas de argila sobre sua pessoa.

(30) O autor entretanto obteve impressões semelhantes a "dedos" por impressão direta sobre uma chapa de gelatina-bromureto. Era antes uma ação de contato do que propriamente uma imagem.

Somente nos últimos seis meses foi possível fotografar ao magnésio a substância procedente do corpo do médium. Desde há um ano, eu colhia clichês em cada sessão e os operadores informaram-me de que o sucesso chegaria se eu soubesse ser perseverante. A principal dificuldade vinha da necessidade de não prejudicar o médium. Estendi um tecido preto diante da parte inferior de seu corpo. Com esse método fui bem sucedido. Desde o primeiro instante pequenas manchas de plasma foram vistas sobre a chapa, depois as quantidades exteriorizadas aumentaram e conseguimos fotografar as estruturas completamente desenvolvidas, mas nunca em estado de tensão: o choque do clarão teria sido muito violento para o médium. Essa a razão porque não obtivemos nenhuma fotografia da mesa em total levitação. Os operadores esforçam-se para dar-nos uma. (31)

(31) As experiências foram, infelizmente, interrompidas pela morte do autor.

Os clichês não foram mostrados a Mlle Goligher senão quando obtivemos toda uma série. Ficou muito surpresa e zangou-se por me ver publicar alguns.

